



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

FAV PPGPROCIDADE
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PROJETO E CIDADE



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE

GABRIEL AIRES PEIXOTO DE LIMA

**Apagamentos, resistências e transformações dos saberes medicinais com
plantas em Goiânia**

GOIÂNIA/GO

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Gabriel Aires Peixoto de Lima

3. Título do trabalho

Apagamentos, resistências e transformações dos saberes medicinais com plantas em Goiânia

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Aires Peixoto De Lima, Discente**, em 25/08/2025, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira**, **Professor do Magistério Superior**, em 25/08/2025, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5595923** e o código CRC **FC064BCD**.

Referência: Processo nº 23070.029795/2025-76

SEI nº 5595923

GABRIEL AIRES PEIXOTO DE LIMA

Apagamentos, resistências e transformações dos saberes medicinais com plantas em Goiânia

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de mestre em Projeto e Cidade.

Área de concentração: Projeto, Teoria, História e Crítica

Linha de pesquisa: História e Teoria da Arquitetura e da Cidade

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Mara Vaz de Oliveira

GOIÂNIA/GO

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Gabriel Aires Peixoto de
Apagamentos, resistências e transformações dos saberes
medicinais com plantas em Goiânia [manuscrito] / Gabriel Aires
Peixoto de Lima. - 2025.
CLVII, 157 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em
Projeto e Cidade, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas.

1. etnografia urbana. 2. Goiânia. 3. natureza. 4. paisagem urbana.
5. saberes tradicionais com plantas. I. Oliveira, Adriana Mara Vaz de,
orient. II. Título.

CDU 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **005/2025** da sessão de Defesa de Dissertação de **Gabriel Aires Peixoto de Lima**, que confere o título de Mestre em **Projeto e Cidade**, na área de concentração em **Projeto, Teoria, História e Crítica**.

Ao/s **trinta dias de junho de dois mil e vinte e cinco**, a partir das 15hs, na sala remota do Google Meet (<https://meet.google.com/cbe-wjzs-sru>), realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“Apagamentos, resistências e transformações dos saberes medicinais com plantas em Goiânia”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Adriana Mara Vaz de Oliveira (FAV-UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Pedro Dultra Britto (UFPB), membro titular externo; Professor Doutor Fernando Antonio Oliveira Mello (FAV-UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Adriana Mara Vaz de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **trinta dias de junho de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 30/06/2025, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 30/06/2025, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PEDRO DULTRA BRITTO, Usuário Externo**, em 02/07/2025, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5421887** e o código CRC **7E45E7AC**.

Referência: Processo nº 23070.029795/2025-76

SEI nº 5421887

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial à minha mãe, Kátia, minha tia Cleide e minha avó Marisa, por todo o carinho, incentivo e apoio incondicional em cada sonho novo. Aos meus guias espirituais e ancestrais, por me acompanharem, protegerem e por manterem as plantas que curam sempre em meu caminho.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Adriana Mara Vaz de Oliveira, pela paciência, apoio e contribuições a pesquisa. Aos professores da banca examinadora, Fernando Mello, Pedro Britto, Luciana Helena Silva e Christine Mahler, agradeço pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições e pelo tempo dedicado a pensar as questões colocadas pela pesquisa.

Aos interlocutores da pesquisa, Maria Luíza da Silva Oliveira, Daniela Ribeiro, Maria Ferreira de Sousa, Liliane Dias dos Santos, Ana Carolina Campos, Deroci Guimarães, Leda Godói, Luciano André Rocha, Francisco Nogueira e Wilson Mozena, por gentilmente, compartilharem suas memórias e saberes com as plantas, permitiram que esta pesquisa fosse possível.

Às amigas do mestrado, Júlia, Maria Eduarda, Ítalo e Ana Vitória, pelo companheirismo e trocas que enriqueceram essa caminhada. Às minhas amigas, Ana Luiza, Bárbara, Esther, Larissa, Sabrina, Isabela, Millena, Iza, Nít, Nolu, pela amizade, pelo afeto e por todo o suporte nesse tempo. Ao meu namorado, Marcos Júnior, pelo companheirismo, amor paciência e apoio em todos os momentos.

Por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento e pelo apoio financeiro, que tornaram esta pesquisa uma realidade.

“Sem folha não tem sonho,
Sem folha não tem festa,
Sem folha não tem vida,
Sem folha não tem nada.”

Salve As Folhas, Maria Bethânia

RESUMO

A presente dissertação investiga as dinâmicas de apagamento, resistência e transformação dos saberes tradicionais associados às plantas medicinais no contexto urbano de Goiânia/GO. Partindo do reconhecimento do uso de plantas medicinais como prática ancestral resultante da interação entre diferentes cosmovisões e a paisagem natural, a pesquisa discute como esses conhecimentos persistem e se adaptam na paisagem urbana, considerando as relações culturais de domínio sobre a natureza e as consequências da urbanização nas percepções e representações dos saberes tradicionais associados a ela. Embora planejada para romper com o passado rural, Goiânia mantém manifestações dessas práticas. Portanto, o foco reside na compreensão da importância cultural desses saberes e sua relação intrínseca com os espaços onde são praticados, ressignificados e difundidos. Investiga-se como esses conhecimentos circulam e se adaptam na paisagem urbana de bairros de Goiânia, como Central, Leste Vila Nova e Vila Itatiaia, analisando espaços-chave como quintais e jardins medicinais, importantes lugares de prática, memória e transmissão e espaços de comercialização de ervas e remédios naturais como mercados, feiras e lojas de raízes. Para compreender a dinâmica viva desse saber e suas manifestações na cidade, a pesquisa buscou contato com diversos atores sociais envolvidos nesse universo, como raizeiros, comerciantes e consumidores. Desse modo, o processo de pesquisa deste trabalho fundamenta-se pelo trânsito entre o campo teórico e prático, combinando revisão bibliográfica com ênfase nas oralidades e pesquisa etnográfica, incluindo observação, entrevistas e a produção de imagens como desenhos e fotografias. Entre os resultados encontrados, constatou-se que, paradoxalmente, a influência industrial e a mercantilização, ao mesmo tempo que fragmentam a conexão com a natureza, podem viabilizar a manutenção desses saberes em novos formatos. Os espaços investigados funcionam como pontos de acesso, onde o conhecimento se manifesta, é negociado e ressignificado, mantendo sua importância para a identidade, memória coletiva e práticas culturais locais.

Palavras-chave: etnografia urbana; Goiânia; natureza; paisagem urbana; saberes tradicionais com plantas.

ABSTRACT

This dissertation investigates the dynamics of erasure, resistance, and transformation of traditional knowledge associated with medicinal plants in the urban context of Goiânia, GO. Recognizing the use of medicinal plants as an ancestral practice resulting from the interaction between different worldviews and the natural landscape, the research discusses how this knowledge persists and adapts in the urban landscape, considering the cultural relations of dominion over nature and the consequences of urbanization on the perceptions and representations of traditional knowledge associated with it. Although planned to break with its rural past, Goiânia maintains manifestations of these practices. Therefore, the focus lies on understanding the cultural importance of this knowledge and its intrinsic relationship with the spaces where it is practiced, resignified, and disseminated. This study investigates how this knowledge circulates and adapts in the urban landscape of Goiânia's neighborhoods, such as Central, Leste Vila Nova, and Vila Itatiaia, analyzing key spaces like backyards and medicinal gardens, important places of practice, memory, and transmission, and spaces for the commercialization of herbs and natural remedies, such as markets, fairs, and root shops. To understand the living dynamics of this knowledge and its manifestations in the city, the research sought contact with various social actors involved in this universe, such as raizeiros (traditional healers/herb sellers), merchants, and consumers. Thus, this study's research process is based on the interplay between theoretical and practical fields, combining a literature review with an emphasis on orality and ethnographic research, including observation, interviews, and the production of images such as drawings and photographs. Among the findings, it was noted that, paradoxically, industrial influence and commodification, while fragmenting the connection with nature, can enable the maintenance of this knowledge in new formats. The investigated spaces function as access points where knowledge is manifested, negotiated, and resignified, maintaining its importance for identity, collective memory, and local cultural practices.

Keywords: *urban ethnography; Goiânia; nature; urban landscape; traditional plant knowledge.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. Natureza, cidade e cultura: algumas questões sobre apagamentos	24
1.1. O lugar da natureza na paisagem urbana	24
1.2. Natureza e tradição em Goiânia	28
1.3. Raizeiras: entre práticas tradicionais e usos contemporâneos dos saberes com plantas	35
2. Raízes: resistências dos saberes na cidade	49
2.1. Outras etnografias urbanas: experiências, narrativas e imagens	49
2.2. Algumas noções sobre a institucionalização desses saberes	57
2.3. Quintais e jardins medicinais	61
3. Novas formas: ervas em transformação	80
3.1. Nas ruas	80
3.2. Feiras livres	100
3.3. Mercados públicos	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
Referências	139
APÊNDICE A: Glossário medicinal da planta ao remédio	144
Anexo A	152
Anexo B	154

INTRODUÇÃO

O resgate do saber medicinal com plantas pode ocorrer com a ajuda de diferentes figuras, como avós, raizeiras¹, comerciantes, curandeiras, benzedoras, pajés, sacerdotes, oficiais, encantados², entidades espirituais, entre outras (Lima, 2022). Esses conhecimentos são transmitidos oralmente, por meio de histórias, conversas e ensinamentos informais, mas também se revelam em sonhos, sinais da natureza e práticas simbólicas. Por estarem presentes na vida cotidiana, são constantemente ressignificados por seus praticantes, a partir de apropriações e novos usos. Essa dinâmica os mantém vivos e relevantes, conectando diferentes gerações enquanto preserva e, ao mesmo tempo, transforma as tradições culturais. Dessa forma, esses saberes populares, enquanto imaterialidades, configuram-se como parte de “sistemas de relações sociais e simbólicas capazes de operar uma mediação sensível entre o passado, o presente e o futuro” (Gonçalves, 2010). Portanto, superam a dimensão funcional, por não estarem limitados ao uso prático das plantas mas revelarem também concepções de mundo, sistemas de valores e relações socioespaciais.

No meu caso, a relação com essas práticas remonta à infância junto à minha avó materna Marisa Aires Bento em seu quintal, observando seus esforços de cuidado da saúde com os conhecimentos sobre a natureza (Figura 01). Esse saber empírico, por sua vez, aprendera com a minha bisavó, Maria Santana Bento Luz (*In memoriam*), na zona rural do interior do Tocantins. Mais tarde, por volta dos sete ou oito anos de idade, presenciei outra criança se machucar enquanto brincávamos de bicicleta, e na tentativa de ajudar, recorde de arrancar uma planta qualquer e apertar contra o ferimento. No fundo, sabia que aquela sarça que crescia despretensiosamente entre o piso e a parede não possuía as propriedades curativas

¹ Compreende-se como raizeiro os sujeitos com conhecimentos sobre a identificação de plantas medicinais, cultivo, coleta, armazenamento, conservação, diagnóstico de doenças, preparo e/ou indicação de remédios, podendo ou não ser comerciantes.

² De modo geral, na cosmologia indígena brasileira, os encantados são compreendidos como seres espirituais que atuam como protetores da natureza e detentores de sabedorias ancestrais. São frequentemente associados a elementos naturais como as florestas, as pedras, as águas, as cachoeiras e os rios (Potiguara, 2014).

que o menino precisava. Contudo, havia a crença de que de algum modo, aquela ação contribuiria para a restauração da saúde do garoto com o joelho ralado.

Figura 01: Fotografia analógica, reminiscências do quintal da vó Marisa, em Aragarças/GO.



Fonte: Foto do autor, 2022.

Assim, a fé que carregou nas plantas foi uma semente plantada pela minha avó e os caminhos percorridos até aqui me conduziram até pessoas que, gentilmente, me permitiram aprender e acessar outros saberes ancestrais escondidos na terra. A compreensão de como se dão os processos de coleta e armazenamento das plantas para posterior produção e comercialização de remédios naturais³ pude aprimorar ainda na graduação em arquitetura e urbanismo, no projeto de extensão *Casa de Tradições e Paisagens do Cerrado*⁴, entre os anos

³ O termo remédio natural é adotado para se referir a garrafadas, xaropes, infusões, pomadas, tinturas, pílulas, entre outros. Ou seja, preparos obtidos a partir de ingredientes vegetais como raízes, entrecascas, folhas, flores e frutos, sem ou com mínima alteração química, tradicionalmente utilizados com propósitos medicinais.

⁴ Sob coordenação da Prof^a Dr^a Luciana Helena Alves da Silva em um processo investigativo dentro de sua pesquisa de doutorado em Geografia (IESA/UFG) intitulado “O Habitar e a Memória em Terras da Santa: Ancestralidade no Arraial da Barra, na Cidade de Goiás/GO”.

de 2018 e 2022, e no trabalho de conclusão de curso⁵, em que tive a oportunidade de acompanhar e contribuir com o registro das práticas cotidianas de Dona Maria Luiza, Vera Lúcia e Gislene, raizeiras da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Rio Vermelho com sede na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino na Cidade de Goiás/GO.

Embora o estudo desses saberes tradicionais seja um campo interdisciplinar, é predominantemente abordado sob a ótica das ciências biológicas, agrárias e da saúde, com foco no cultivo e manejo sustentável das plantas, na identificação dos princípios ativos e em seus potenciais usos terapêuticos. No entanto, há uma lacuna significativa nas ciências sociais aplicadas, especificamente no campo ampliado da arquitetura e do urbanismo. Nesse contexto, a pesquisa se justifica pela carência de pesquisas acadêmicas que articulem a história e teoria da arquitetura e da cidade aos saberes tradicionais e às práticas culturais relacionadas ao uso de plantas medicinais. Essa aproximação possibilita compreender como as paisagens urbanas incorporam, transformam e, frequentemente, suprimem práticas culturais que integram natureza, sociedade e a cidade. Distanciado-se, portanto, de uma catalogação botânica ou científica das espécies, a pesquisa concentra-se na compreensão dos saberes tradicionais associados às plantas medicinais e, crucialmente, nos espaços onde estes são praticados, ressignificados e difundidos. Busca-se investigar como esses conhecimentos circulam, se adaptam e se manifestam na paisagem urbana. A ênfase recai, portanto, na dinâmica viva desse saber e em sua relação intrínseca com os territórios onde ele é vivido e transmitido.

Desde 2023, com a mudança de residência para Goiânia, o foco da pesquisa se desloca de uma cidade do interior para a capital, passando por uma adaptação para contemplar os novos questionamentos, especificidades e complexidades de uma cidade de porte maior, pós-pandemia do COVID-19. A experiência prévia contribuiu significativamente para a construção de um referencial teórico-prático

⁵ Ver em: Lima, Gabriel Aires Peixoto de. *O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás*. 2022. 208 f., il. Orientadora: Prof^a Dr^a Camila Gomes Sant'Anna. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2022.

inicial, que serviu como base para explorar o universo cultural no novo contexto urbano. Em vista disso, a pesquisa busca aprofundar a compreensão do objeto de estudo, investigando não apenas sua manifestação, mas também como a paisagem urbana e seus elementos orientam as práticas dos sujeitos. Nesse sentido, considera-se que o “comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado” (Tuan, 1980, p. 2).

A paisagem, enquanto uma representação espacial, incorpora esses modos de habitar, trabalhar e viver, expressando fenômenos sociais no espaço físico (Malard, 2006), revelando tanto a estrutura organizacional das atividades quanto às possíveis relações de poder. O espaço é uma dimensão intrínseca à nossa percepção e interação com a terra, as pessoas e as coisas, manifestando-se tanto visual quanto fisicamente. No entanto, o espaço não é apenas uma categoria visual ou física, mas uma condição fundamental da existência humana, permeando todas as ações e interações no mundo. Considera-se, portanto, que é um mediador de existências e uma condição preliminar para a disposição e conexão das coisas. Assim, as espacializações são manifestações no espaço que resultam das interações entre eventos sociais, culturais, e elementos físicos. O ambiente construído conforma essas espacializações, que são expressões influenciadas pela cultura da comunidade, cuja tradição determina as formas sociais presentes no espaço habitado (Malard, 2006). A mesma autora completa:

Ao realizar atividades - na sua lida diária de ‘ser-no-mundo’ -, o homem faz acontecer no espaço (espacializa) as suas intenções, os seus desejos. Nesse processo, ele dispõe objetos, sinais e marcas, para adequar o ambiente àquilo que ele quer espacializar; assim ele cria lugares, dando forma física às suas intenções, aos seus desejos. (Malard, 2006, p. 36)

Desse modo, a percepção do imaginário e suas representações partem do reconhecimento que as cidades são construídas por espacializações carregadas por camadas de significado, simbolismo e experiências subjetivas. De acordo com Ferrara (2000), a imagem, como fruição coletiva, e a cidade se constituem na sua união. O imaginário, logo assim, se faz como elemento capaz de acumular, associar e produzir noções imagéticas a partir daquelas que o originou. Em outras palavras -

e vale destacar a mutualidade dessa relação que não se estabelece numa única via, a capacidade de leitura urbana implica mediação, identificação e interpretação das imagens concebidas e geradoras do imaginário. Portanto, refletir sobre a imagem, o imaginário e as representações da cidade demanda um exercício que vai além do desafio visual da percepção. É necessário também identificar e distinguir diferentes imagens, estar aberto para entender os estímulos visuais, estabelecer conexões entre presente e passado, considerar as possíveis mudanças ao longo do tempo e compreender generalizações, levando em conta também as correlações globais para melhor entender os contextos locais (Ferrara, 2000).

E, nesta medida, o imaginário – esse sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas – é sempre um outro real e não o seu contrário. O mundo, tal como o vemos, apropriamo-nos e transformamos é sempre um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Esse é o nosso “verdadeiro” mundo. [...] **O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário se compõe de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre sonhos, desejos e medos de cada época.** (Pesavento, 2006, p. 50, grifo nosso)

Esses saberes relacionados ao uso medicinal de plantas estão impregnados na paisagem urbana, além das práticas familiares nos quintais e jardins domésticos, por meio do comércio de ervas e remédios naturais. Assim, embora tenha sido planejada para romper com a ruralidade, Goiânia mantém-se imersa em hábitos e costumes oriundos das migrações do campo, manifestos no seu imaginário e nas práticas da população. A forma física da cidade media seus conteúdos simbólicos a partir do seu imaginário, se reinventando simbolicamente à medida que as práticas sociais produzem novos conteúdos ideológicos (Mello, 2006). Não obstante as transformações urbanas, muitos aspectos da cultura rural ainda estão presentes no imaginário coletivo da população goianiense, perceptível na sua paisagem.

A paisagem não é, portanto, um simples conjunto de espaços organizados coletivamente pelos homens. É também uma sucessão de rastros, de pegadas que se superpõem no solo e constituem, por assim dizer, sua **espessura tanto simbólica quanto material. A**

paisagem também é um lugar de memória [...]. (Besse, 2014, p. 33, grifo nosso)

E completando:

[...] a paisagem (entendida como o conjunto de espaços, equipamentos e instituições urbanas) e os atores sociais. Não se trata, contudo, de um cenário já dado onde os atores desenvolvem suas práticas. Na verdade, a paisagem urbana é o resultado dessas práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de trocas. Esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de possibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos. (Magnani, 2009, p. 106)

Desse modo, a paisagem está sempre em processo. No caso das ervas e plantas, com a globalização e as influências da medicina moderna, ocorre um processo de aculturação, visto que “diferentes culturas se encontram, trocam informações e se influenciam mutuamente, transformando-se de forma dinâmica e apresentando novas formas de manifestações” (Di Stasi, 1995, p. 41). Apesar dessas transformações e da forte presença da medicina científica, “a fé do brasileiro na mandinga e no poder das ervas também sobreviveu, se tornando um dos traços mais marcantes e definidores da nossa cultura” (Pereira, 2022, p. 107).

Um exemplo dessa persistência e adaptação são as garrafadas. Definidas como remédios populares que “misturam plantas, cascas, sementes e raízes, em alguns casos até elementos minerais e animais, em uma garrafa [...] na qual é adicionado álcool como veículo para extrair o princípio ativo dos ingredientes - cachaça ou vinho branco são os mais comuns” (Pereira, 2022, p. 137). Néli Pereira (2022, p. 107) discute que essas panaceias mantiveram sua feição original, ligada uso de plantas nativas desde tempos coloniais e à prática de boticários, mas também “cruzaram as fronteiras da medicina para o sagrado”, sendo incorporadas e ressignificadas em diversas manifestações religiosas e por diferentes tipos de curandeiros populares. As garrafadas, assim, sobreviveram arraigadas na cultura popular. Essa resistência é alimentada por uma crença popular amplamente difundida, como nota Pereira (2022, p. 107), “o consumo e a crença são

generalizados, e não fazem distinção de classe social ou religião. Católico, umbandista, kardecista, evangélico, os povos do candomblé”.

Contudo, esse universo de práticas tradicionais coexiste hoje com a forte presença da indústria farmacêutica. Observa-se um fenômeno de substituição gradual de produtos tradicionais, como as garrafadas artesanais, por suplementos alimentares⁶ e fitoterápicos⁷ produzidos em escala industrial. O fomento desse comércio é evidente, respondendo a um interesse comercial e a uma demanda específica por produtos padronizados e de fácil acesso. No entanto, a contínua procura pelos remédios caseiros, pelas plantas *in natura* e pelos praticantes tradicionais, mesmo diante das alternativas industriais, sugere uma forma de resistência cultural.

Nesse contexto, a noção de resistência associado aos saberes tradicionais sobre plantas medicinais não se refere necessariamente a um confronto político direto, mas sim à capacidade dessas práticas e conhecimentos de persistir, adaptar-se e manter sua relevância em um contexto urbano e moderno que frequentemente os marginaliza ou tenta assimilá-los sob a lógica do mercado. Resistência, aqui, é entendida como a manutenção de modos de vida, visões de mundo e relações com a natureza que contrastam com o paradigma hegemônico da racionalidade científica e da separação entre cultura e natureza. Essa resistência se materializa em atos como o cultivo de ervas em pequenos espaços urbanos, a troca de mudas, a procura por raizeiros e a própria decisão de tratar certas enfermidades com remédios caseiros constituem atos de resistência. A paisagem urbana, com seus quintais, feiras, mercados populares e lojas de ervas, torna-se, assim,

⁶ Suplementos alimentares são produtos desenvolvidos para complementar a dieta de pessoas saudáveis, fornecendo nutrientes (como vitaminas e minerais), substâncias bioativas, enzimas ou probióticos. É fundamental distingui-los de medicamentos, pois não possuem a finalidade de tratar, prevenir ou curar doenças. (Brasil, 2024)

⁷ É o produto obtido exclusivamente de matéria prima ativa vegetal (compreende a planta medicinal, ou a droga vegetal ou o derivado vegetal), exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa. Podendo ser simples, quando o ativo é proveniente de uma única espécie vegetal medicinal, ou composto, quando o ativo é proveniente de mais de uma espécie vegetal medicinal. (Brasil, 2025)

expressão dessas dinâmicas de apagamentos, resistências e transformações culturais.

Em Goiânia, o comércio de tais produtos é espacializado em mercados municipais (Figura 02), feiras, quiosques e bancas de rua, *magazines*, ambulantes, lojas especializadas em raízes, *shoppings*, supermercados, dentre outras formas. Estes espaços refletem estes paradoxos, em que as interações humanas, intenções e desejos revelam a organização das atividades e as influências culturais e de poder no espaço habitado. O estudo desses espaços urbanos permite reconhecer como os processos de subjetivação são moldados por essa interação, evidenciando elementos simbólicos e culturais na configuração da relação entre cidade e natureza (Britto, 2013).

Figura 02: Raízes, entrecascas, folhas e flores secas comercializadas no Mercado Central de Goiânia.



Fonte: Do autor, 2023.

Para alcançar a compreensão das referências práticas e simbólicas presentes na paisagem estudada, optou-se por uma abordagem metodológica de caráter teórico-prático experimental. O processo de pesquisa deste trabalho teve início com levantamento bibliográfico sobre os conceitos e temas centrais como cidade, paisagem, natureza, território, cultura e espaço. Nesta perspectiva, buscando alternativas para a lógica do capital, é necessário repensar a cidade a partir de epistemes não eurocêntricas, indígenas e afro-diaspóricas (Bispo, 2023; Britto, 2013; Krenak, 2022). E, para além da revisão bibliográfica, tornou-se essencial compreender como esses saberes são construídos e difundidos na troca com o outro. Isso implica conhecer as vozes que experienciam a paisagem estudada e as manifestações vivas que são negligenciados no fazer-se ouvir ou que sofrem tentativas diretas de se fazerem silenciadas.

Os raizeiros e comerciantes, ao selecionarem ervas, prepararem remédios caseiros ou industrializados, e aconselharem seus clientes nos espaços públicos, estão constantemente exercitando e adaptando esse saber-fazer às demandas e condições da vida urbana em Goiânia. Nesse contexto, as ações desses praticantes podem ser compreendidas através da distinção que Michel de Certeau (2014) estabelece entre “estratégias” e “táticas”. As “estratégias” seriam as ações conduzidas por autoridades ou instituições com poder e controle sobre o espaço, como o planejamento urbano de Goiânia, as regulações sanitárias para o comércio ou a lógica dominante da medicina científica e do mercado farmacêutico. Em contrapartida, os raizeiros, pequenos comerciantes e consumidores de plantas medicinais frequentemente operam através de “táticas”. A tática, portanto, representa a ação de sujeitos que não controlam o espaço ou a situação formal. Em vez disso, eles empregam a criatividade e a improvisação para encontrar brechas na estratégia dominante, reconfigurando o uso do espaço e das condições existentes a seu favor (Certeau, 2014).

Embora os conhecimentos dos raizeiros sejam em sua maioria adquiridos de forma oral e intergeracional, isso não significa uma mera reprodução do passado. A oralidade, assim como a escrita, não é fixa, em seu processo de transmissão há criatividade e

transformações. Assim, memórias antigas são reelaboradas a partir de seleções de geração para geração, compondo memórias sociais. (Amaral, 2024, p. 36)

Conforme proposto por Certeau (2014), o pesquisador assume então o papel de um *bricoleur* interpretativo, integrando teoria e prática. O resultado desse processo é uma bricolagem, ou seja, uma montagem, uma estrutura reflexiva que conecta experiências e conhecimentos. A experiência direta na cidade, especialmente enquanto consumidor de ervas, raízes e remédios naturais, possibilitou interações sociais informais que orientaram os caminhos investigativos e a aproximação com os interlocutores. Esses encontros, somados a indicações e pistas, ampliaram as tramas da pesquisa, revelando novos entrelaçamentos entre pessoas, plantas, saberes e a paisagem urbana. Para tanto, a atividade de campo utiliza de técnicas e procedimentos da etnografia, oriunda da Antropologia, que presume a convivência do pesquisador com os sujeitos⁸ envolvidos. Assim, no período que compreende 2023-2025, a pesquisa se dedicou a conhecer memórias e histórias de sujeitos inseridos no universo cultural do objeto, como raizeiros, comerciantes e/ou consumidores. Para isso, a pesquisa etnográfica, além da ênfase na oralidade, envolve a observação e descrição de práticas e saberes sociais, a realização de entrevistas semiestruturadas com interlocutores (Eckert e Rocha, 2008) e a produção de imagens. Essa última inclui desenhos e fotografias, que são incorporados como outros modos expressivos de produção de conhecimento (Lotierzo e Hirano, 2023).

Diante dos apagamentos, resistências e transformações, a corrente pesquisa objetiva compreender como os saberes tradicionais com plantas são difundidos e espacializados a partir de sua manifestação na paisagem urbana, no caso de Goiânia. O trabalho possui ainda os seguintes objetivos específicos:

⁸ A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 78628124.8.0000.5083 e o Parecer nº 6.843.461.

- A. Averiguar as consequências das transformações socioespaciais decorrentes da urbanização nas práticas tradicionais de uso de plantas medicinais e suas expressões na paisagem urbana;
- B. Esboçar criticamente um retrato das dinâmicas culturais, relações cotidianas e práticas socioespaciais estabelecidas em torno do uso medicinal de plantas, evidenciando os saberes e suas transformações;
- C. Etnografar os espaços urbanos, como quintais, jardins medicinais, mercados, feiras e ruas, investigando as práticas relacionadas à obtenção e circulação de folhas, raízes e remédios naturais, bem como os significados culturais associados.

Para isso, a estrutura da dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Natureza, cidade e cultura: algumas questões sobre apagamentos*, de caráter teórico-conceitual, são abordadas as relações entre a construção da paisagem urbana e a natureza, discutindo o apagamento histórico desta nas povoações humanas. A análise se aprofunda no contexto de Goiânia, desde sua criação como capital planejada até a coexistência atual entre modernidade e tradição, manifestada, por exemplo, nos costumes ligados ao imaginário rural de cura. Em seguida, apresenta-se um panorama histórico desses conhecimentos e usos medicinais com plantas, discutindo como essas práticas populares se inserem e se transformam em contextos urbanos.

O segundo capítulo, *Raízes: resistências dos saberes na cidade*, aprofunda a discussão teórica e a conecta com aspectos empíricos da pesquisa. Inicialmente, explora abordagens sobre etnografia urbana, narrativas e o uso de imagens como ferramentas de investigação, representação e construção do conhecimento, fundamentando a metodologia empregada para o reconhecimento sensível e aprofundamento das questões na paisagem estudada. Discute-se também, o processo de institucionalização desses saberes, abordando políticas patrimoniais e iniciativas comunitárias. O foco principal deste capítulo recai, então, na análise dos quintais e jardins medicinais como espaços de resistência cruciais para a

manutenção da prática, cultivo, memória e transmissão desses conhecimentos, apresentando experiências etnográficas vivenciadas nesses espaços.

O terceiro capítulo, *Novas formas: ervas em transformação*, desloca o foco para a dinâmica desses saberes e produtos no espaço público e comercial. Analisa-se como as plantas, os remédios caseiros e os conhecimentos associados circulam, são comercializados e se transformam ao entrarem na lógica do mercado e do trabalho. São investigadas as especificidades da presença e venda desses produtos nas ruas, nos mercados públicos e nas feiras livres de Goiânia, observando as adaptações em embalagens, gestos, representações, perfis de vendedores e consumidores, e as tensões entre a tradição e a mercantilização.

Preciso saber urgentemente
porque é proibido pisar na grama

Porque é proibido pisar na grama, Jorge Ben Jor

1. Natureza, cidade e cultura: algumas questões sobre apagamentos

1.1. O lugar da natureza na paisagem urbana

No paradigma ocidental, a concepção da natureza na experiência humana é tida como “algo distante da experiência urbana e não como algo imbricado e inerente à existência humana e processos de territorialização” (Britto, 2013, p. 26). Ailton Krenak (2022), filósofo, líder e ativista indígena brasileiro, argumenta que essa separação desvincula os humanos do planeta, ignorando a interdependência entre todas as formas de vida. Essa perspectiva, enraizada na tradição filosófica ocidental, ignora a complexidade do mundo vegetal, tratando-o como algo estático e passivo. A dicotomia entre cultura e natureza coloca o ser humano como superior e separado da natureza, o que tem implicações significativas para a forma como concebemos e tratamos o meio ambiente. Como aponta Nascimento (2021, p. 83):

[...] os vegetais na maior parte das vezes foram vistos apenas como fontes de consumo alimentar e de energia combustível, como provedores de substâncias medicinais, como recursos para habitação e vestimenta, entre outras utilidades. Ou seja, como meros objetos úteis, sem vida própria, digna de respeito.

Nesse sentido, buscar alternativas para essa separação significa desafiar a lógica urbana, que trata a natureza como mero “repositório para a materialidade objetivada, neutralizada e basicamente inerte” (Mignolo, 2017, p. 7), e exige novas perspectivas que lide com as questões da cidade e da natureza de forma simétrica. No processo de construção da paisagem urbana, a natureza é organizada e controlada para atender às necessidades humanas. Logo, a manifestação da paisagem é consequência de um processo em que, “historicamente, a cidade se opõe a esse lugar que a gente chama de floresta” (Krenak, 2022, p. 50). Davi Kopenawa (2016), xamã e líder político do povo Yanomami, descreve a floresta como um espaço relacional, onde todas as formas de vida estão conectadas e compartilhadas.

Essa visão é corroborada pela história, que revela como o surgimento das cidades está atrelado à dominação simbólica da natureza. Influenciada pelo capitalismo, essa concepção utilitarista da natureza reforça práticas urbanas

predatórias e negligencia sua complexidade e importância intrínseca para a manutenção da vida. Krenak (2022) aponta que o imaginário urbano silencia outras formas de vida e presença no mundo, violando a natureza e reduzindo a rica diversidade do mundo natural em favor da urbanização e do progresso. Sobre o assunto, Krenak (2022, p. 57-58, grifo nosso) avalia:

O capitalismo precisa de uma plataforma - que é a urbana. [...] Aliás, a urbanidade institui um modo de vida que já está sendo chamado de necrocapitalismo, mas a ontologia do sujeito que nasceu na cidade, que tem o pensamento urbano, é tão potente que acaba influenciando as culturas do mundo todo. Assim, a partir dos gestos e da colaboração de cada um [...] a urbe vai se instituindo como o único destino possível dos humanos.

A paisagem urbana, como resultado de construções no imaginário e no espaço físico (Besse, 2014), reflete essa interação entre natureza, cultura, sociedade e economia, evidenciando como os processos urbanos moldam e são moldados por essas dinâmicas. Essa separação dificulta o reconhecimento e valorização das interações e interdependências das experiências relacionadas com a natureza na cidade. Essa oposição remonta a colonização em que o medo da natureza foi construído no imaginário e continua ecoando no século XXI no modo como se dão as relações entre seres humanos e a paisagem urbana (Cardim, 2022). O mesmo autor reforça:

Um componente importante devia influenciar a necessidade portuguesa de muros que contivessem a natureza selvagem, **e também seu desinteresse pela presença de vegetação urbana e pelo estudo da biodiversidade nativa:** o medo, sentimento potencializado no colonizador pela dramática diferença entre as paisagens naturais do Brasil e da Europa natal. (Cardim, 2022, p. 18, grifo nosso)

À medida que as cidades se expandem, áreas verdes e ecossistemas são pressionados e transformados em espaços urbanos. A urbanização intensificada pelo capitalismo aumentou a pressão sobre remanescentes naturais, transformando territórios⁹ para atender às demandas de infraestrutura, habitação e atividades econômicas. Assim, o acesso à natureza torna-se limitado, resultando em uma

⁹ Território é adotado como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (Souza, 1995, p. 78), moldado por dinâmicas sociais, políticas e econômicas.

desconexão crescente entre as pessoas e o ambiente natural. Exemplos incluem a remoção da vegetação nativa e introdução de espécies exóticas no paisagismo de praças, ruas e avenidas, apagamento do território frequentemente apoiado em discursos higienistas. Bispo (2023, p.18, grifo no original) faz uma reflexão sobre a cidade:

O que é a cidade? É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, *humanizado*. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade.

Na contemporaneidade, esses discursos privilegiam aspectos estéticos globalizados em detrimento da valorização da biodiversidade local, contribuindo para a homogeneização das paisagens urbanas e para o enfraquecimento de tradições culturais ligadas à natureza. Britto (2013) aborda a inter-relação entre natureza e cidade, destacando as experiências urbanas relacionadas com a natureza enquanto produtoras e produtos de intrincados processos de subjetivação e de engendramentos biopolíticos. Os processos de subjetivação mencionados pelo autor contribuem para a compreensão dos “modos de existência das territorialidades, sujeitos, práticas e sentidos engendrados na vida urbana pelas coexistências com a natureza” (Britto, 2013, p. 13).

Entre camponeses católicos, os ciclos da vida natural, entre a floresta, os campos de pastagens, os terrenos de lavouras sazonais ou permanentes, o pomar ao redor da casa e a horta próxima à cozinha, **são diversos e interligados tempos-lugares regidos pelas forças da natureza**, transformados pelas forças do trabalho humano e ordenados por princípios e ritmos extranaturais que entretecem a maior parte das atividades agropastoris de **tempos, ritos e gestos ora mágicos, ora religiosos**. (Brandão, 2007, p. 52-53, grifo nosso)

A globalização, a urbanização e o capital impactam a territorialidade, que inclui aspectos simbólicos como os significados culturais e históricos atribuídos aos lugares (Almeida, 2017). Essas transformações moldam a experiência do ser humano na cidade, alterando o vínculo entre o tempo e os convívios cotidianos (Brandão, 2007). A urbanização acelerada cria uma rede urbana concentrada e desigual que modifica, além da morfologia das cidades, suas relações e interações,

como também seus conteúdos. Essas mudanças de hábitos impacta nas relações que os sujeitos estabeleciam com a terra, provocando a fragmentação e segregação socioespacial e a redução da biodiversidade do bioma (Lima, 2022). Além de outras questões que envolvem a saúde pública como o acesso inadequado à água potável e saneamento básico, doenças relacionadas ao estilo de vida como hábitos menos saudáveis, redução da prática de atividades físicas e maior consumo de álcool e tabaco, a poluição sonora e do ar, acesso limitado a espaços verdes, entre outros. Contribuindo, assim, para que os discursos na contemporaneidade se esvaziem e as identidades locais se percam (Castells, 2018).

Apesar da predominância dessa lógica de separação entre natureza e cultura no contexto urbano, a paisagem da cidade também oferece pistas para problematizar essa dinâmica. Britto (2013) argumenta que a natureza controlada nas cidades pode, ainda, revelar “irrupções, desvios e precipitações” (Britto, 2013, p. 23) que apontam para horizontes alternativos para a convivência entre seres humanos e não humanos. A antropologia contemporânea, ao abordar a inteligência das plantas, busca superar a visão passiva da natureza e destacar sua potência ética, estética e política (Nascimento, 2021). Em Goiânia, os saberes tradicionais sobre plantas medicinais, transmitidos e praticados em quintais, jardins, feiras livres, mercados públicos e outros espaços da cidade, representam uma dessas “irrupções”. Estes saberes são uma forma de resistência à homogeneização e ao apagamento da natureza na cidade, e uma reafirmação da interdependência entre seres humanos e plantas. Nesse sentido, os múltiplos sentidos atribuídos à natureza na cidade e as relações espaciais que ela estabelece contribuem para compreender as hegemonias e resistências que emergem das interações cotidianas.

1.2. Natureza e tradição em Goiânia

Historicamente, Goiás foi caracterizado por uma realidade rural, na qual o modo de vida estava intrinsecamente ligado à pecuária, à agricultura e à própria natureza (Mello, 2006). Como descreve Carlos Rodrigues Brandão (2007), em sociedades rurais, os espaços da vida cotidiana e do trabalho se sobrepõem aos da natureza, visto que o sustento familiar e a reprodução da vida coletiva dependem, em grande medida, de atividades como coleta, caça e pesca. Assim, no contexto goiano, a ruralidade, identificava o espaço e a identidade local a partir de sua organização social e das práticas culturais associadas como o conhecimento da terra, o trabalho com técnicas rudimentares, a linguagem, as vestimentas, as paisagens naturais e construídas, os objetos e as relações pessoais (Lima, 2017).

A transferência da capital de Goiás, da Cidade de Goiás (antiga Vila Boa) para Goiânia, iniciada com a nomeação de Pedro Ludovico Teixeira como interventor federal após a Revolução de 1930, representou uma ruptura com o passado oligárquico e rural do estado. Mais do que uma mudança administrativa, a nova capital, fundada em 1933¹⁰ como uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, foi concebida como um símbolo de modernidade em contraposição ao passado rural, refletindo o anseio por romper com a forte característica rural do estado e do país na época. Para materializar esse ideal modernizador, o núcleo central de Goiânia, projetado por Atílio Corrêa Lima, buscou influências no classicismo francês e no funcionalismo moderno, “com interesses e funções socioespaciais, políticas, econômicas e culturais bastante definidas” (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 159). Essas referências resultaram em um desenho de malha urbana em que a Praça Cívica, ponto central do plano, organiza o traçado das principais avenidas, Goiás, Tocantins e Araguaia, com a Avenida Anhanguera conectando transversalmente esse núcleo (Arrais e Medeiros, 2021).

¹⁰ Goiânia teve seu desenvolvimento inicial vinculado à cidade de Campinas, do final do século XIX. Com a progressiva expansão e consolidação de Goiânia como capital, Campinas foi, ao longo do tempo, integrada ao tecido urbano da nova cidade e sendo incorporada como um de seus bairros.

A implantação desse desenho urbano e paisagístico planejado transformou profundamente a paisagem nativa (Figura 03). Nesse processo de construção da paisagem urbana, como descreve Cardim (2022, p. 09), resultou na transformação de biomas em “retalhos na paisagem, e os espaços destinados à natureza nas ocupações humanas foram trocados por áreas verdes que pouco ou nada lembraram as originais, com plantas tratadas como objetos e predominância de espécies de origem estrangeira [...]” (Cardim, 2022, p. 09).

Figura 03: Vista da década de 1930, a partir da sacada do Palácio das Esmeraldas, mostrando o traçado do Setor Central com a Praça Cívica como ponto de origem das avenidas Tocantins, Goiás e Araguaia (da esquerda para a direita).



Fonte: Foto de Eduardo Bilemijan. Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura.

A modernidade no Estado de Goiás é concebida como um contraponto à natureza e à tradição, marcando um processo de transformações profundas nos costumes, no modo de vida da população e na organização socioespacial do território (Mello, 2006). A industrialização, um dos principais vetores dessas mudanças, redefiniu a organização social e econômica, bem como o comportamento dos indivíduos. Sob a influência dos valores de uma sociedade industrial, novas relações, padrões e estilos sociais emergiram, transformando

inclusive a subjetividade das pessoas. Nesse contexto de profundas transformações, Goiânia não foi apenas uma mudança administrativa, representou um marco na modernidade em Goiás, alterando práticas sociais, culturais e de trabalho (Figura 04).

Figura 04: Vista geral da Avenida Goiás a partir da Praça Cívica, na década de 1940.



Fonte: G1 Goiás, 2016. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/goias/noticia/2016/08/praca-civica-e-entregue-apos-obras-de-restauracao-e-m-goiania.html>>. Acesso em: 03 jun. 2025.

Para o sociólogo britânico Anthony Giddens (1991), a modernidade refere-se ao “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (Giddens, 1991, p. 08). Ele aponta que a modernidade possui mecanismos de desencaixe, conceito que define como “o ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (Giddens, 1991, p. 24). Em contraste, a noção de tradição, segundo o mesmo autor, é construída a partir de três elementos fundamentais: repetição, recorrência e continuidade. A ruptura, característica da modernidade, contribui para marginalizar essas práticas tradicionais, tratando-as como reminiscências de um passado atrasado (Giddens, 1991).

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (Giddens, 1991, p. 10, grifo nosso)

Tradição e modernidade, embora caracterizadas respectivamente pela repetição e pela ruptura, não devem ser compreendidas de forma dicotômica. A modernização das instituições sociais, ao mesmo tempo que produziu efeitos significativos na identidade dos sujeitos, reorientando práticas e fomentando novas mentalidades e formas de relacionamento, não resultou em uma supressão total do tradicional. Pelo contrário, essa transição envolveu um processo de adaptação e coexistência. Isso é perceptível, por exemplo, no uso da força motriz do boi no processo construtivo da nova cidade (Figura 05), o que evidencia a interação entre técnicas tradicionais e o impulso modernizador. O uso de bois para a construção da sede do governo de Goiás na nova capital ilustra a convivência de diferentes temporalidades em um mesmo espaço. Pelá e Chaveiro (2009, p. 163) observam que ocorre um “confronto diário entre o tradicional e o moderno, o local e o global, como existe, também, a fusão desses elementos em determinados momentos”.

Figura 05: O boi, peça importante na construção da cidade.



Fonte: Fotografia de Alois Feichtenberger, 1936. Cortesia MIS.

Essa dinâmica de transformação socioespacial se intensificou a partir de meados do século XX, especialmente com a modernização agrícola nos anos 1970. Apoiado por investimentos e programas federais durante a ditadura militar (1964-1985), esse processo acelerou a urbanização e a expansão da fronteira agrícola no Cerrado goiano. Este bioma, o segundo maior bioma brasileiro com cerca de 24% do território nacional¹¹, abriga em Goiás uma diversidade cultural marcada pela presença de povos tradicionais, como aldeias indígenas, comunidades quilombolas, pequenos agricultores, assentamentos rurais, entre outros grupos. O vasto Cerrado, outrora dominado por vegetação nativa, passa a ter uma paisagem marcada pela presença da agroindústria, de redes de cidades, de infraestrutura de transporte e comunicação. A expansão da agricultura e da pecuária mecanizadas transformou profundamente o bioma, antes considerado “praticamente intocado” (Cardim, 2022, p. 170), alterando o território e a paisagem. Essa mudança radical na ocupação do território resultou em movimentos migratórios para a região e no esvaziamento do campo (Moysés e Silva, 2008), impactando as relações entre uma população historicamente ligada ao bioma. Dessa forma, esse período representa uma transição do modo de vida tradicional para o moderno (Daher, 2003).

Contudo, ao contrário do que se pensa, os modos de vida tradicionais não desaparecem, ao contrário, se metamorfoseia, criando novas condições de sobrevivência, mesmo que inseridos em uma cultura urbana. Estamos, entretanto, diante da persistência e de resíduos da cultura tradicional dos povos cerradeiros. (Souza e Santos, 2014, p. 13)

Goiânia, apesar dos mais de 1.4 milhão de habitantes, ainda mantém um forte vínculo com suas raízes rurais em seu imaginário, como a persistência da cultura sertaneja (Mello, 2006). A modernidade, portanto, não rompe completamente com todas as formas de tradição, ao invés disso, estabelece uma relação dialética, na qual elementos do passado são ressignificados. No entanto, os mecanismos de desencaixe interagem com contextos “reencaixados” (Giddens, 1991), ou seja, com

¹¹ Abrangendo os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul, parte de Mato Grosso, oeste de Minas Gerais, Distrito Federal, oeste da Bahia, sul do Maranhão, oeste do Piauí e porções de São Paulo.

a reapropriação e transformação dessas práticas. A formação da paisagem urbana, influenciada tanto pela modernidade quanto pela cultura popular e pelas raízes rurais de seus habitantes, resulta em uma sobreposição de elementos rurais e urbanos, tornando complexa a distinção entre essas duas categorias. Signos e símbolos rurais como folclore, tradições populares, arquitetura, vestuário, manifestações culturais, religiosidade, culinária, entre outros, persistem no imaginário coletivo e se manifestam na paisagem urbana. Assim, apesar das transformações promovidas pela urbanização e pela modernidade, é possível identificar “ruralidades urbanas”, ou seja, reminiscências do passado rural goiano ressignificados no contexto da nova capital.

Finalmente, um novo campo de símbolos, de sentidos de vida e de significações do mundo (de “racionalidades”, em Milton Santos) se sobrepõe, **tornando artificialmente “moderno” o que era “tradicional” e transformando em folcloricamente “típico” o que antes fora “próprio”**. (Brandão, 2007, p. 60, grifo nosso)

No entanto, a urbanização e o estilo de vida urbano orientado pelo capital afetam a como encontramos, compreendemos e interagimos com os saberes tradicionais no cotidiano. A perda do contato com a natureza e a diminuição de espaços como os quintais desafiam a manutenção dessas práticas. Apesar disso, a urbanização não significa um completo desmembramento das práticas tradicionais e do conhecimento sobre plantas medicinais. Luiza Helena Barreira Machado (2008), geógrafa, em sua dissertação intitulada “Raizeiros de Goiânia: as representações entremeadas nos usos e nas redes de distribuição e comercialização das plantas Medicinais em Goiânia - GO”, levanta e reúne informações da ocorrência do saber tradicional na capital goiana (Ver anexo A). A pesquisa de Machado (2008) aponta 93 pontos de comercialização de plantas dentro do perímetro urbano, a partir de dados coletados em campo entre 2007-2008.

Acredita-se que **o processo de (re)ocupação e (re)uso do Cerrado tem proporcionado disputas e convivências de lógicas sociais, no tocante às relações econômicas e culturais, ressignificando espaços, modos de produção, festas e relações familiares,**

numa tentativa de coexistência entre tradição e modernidade.
(Souza e Santos, 2014, p. 13)

Esses espaços de comercialização refletem assim, relações complexas, onde coexistem processos de apropriação capitalista e manifestações de resistência cultural. Por um lado, a demanda por esses produtos pode indicar a persistência de um imaginário rural no contexto urbano ou uma tentativa de reencontro com raízes e práticas tradicionais, servindo como contraponto ao ritmo acelerado e aos desafios da vida contemporânea. Por outro lado, essa mesma visibilidade e demanda tornam esses saberes e suas materialidades vulneráveis à apropriação pelo capital. Nesse processo, os conhecimentos sobre plantas de uso medicinal correm o risco de serem transformados em meros produtos de consumo. Uma das principais consequências dessa apropriação é a descaracterização e a descontextualização dos saberes, uma vez que são frequentemente desenraizados de sua dimensão coletiva e reduzidos a mercadorias desvinculadas de seus contextos culturais. Essa mercantilização pode levar à deterioração ou ao rompimento da conexão original entre as plantas, a cultura que lhes atribui sentido e as práticas humanas que as envolvem.

Destarte, não existe processo desterritorializador completo, pois os seres humanos não zeram a sua história, a sua memória, a sua cultura. Eles as carregam consigo e, ao ocupar outros territórios, se adaptam, interagem e se integram por meio das relações sociais e, por conseguinte, se reterritorializam. (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 163)

Os saberes tradicionais sobre plantas, comercializados e praticados em feiras e mercados, representam, assim, formas de “reencaixe” (Giddens, 1991), onde relações sociais se reconstróem em torno do conhecimento e uso das plantas, através de interações diretas e na confiança. A compra de uma erva medicinal em uma feira livre, por exemplo, pode envolver a troca de saberes, o aconselhamento e construção de laços de confiança, ainda que temporários, entre vendedor e consumidor. As narrativas que emergem dessas interações são fundamentais para compreender essas dinâmicas, e a oralidade, embora não fixa, permite a reelaboração de memórias e a transformação dos saberes (Amaral, 2024).

1.3. Raizeiras: entre práticas tradicionais e usos contemporâneos de plantas medicinais

A cultura, intimamente ligada aos sujeitos que a vivenciam, molda a interpretação de diversos símbolos (Tuan, 1980). Nesse sentido, o geógrafo Paul Claval (2007) define a cultura como “o conjunto de signos, imagens e símbolos que os humanos usam para desenvolver discursos e narrativas sobre o cosmos, a natureza, a sociedade ou a vida cotidiana” (Claval, 2007). Stuart Hall (2016), importante sociólogo pensador acerca da identidade cultural e suas representações, compreende a cultura como um conjunto de significados compartilhados, com valores produzidos e trocados constantemente. Segundo Hall (2016, p. 18), a cultura “só consegue ser compartilhada e interpretada dentro de um sistema de valores comuns por conta da linguagem ser um sistema representacional”. Ou seja, a linguagem, com seus signos e símbolos, é fundamental para a comunicação, a interpretação e a própria produção da cultura.

Embora existam significados compartilhados, construídos através dos sistemas de representação, isso não implica uma experiência cultural homogênea. A subjetividade de cada indivíduo diferencia a apreensão da realidade, construindo, no imaginário de cada um, a noção de pertencimento, reforçada pela compreensão do funcionamento dos signos culturais. Assim, a representação e a linguagem são práticas que produzem cultura e atribuem significados. Nesse contexto de significados culturais compartilhados e, ao mesmo tempo, moldados pela subjetividade, insere-se a prática milenar do uso de plantas medicinais.

Desde o começo da história humana, estabeleceu-se uma relação em que as pessoas dependiam da natureza, utilizando as plantas para se alimentar, se abrigar e para fins terapêuticos (Di Stasi, 1995). A observação e a experimentação permitiram a compreensão das propriedades curativas das plantas, um conhecimento que, ao longo do tempo, foi sendo transmitido e aprimorado. Essa relação entre ser humano e natureza passou a ser mediada pela cultura e pela história (Souza, 1995), fundamentando o desenvolvimento de práticas ancestrais,

como o uso de plantas medicinais, há mais de 6.000 anos, a forma mais antiga de medicina conhecida.

A memória coletiva desempenha um papel importante na perpetuação e na contínua recriação desses saberes e práticas. Conforme discute Maurice Halbwachs (2003), a memória coletiva guia a memória individual, por esta estar costurada coletivamente a partir da experiência, compartilhadas através do espaço ou cultura que o indivíduo está inserido. Assim, a memória coletiva é aquela relevante para toda a comunidade de indivíduos que a compartilha, sendo repassada e norteando com lembranças semelhantes. Os espaços e os objetos que compõem o cotidiano ancoram essa memória, “pois eles trazem, ao mesmo tempo, a nossa marca e a dos outros” (Lima, 2009, p. 38). Halbwachs (2003) aprofunda essa relação ao tratar da maneira como as materialidades dão suporte à compreensão e transmissão da memória. Objetos e lugares orientam o indivíduo dentro dos grupos sociais que participa, como família, amigos, operando como suportes físicos da memória de um grupo, organizando costumes e tradições.

Os guardiães, sejam eles idosos, curandeiros, mágicos ou funcionários religiosos, têm muita importância dentro da tradição porque se acredita que eles são os agentes, ou os mediadores essenciais, de seus poderes causais. Lidam com os mistérios, mas suas habilidades de arcanos provêm mais do seu envolvimento com o poder causal da tradição que do seu domínio de qualquer segredo ou conhecimento esotérico. (Giddens, 1997, p. 83)

A cidade, a casa e, de forma particularmente relevante para a pesquisa, o quintal, são exemplos de espaços que carregam consigo marcas dos indivíduos que ali habitam, dando suporte para a transmissão da memória individual na construção da memória coletiva de determinado grupo. Os objetos podem adquirir esse papel por transmitirem a sensação de permanência e estabilidade, uma vez que estão atrelados aos usos e atividades realizados em determinados espaços, esses, assim, carregam consigo características de afetividade, construídas pelo sujeito partir da sua subjetividade e tecidas ao seu modo pela relação que estabelece com determinado lugar (Halbwachs, 2003).

Portanto, a memória permite compreender por que filhos mantêm a tradição dos pais, a tradição que vem dos avós, e dos pais dos avós. O conhecimento sobre plantas medicinais, transmitido majoritariamente pela oralidade e construído socialmente, frequentemente no âmbito familiar (Amaral, 2024), é parte integrante de um sistema mais amplo de conhecimentos, crenças e práticas. Esse sistema inclui rituais de coleta e uso de plantas, narrativas sobre os saberes e sua transmissão, além de uma cosmovisão que integra ser humano e natureza, promovendo a manutenção da biodiversidade. Para muitos praticantes tradicionais, o uso dessas plantas não é apenas uma herança ancestral, mas uma forma de reafirmar e fortalecer seus laços com essa tradição, mantendo-a viva.

Historicamente, as mulheres têm desempenhado um papel central no cuidado da saúde familiar, utilizando, para isso, o conhecimento sobre plantas medicinais. Essa predominância feminina no campo dos saberes tradicionais de cura é resultado de papéis de gênero socialmente construídos e da divisão sexual do trabalho (Federici, 2017; Viu, Viu e Campos, 2010). Como aponta Vasconcelos (2001 apud Viu, Viu e Campos, 2010, p. 142), às mulheres foi historicamente atribuída a “responsabilidade com as tarefas domésticas e o cuidado das crianças. Elas são as principais responsáveis pelo tratamento caseiro das doenças mais simples através de plantas”.

Entretanto, a história do conhecimento sobre plantas medicinais também é marcado por processos de repressão e marginalização, especialmente no que diz respeito aos saberes femininos, que foram historicamente associados à bruxaria. Silvia Federici (2017), intelectual militante de tradição feminista marxista, argumenta que a caça às bruxas na Europa, entre os séculos XVI E XVIII, foi crucial para a consolidação do capitalismo e para o apagamento do papel das mulheres, especialmente curandeiras e parteiras, que detinham um vasto conhecimento sobre o corpo, a saúde e a natureza. A perseguição e a expropriação de seus saberes tradicionais, frequentemente associados à magia e à feitiçaria (Figura 06), abriram caminho para a medicina profissional, dominada por homens e baseada em um conhecimento científico historicamente inacessível às classes populares (Federici,

2017). O estigma em torno dessas práticas, resultado da perseguição histórica às curandeiras, ainda influencia a forma como são exercidas, levando muitas mulheres a praticarem seus conhecimentos apenas na esfera privada (Amaral, 2024).

Figura 06: O herbário da bruxa (1532), gravura de Hans Weiditz.



Fonte: Federici, 2017, p. 362.

A ciência moderna, a partir dos séculos XVII e XVIII, afirmou-se “pela negação da visão mágica do mundo, tão profundamente enraizada no saber popular” (Ribeiro, 1999, p. 177). Nesse processo, a medicina se especializou como ciência e, conforme Ribeiro (1999, p. 198) “limitou sua visão da doença ao organismo físico e isolou-se das influências das relações sociais, do meio ambiente, dos astros e de outros tantos fatores presentes” em tradições de cura indígenas e africanas. O paradigma da racionalidade moderna marginaliza e se apropria dos conhecimentos tradicionais, reforçando a hegemonia dos conhecimentos científicos sobre os não-científicos ou de origem popular.

A importância da magia, feitiçaria e alquimia não se caracteriza apenas na gênese da ciência moderna - o que já representa um grande momento na história da civilização - caracteriza-se também pela enorme contribuição que estes procedimentos de estudo e interpretação da natureza trouxeram para muitas áreas do conhecimento científico [...]. (Di Stasi, 1995, p. 17)

A espagiria, a alquimia ligada às plantas, com suas práticas que envolviam a manipulação e busca pela compreensão das propriedades das ervas, mesmo que por vezes carregada em misticismo, foi precursora da ciência moderna, contribuindo significativamente para a constituição da química e da própria medicina (Di Stasi, 1995). Essa abordagem, que combinava experimentação com elementos simbólicos e espirituais, reflete uma visão integrada da relação entre ser humano e natureza, na qual “estar na floresta e obter delas o sustento implica não apenas atos técnicos, mas gestos entre o mágico e o sagrado”. (Brandão, 2007, p. 52). Essa prática com a alquimia não se trata de “impor forma à matéria, mas reunir materiais diversos e combinar e redirecionar seu fluxo tentando antecipar aquilo que irá emergir” (Ingold, 2012, p. 36), evidenciando um processo de interação e transformação em colaboração com os materiais, e não de dominação.

A repressão a esses saberes tradicionais também se manifestou nas Américas durante a colonização, por meio de um violento processo de imposição cultural e de hierarquização de saberes. Os europeus, ao chegarem ao Novo Mundo, trouxeram consigo “seu repertório de plantas familiares de origem europeia, africana e asiática para uso na alimentação, nos rituais religiosos, na medicina, entre outros” (Cardim, 2022, p. 17). Essas plantas, cultivadas em espaços delimitados, chamados de “cercas”, passaram a coexistir com as espécies nativas apresentadas pelos indígenas. Embora Cardim (2022) descreva esse momento como o surgimento de uma “incipiente cultura híbrida, soma de plantas e animais vindos com as caravelas e da biodiversidade nativa brasileira, gerando um verdadeiro intercâmbio de novidades para ambos”, o autor também aponta para “novos modos de explorar a natureza nativa” (Cardim, 2022, p. 17). Pereira (2022, p. 46) considera:

As informações sobre a mata nativa adquiridas com os indígenas foram fundamentais, já que muitas das ervas que os jesuítas estavam acostumados a usar para preparar suas panaceias mofavam na viagem até o Brasil, e algumas foram acabando conforme se alongava a permanência por aqui. A saída foi começar a usar o conhecimento dos indígenas sobre as plantas e aplicá-lo na produção de medicamentos. A solução serviu tanto para conquistar o prestígio junto às tribos como para trazer lucro para a Ordem no Brasil, pois eles passaram a comercializar esses remédios.

A introdução de novas plantas e práticas durante a colonização ocorreu dentro de uma lógica de apropriação e dominação, na qual os conhecimentos indígenas e africanos sobre a natureza e a cura eram desqualificados em favor de uma hierarquia de saberes que privilegiava a ciência europeia hegemônica. Essa hierarquização se refletiu, também, no acesso à saúde. No Brasil colonial, apenas uma minoria tinha acesso aos profissionais de saúde e aos medicamentos de botica, enquanto “grande parte da população recorria aos remédios caseiros, cujas receitas eram passadas entre gerações e os ingredientes eram obtidos no quintal ou nas matas próximas” (Ribeiro, 1999, p. 187). Dessa forma, no Brasil, esse arcabouço de conhecimento resulta da interação, muitas vezes marcada pela assimetria e pelo conflito, entre a paisagem natural e as diferentes cosmovisões européias, indígenas e africanas (Araújo, 2004).

Havia aqui os feiticeiros europeus condenados na Inquisição, toda a cultura indígena que sobreviveu nas frestas da invasão portuguesa, a cultura negra e suas folhas, curandeiros que chegavam e também resistiam bravamente entre os negros escravizados - e aliados a eles os boticários, barbeiros, charlatões, vendedores de elixires que levavam caixas de botica para cima e para baixo e até mesmo a Igreja Católica - todos curavam com plantas. (Pereira, 2022, p. 105)

Alceu Maynard Araújo, doutor em Antropologia Social e importante folclorista do século XX, em seu livro “Medicina Rústica” de 1956, descreve as práticas medicinais da comunidade alagoana de Piaçabuçu, abordando diversos aspectos culturais, crenças e concepções de doença e cura. O antropólogo escolhe o termo “rústico” como epíteto para sua pesquisa, fazendo referência ao termo em latim “*rusticus*”, que se relaciona ao campo, evocando o forte passado rural do Brasil. Araújo (2004) define a medicina rústica como “*o conjunto de técnicas, fórmulas, remédios, práticas e gestos utilizados pelos moradores da região para restabelecer a saúde ou prevenir doenças*” (Araújo, 2004, p. 58, grifo do autor). Em seus estudos sobre a história da medicina ao longo dos milênios, Araújo (2008) identifica três estágios de conhecimento: mágico, religioso e empírico (Ver tabela 01). O autor pondera, contudo, que essa divisão serve a uma finalidade didática, “não é estanque, e suas linhas divisórias não são intransponíveis: ora um remédio pode

situar-se na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica” (Araújo, 2004, p. 56).

A medicina mágica, por exemplo, manifesta-se através de práticas como a benzedura, que segundo Machado (2023, p. 05), surgiu no Brasil a partir do século XVII. Essa prática envolve a combinação de rezas, gestos e orações, com elementos como o uso de “plantas (ramos verdes) arruda ou guiné, espada-de-São-Jorge, a vassourinha e outros” (Machado, 2023, p. 5). O objetivo é promover a cura de enfermidades, afastar energias negativas ou proteger contra males como o mau olhado e o quebranto. Essas práticas se inserem em uma visão de mundo onde, na cultura popular, “corpo e espírito se fundem, não se separa a vida da religião. E a oração é o alimento da alma, rezando se fortalece e fica mais próxima de Deus” (Machado, 2023, p. 5). Embora seu reconhecimento na paisagem urbana seja desafiador, a prática da benzedura persiste em diferentes contextos. Essa intrínseca conexão entre cura e o sagrado é uma característica fundamental da medicina popular brasileira, “devido ao seu envolvimento com diferentes sistemas de crença, as plantas, tornam-se, por sua vez seres sagrados” (Camargo, 2014, p. 09).

A medicina religiosa, por sua vez, encontra expressão em diversas tradições, com destaque para as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Nelas, a centralidade das plantas é absoluta, como reforça o ditado yorubá “*Ko si ewé, kodi orisà*”, que significa “sem planta não tem orixá”, ou seja, sem planta não tem vida. A mitologia yorubá atribui a Ossain¹², filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluaê, o domínio sobre este conhecimento. Ele é o “senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida” (Prandi, 2001, p. 153), sendo também o único a conhecer os “segredos para encantar todos os vegetais, a fim de usá-los como remédio ou veneno” (Prandi, 2001, p. 153). Reforçando essa centralidade, Prandi (2001) narra que todos os orixás buscavam Ossaim para tratar todo e qualquer mal, dependendo dele no enfrentamento das doenças. Em troca das oferendas recebidas, Ossaim lhes fornecia preparos como banhos, infusões, unguentos e poções. Essas

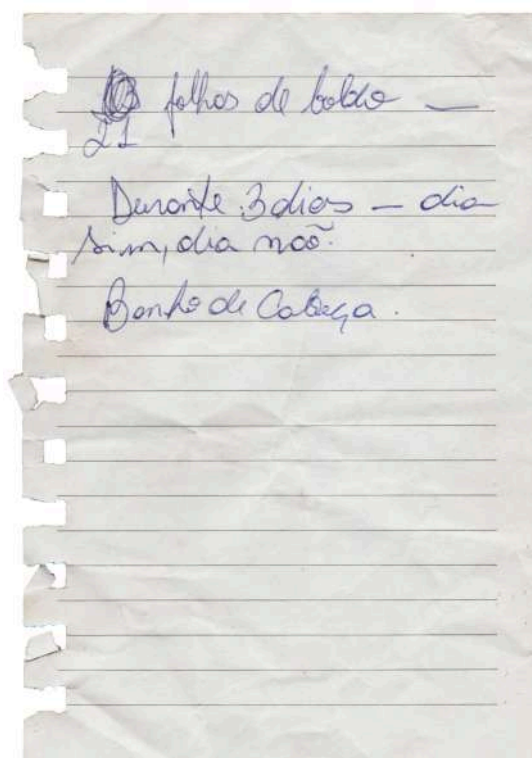
¹² Sincretizado como São Benedito no catolicismo.

preparações eram capazes de curar uma ampla gama de problemas, desde dores, feridas até condições mais graves.

Diz a lenda que Ossain e seu companheiro e ajudante, Aroni, recolheram exemplares de todas as folhas da floresta e as guardaram em uma cabaça que deixaram pendurada em uma árvore. Os outros orixás ficam curiosos e mandaram Iansã, a rainha dos ventos, enviar uma ventania para derrubar o recipiente. Ela então o fez, arrancando a cabaça e espalhando as folhas pelo chão. Cada orixá então teria se apoderado de uma ou outra. Contudo, apenas Ossain sabia a palavra, o encantamento de cada uma delas para ativá-las. Só Ossain possuía o 'axé' de cada uma e, por isso, segue como o médico da floresta, curandeiro e feiticeiro das folhas. (Pereira, 2022, p. 104)

Essa dependência destaca a importância desse conhecimento especializado sobre as ervas dentro dessas tradições. Assim, as plantas são preparadas e utilizadas em rituais, vistas como portadores de axé, a energia vital, e empregadas em banhos (Figura 07), defumações, oferendas e outras práticas ritualísticas para os mais os mais diversos fins, desde a cura de doenças até a busca por prosperidade, proteção e equilíbrio espiritual (Campos, 2013).

Figura 07: Orientação da entidade que trabalha na linha dos Pretos-Velhos na umbanda. Banho de cabeça preparado com 21 folhas de boldo, deve ser feito durante 3 dias, dia sim, dia não.



Fonte: Do autor, 2025.

Contudo, é na medicina empírica, e mais especificamente na fitoterapia, que se concentra o foco desta pesquisa, em decorrência de ser “a mais largamente empregada, é mesmo a parte mais importante da farmacopéia folclórica” (Araújo, 2004, p. 146). A fitoterapia, embora possa estar presente na medicina mágica e religiosa, distingue-se por sua ênfase no conhecimento das propriedades terapêuticas das plantas e em seu uso para tratar e prevenir doenças, baseando-se na experiência e na observação dos efeitos no corpo. Para isso, utilizam-se, raízes, caule, casca, folhas, flores, frutos, sementes e resinas no preparo de chás, infusões, garrafadas, emplastos, entre outros remédios, que podem ser caseiros ou industrializados (Ver apêndice A). Na tabela 01, observa-se as divisões da medicina rústica, seus remédios, técnicas de cura e oficiais, conforme Araújo (2004).

Tabela 01: Medicina rústica, suas divisões, seus remédios ou técnicas empregados e os oficiais ou agentes da cura.

MEDICINA RÚSTICA

Medicina mágica		
	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
BENZEDURA	Reza, gesto, oração	Curador, Curador-de-cobras, Rezador, Benzedor, “Benzinheira”
SIMPATIA	Práticas, gesto, palavra, Transferência, Açoterapia, Susto	Comadre, “Assistente”, “Os mais velhos”, Pais
PROFILAXIA MÁGICA	“Relique”, patuá, bentinho, amuleto, santinho, talismã	
TORÉ	Adivinhação mágica, procura do nome da moléstia, Defumação, Uso de ervas	Presidente do toré
CATOLICISMO BRASILEIRO OU DE FOLK	Promessa, romaria, novena, confissão	Santos e divindades, padre, beate e milagreiro
Medicina religiosa		
	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
CANDOMBLÉ	Adivinhação simbólica, procura da divindade ofendida para homenageá-la	Pai ou mãe-de-santo

Terapêutica ritual		Xapanã
Medicina empírica		
TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS		OFICIAIS
FITOTERAPIA	Chazinho, Mezinha, Lambedouro, Garrafada, Cataplasma, Tópico - unguento, Purgante, Vomitório, Suadouro	“Doutor de raízes” Comadre
EXCRETOTERAPIA	Fezes, saliva, leite, cera do ouvido	“Entendidos” “Os mais velhos”
DIETA	Comidas especiais, alimentos proibidos, quentes ou frios, “carregados”	
BALNEOTERAPIA	Banho externo e interno, “ajuda”	
SANGRIA	“Bichas”	Barbeiro
PIRÓTICA	Brasas	O interessado
PINGATERAPIA - panacéia folclórica	Curtimento, Mistura, Massagem, Inalação	

Fonte: Araújo, 2004, p. 59-60.

Esses saberes foram moldados pelo passado rural brasileiro, período caracterizado pela “escassez ou inexistência de atendimentos e serviços de saúde, educação, moradia, tecnológicos” (Garcia e Fagundes, 2023, p. 179). No contexto de isolamento espacial e ausência de recursos, essas práticas tradicionais de cuidado com a saúde, transmitidas e adaptadas ao longo de gerações, não apenas constituem uma herança cultural, mas representam, muitas vezes, o principal, senão o único, recurso disponível para a sobrevivência. Essa dependência histórica, reforçada pela escassez, é importante para a compreensão da manutenção e relevância desses saberes. Como apontam Garcia e Fagundes (2023, p. 179):

Antes da década de 1970, no Brasil, as zonas rurais não dispunham de redes de energia e os serviços básicos não contemplavam essas populações, como também comunidades quilombolas e indígenas que passaram a ser atendidos somente no final do século XX e no século presente.

Assim, quando essas práticas chegam à cidade, trazidas pelos fluxos migratórios, carregam consigo essa carga histórica, cultural e simbólica. Em Goiânia manifestam-se diferentes expressões de saberes tradicionais de cura, que podem ser compreendidas, segundo a classificação de Araújo (2004), como expressões da

medicina rústica. A resistência desses saberes tradicionais no espaço urbano remonta a um imaginário rural de cura (Araújo, 2004), no qual as “ruralidades urbanas” (Chaveiro, 2017; Britto e Fonseca, 2016) se manifestam como reminiscências do passado. Essas reminiscências não são estáticas, mas sim sobrepostas e incorporadas a novos usos contemporâneos, materializando-se através de três figuras centrais na dinâmica urbana desses saberes: raizeiros, comerciantes e consumidores.

Viu, Viu e Campos (2010) observam que as mulheres concentram seu conhecimento nas necessidades imediatas da família e nas formas de uso doméstico. Os homens, muitas vezes com “maior experiência em atividades ‘externas’ à propriedade”, tendem a possuir um conhecimento mais amplo sobre a variedade de plantas e a “sistematizar este conhecimento de modo a torná-lo mais ‘vendável” (Viu, Viu e Campos, 2010, p. 144). Essa dinâmica, na qual o conhecimento masculino se volta, com maior frequência, para o comércio, e o feminino, para o cuidado familiar, demonstra como a divisão social do trabalho influencia a manutenção e a transmissão dos saberes tradicionais medicinais, gerando diferentes formas de conhecimento e de prática.

Isto estaria absolutamente de acordo com o **contexto histórico do papel feminino na agricultura, na segurança alimentar e na saúde da família**, ou seja, comparando-se o grau de conhecimento sobre plantas entre homens e mulheres que não têm a pretensão de comercializar este conhecimento (como no caso de especialistas feirantes, raizeiros, curandeiros, etc.) as mulheres são as maiores detentoras por serem tradicionalmente atribuídas a elas estas tarefas. (Viu, Viu e Campos, 2010, p. 144)

No entanto, a manifestação e a transmissão desses saberes no contexto urbano enfrentam desafios. O diálogo entre os saberes tradicionais com plantas e as transformações urbanas no Brasil é atravessado pelo debate acerca das políticas sanitaristas e higienistas, que historicamente buscaram controlar o uso e a apropriação dos espaços urbanos. Essas políticas criam um tensionamento entre o tradicional e o moderno, resultando na marginalização de práticas e saberes considerados “não científicos”. Apesar desses desafios, a medicina popular, e em

particular a fitoterapia, resiste e continua a se manifestar nos espaços urbanos pela comercialização de raízes, folhas e remédios naturais.

Os espaços de comercialização, embora inseridos na lógica do mercado, também podem ser vistos como locais de resistência cultural, onde a natureza se insere no cotidiano urbano e as interações entre espaço físico e práticas culturais moldam esses processos de subjetivação. Um exemplo da tensão entre saberes tradicionais e a modernidade é a ascensão da medicina científica, um sistema perito que, ao se institucionalizar e se difundir globalmente, se distanciou das práticas tradicionais de cura, frequentemente marginalizando-as e apropriando-se delas. Giddens (1991) descreve esse processo como “desencaixe”, no qual as relações sociais são “deslocadas” de seus contextos locais de interação e reestruturadas em dimensões espaço-temporais indefinidas.

Segundo o autor, as “fichas simbólicas” da modernidade, como o dinheiro e credenciais como diplomas e certificados, substituem, em grande medida, a confiança direta no curandeiro ou raizeiro, conhecido na comunidade. No contexto da saúde, a receita médica, o diagnóstico padronizado e o medicamento industrializado tornam-se fichas que circulam independentemente do contexto local, promovendo um distanciamento entre o paciente, o conhecimento sobre seu próprio corpo e as plantas que poderiam curá-lo.

Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser "circulados" sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de fichas simbólicas podem ser distinguidos, tais como os meios de legitimação política; devo me concentrar aqui na ficha do *dinheiro*. (Giddens, 1991, p. 25, grifo do autor)

Essa lógica se alinha à ideia de que a modernidade se baseia na confiança em “sistemas abstratos” (Giddens, 1991), e afeta como lidamos com a saúde. Assim como o dinheiro possibilita trocas entre agentes amplamente separados no tempo e espaço, os sistemas peritos da medicina moderna possibilitam que a cura se desvincule do local, por meio de um conhecimento técnico impessoal.

O dinheiro é um exemplo dos mecanismos de desencaixe associados à modernidade; [...] Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna. Uma das formas mais características de desencaixe na era moderna, por exemplo, é a expansão dos mercados capitalistas (incluindo os mercados monetários), que ocorrem relativamente cedo num escopo internacional. O “dinheiro propriamente dito” é essencial às transações distanciadas que eles envolvem. (Giddens, 1991, p. 28-29)

A persistência dos saberes tradicionais, no entanto, não implica uma rejeição completa dos sistemas peritos. Muitas vezes, ocorre uma interação na qual os indivíduos buscam tanto o conhecimento tradicional quanto o científico, adaptando e combinando diferentes formas de cuidado com a saúde. A confiança, nesse contexto, não se restringe aos sistemas abstratos, como aponta Giddens (1991), ela se estende também aos praticantes dos saberes tradicionais, estabelecendo-se a partir de experiências, da observação e do reconhecimento de sua competência e relevância dentro da comunidade que está inserido. Queiroz e Canesqui (1986) observam que o capitalismo influencia e modifica os sistemas tradicionais de cura, seja marginalizando seus agentes e deslegitimando seus saberes, seja apropriando-se de elementos da medicina popular e transformando-os em mercadorias. Essa apropriação, muitas vezes, desvincula os saberes de seus contextos culturais de origem, como ilustra a estratégia da indústria farmacêutica de utilizar elementos da medicina popular para tornar seus produtos mais facilmente compreendidos e aceitos pela população (Queiroz e Canesqui, 1986).

Dessa forma, a presença de raizeiros e outros praticantes desses saberes na cidade demonstra a resistência de uma medicina popular que, embora utilize elementos de outras experiências de vida, “existe em sintonia ou em relação com o modo de produção capitalista” (Queiroz e Canesqui, 1986, p.143). Esses saberes tradicionais são afetados pela lógica do mercado, pela urbanização e pela influência da medicina científica, levando seus praticantes a negociarem suas identidades e práticas em meio a essas tensões. Esses espaços de prática e comercialização, portanto, funcionam como “pontos de acesso” (Giddens, 1991) onde os sistemas abstratos, conhecimento científico e mercado formal, se encontram e interagem

com práticas e conhecimentos locais, reencaixando o saber sobre as plantas no contexto urbano. É a partir dessa perspectiva da fitoterapia, e de suas interconexões com outras práticas, que se investiga como esses saberes se manifestam, se adaptam, se reconfiguram e resistem no espaço urbano.

2. Raízes: resistências dos saberes na cidade

2.1. Outras etnografias urbanas: experiências, narrativas e imagens

Boaventura de Sousa Santos (2007), sociólogo português, discorre que o pensamento moderno ocidental está organizado em um sistema constituído por linhas radicais que separam diferentes universos, os chamados “lado de cá” e “lado de lá”. Esse modo de pensar abissal admite a “impossibilidade da copresença dos dois lados da linha” (Santos, 2007, p. 71), e ao lado excluído de relevância, restam a inexistência, a invisibilidade e a ausência. Em decorrência do pensamento abissal há uma infinidade de conhecimentos não reconhecidos e ainda desconhecidos, e que mantê-los assim, favorece as ferramentas de controle hegemônico (Lima, 2022). A etnografia urbana, como ferramenta metodológica defendida por pensadores urbanos contemporâneos, contrapõe-se a essa lógica excludente ao buscar dar visibilidade aos conhecimentos e às práticas marginalizadas.

A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “competente” que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo. (Magnani, 2002, p. 15)

Michel Agier (2011), antropólogo francês, defende novos modos de ler as complexidades da paisagem urbana. Enfatizando a contribuição da antropologia para os estudos contemporâneos da cidade e o uso de etnografias urbanas na investigação de práticas culturais contemporâneas. Agier (2011) propõe essa compreensão a partir do “fazer-cidade”, ou seja, no estudo das práticas e dos processos que constroem e desconstroem a cidade. O potencial da etnografia reside, precisamente, em trazer à tona essa dimensão. Para o autor, “o fazer-cidade deve ser entendido como um processo sem fim, contínuo e sem finalidade. Ele faz sentido no contexto de uma expansão contínua dos universos sociais e urbanos” (Agier, 2011, p. 491). Desse modo, desloca o olhar da cidade para as pessoas que a vivem, sentem e a fazem.

Nesse sentido, o antropólogo brasileiro José Guilherme Magnani (2002, 2009) também critica abordagens que negligenciam a “trama que sustenta a dinâmica urbana” (2009, p. 107), a qual é composta pelos atores sociais e suas práticas cotidianas. Ele propõe uma etnografia urbana “de perto e de dentro”, focada nos arranjos que os próprios atores sociais constroem para viver e usar a cidade. Esse olhar aproximado deve ser complementado por um olhar distanciado, que busca princípios mais abrangentes e estruturas de longa duração, capaz de “ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva *de perto e de dentro* [...]” (Magnani, 2002, p. 11, grifo do autor). O autor propõe uma distinção entre a “prática etnográfica”, definida como um processo programado e contínuo, e a “experiência etnográfica”, concebida como um conjunto de eventos descontínuos e imprevistos, ressaltando que ambas se retroalimentam (Magnani, 2002, 2009).

Magnani (2002, 2009) destaca a importância do reconhecimento de “centralidades” e “múltiplos ordenamentos” na cidade, em vez de buscar um princípio de ordem único. Essa ênfase na multiplicidade e na fragmentação da experiência urbana é compartilhada por Clifford e Marcus (2016), que destaca a natureza fragmentária da própria etnografia. O presente estudo, compreendendo a experiência etnográfica como uma narrativa intrinsecamente fragmentária, opõe-se à representação de uma totalidade sociocultural, uma vez que reconhece a existência de infinitas experiências urbanas. Ou seja, não se objetiva representar uma totalidade. Nesse sentido, Clifford e Marcus (2016) enfatizam a importância da reflexividade na pesquisa. O pesquisador deve estar atento à sua própria posição e influência no processo. A escrita, nesse contexto, não é apenas um registro das informações de campo, mas também uma ferramenta de construção do conhecimento. Portanto, é crucial que o pesquisador reconheça e explicita as limitações da pesquisa e de suas interpretações.

De acordo com Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2013), antropólogas brasileiras, a etnografia feita na rua consiste em um deslocamento dentro da própria cidade, em uma busca por compreender e interpretar as transformações da vida social urbana. Magnani (2009) descreve uma modalidade de apreensão das

dinâmicas urbanas que caracteriza como ‘de passagem’, que consiste em “percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Magnani, 2009, p. 106-107). A cidade é um local repleto de referências práticas e simbólicas. Por isso, o espaço urbano não é um mero cenário, mas uma parte constitutiva dessas práticas *na* cidade (Magnani, 2002). Assim, o caminhar como prática etnográfica permite ao pesquisador se aproximar do cotidiano da cidade, contribuindo para um “primeiro levantamento da paisagem e do entorno nos quais o objeto de estudo está inserido e com os quais mantém vínculos” (Magnani, 2009, p. 107).

Os interlocutores desta pesquisa são os diversos atores sociais (raizeiros, consumidores, comerciantes, etc.) envolvidos com o uso, manuseio ou comércio de plantas medicinais e remédios caseiros ou naturais. A experiência com os sujeitos é fundamental para compreender as relações entre o espaço físico da cidade, as pessoas que a habitam e as influências culturais que moldam essa interação (Eckert e Rocha, 2008). Portanto, a etnografia é adotada como abordagem metodológica visando documentar, coletar e organizar informações obtidas em campo, compreendendo que a construção do conhecimento se dá de forma gradual e processual (Magnani, 2002). A etnografia proposta envolve a observação, escuta, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e a produção de imagens - fotografias e desenhos. Destaca-se o potencial da etnografia visual para tornar visíveis processos socioculturais contemporâneos, abrindo espaço para a concepção de outros mundos possíveis e destacando existências e potencialidades. O trabalho com imagens possibilita apresentar a etnografia “como o texto apenas não pode fazer” (Lotierzo, 2023, p. 10), tornando visíveis aspectos sensíveis existentes na paisagem urbana e no imaginário de sua população.

O desenho conecta-se a modos específicos de conhecer (Ingold, 2015), enquanto uma prática corporal e imaginativa que estimula a reconstrução da experiência de campo e amplia as possibilidades de sua compreensão (Lotierzo, 2023; Novaes, 2014). Essa prática, juntamente com outros recursos visuais, resulta

em fragmentos que articulam experiências, narrativas e percepções de uma realidade multifacetada, permitindo novas formas de enxergar e compreender esses saberes tradicionais. Nesse sentido, será apresentado um conjunto imagético, composto por desenhos à mão livre, fotografias digitais e analógicas, que retrata elementos cotidianos do contexto estudado, como arquiteturas, produtos, ferramentas, objetos e espécies vegetais.

Por último, cabe assinalar que o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; **ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.** Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: **em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento.** (Magnani, 2002, p. 17, grifo nosso)

Daniel Miller (2013) argumenta que os objetos não são meras coisas inertes, mas possuem agência, isto é, a capacidade de influenciar ações e pensamentos humanos. Para o autor, a materialidade das coisas é parte fundamental do processo que nos constitui enquanto indivíduos. Tais objetos desempenham um papel crucial na construção da identidade e da vida social, um processo que se elucida por meio da observação, a qual permite compreender seus significados para as pessoas. A contribuição da etnografia para a pesquisa dessa cultura, tanto material quanto imaterial, vai além da simples observação dos objetos, envolve a compreensão das relações humanas que os sustentam e das transformações sociais provocadas por esses “trechos, troços e coisas” (Miller, 2013). Assim, ao analisar a cultura material de espaços específicos, como os utensílios utilizados no preparo de remédios e os próprios locais de comercialização, torna-se possível entender como esses objetos influenciam as práticas e os saberes relacionados ao uso medicinal de plantas.

Dessa forma, articulam-se elementos heterogêneos, tanto discursivos (como relatos e entrevistas) quanto não discursivos (como imagens e desenhos de campo). A integração desses elementos amplia a compreensão da paisagem urbana estudada, incorporando a subjetividade do pesquisador à análise. Por meio da combinação dos métodos citados, espera-se compreender como esses saberes

tradicionais são transmitidos, adaptados e incorporados ao contexto urbano de Goiânia. Em vista das “múltiplas maneiras de se fazer cidade” (Agier, 2011, p. 487), essa abordagem processual e contextual enfatiza as dinâmicas e os processos socioculturais, recusando representações fixas, institucionais e normativas da cidade.

Portanto, o objetivo é retratar, a partir da experiência de campo e da imersão na cidade, as dinâmicas sociais e relações cotidianas em torno das práticas medicinais com plantas, em vez de reforçar a histórica hegemonia dos conhecimentos científicos sobre os não-científicos, silenciando vozes à medida que perpetua princípios e práticas hegemônicas. Esse processo envolve a inserção no universo cultural estudado, a construção de relações de confiança e o registro do percurso da pesquisa. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foi realizada em duas etapas.

Inicialmente, antes da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), a atuação se limitou ao reconhecimento das manifestações desses saberes na paisagem urbana de Goiânia. Nesse período, que se estendeu de abril de 2023 até maio de 2024, a aproximação se deu a partir da perspectiva de consumidor interessado, por meio de conversas informais com comerciantes de ervas e remédios naturais, buscando recomendações e indicações de plantas, espaços ou pessoas ligadas a esse universo. A partir de maio de 2024, com a aprovação do projeto pelo CEP, a pesquisa de campo se estendeu até maio de 2025, possibilitando a realização de entrevistas semiestruturadas e a apresentação formal como pesquisador. Em conformidade com as normas éticas, os participantes foram informados sobre os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa.

A pesquisa teve início no bairro Central de Goiânia, com foco em suas ruas e no Mercado Central, escolhidos como recorte inicial de estudo em função de sua relevância como espaços de preservação de tradições culturais (Mahler e Mello, 2020) e pela concentração de pontos de comercialização de ervas e remédios naturais, conforme identificado por Machado (2008) em sua pesquisa realizada entre

2007 e 2008. Contudo, logo se percebeu que manter o foco apenas nos espaços de comercialização, embora explicasse como o saber se manifesta nos espaços públicos através da venda de ervas e produtos naturais, não responderia a outras questões cruciais sobre como ele resiste para além dessa relação comercial. Surgiram novas perguntas: quem são os consumidores e por que mantêm esses costumes? Em quais outros espaços essas plantas se espacializam e criam relações em torno de seus usos?

Ficou evidente que esse saber e suas práticas se perpetuam por meio de outros agentes e em outros locais, de forma muitas vezes sutil, cotidiana e discreta, deixando pistas de sua existência que acompanham a paisagem urbana. Percebeu-se que essas práticas resistem através de outros sujeitos que se esforçam para mantê-las vivas, não necessariamente com foco na venda e no lucro, mas na sua importância cultural, simbólica e para a saúde, levando-as a criar e manter espaços para esses saberes e práticas. Diante desses questionamentos e da necessidade de seguir novas pistas dessas manifestações do comércio e de outros usos, o estudo se expandiu para bairros como Leste Vila Nova e Vila Itatiaia. O intuito foi compreender a diversidade de formas e de espaços nos quais esses saberes tradicionais persistem, resistem e se mantêm vivos em Goiânia.

Com exceção das feiras livres, que possuem horários específicos de funcionamento (como a feira do Leste Vila Nova, que ocorre aos domingos pela manhã), as atividades de pesquisa se concentraram principalmente nas manhãs e tardes, tanto durante a semana quanto aos finais de semana. Nesses locais, a metodologia combinou observação com produção de registros fotográficos e desenhos, e entrevistas semiestruturadas com raizeiros, vendedores de ervas (ver Anexo B) e consumidores. A escuta atenta das narrativas desses diferentes atores sociais, juntamente com a análise da cultura material presente nesses espaços, foi fundamental para compreender as múltiplas formas como os saberes tradicionais sobre plantas medicinais são vivenciados, transmitidos e ressignificados no cotidiano da cidade de Goiânia.

A inserção prévia nesse universo cultural, a partir da experiência adquirida na graduação, permitiu estabelecer uma rede inicial de contatos. O contato com a mestra raizeira Maria Luíza da Silva Oliveira na Cidade de Goiás, nesse âmbito, por exemplo, levou a outros encontros significativos, como Daniela Ribeiro, bióloga e idealizadora do RAÍZES (Grande Encontro de raizeiros, parteiras, benzedeadas e pajés na Chapada dos Veadeiros/GO). Essa rede de contatos pré-existente à pesquisa do mestrado contribuiu para encontrar pessoas que vivenciam esses saberes na prática, agora focado em Goiânia. Após encontrar dificuldades na pesquisa etnográfica junto aos comerciantes de ervas, que será detalhado no próximo capítulo, tornou-se necessário identificar outros participantes com relações significativas com plantas medicinais na capital, fossem jardineiros em quintais, raizeiros, consumidores, entre outros. Recorreu-se, então, à rede do evento RAÍZES, por meio de uma consulta no grupo de voluntários via Whatsapp.

A articulação no grupo possibilitou conectar a pesquisa a interlocutores chave em Goiânia, indicados por Daniela Ribeiro, coordenadora do evento. Para a discussão focada no cultivo de ervas em quintais e jardins, a pesquisa se concentra nas experiências junto de Maria Ferreira de Sousa, sogra de Daniela e descrita como referência no cultivo de ervas e distribuição de mudas no Vila Itatiaia, bairro onde mora e Wilson Mozena Leandro, agrônomo, professor doutor e coordenador do espaço ÉDEM na Escola de Agronomia da UFG.

O contato com esses sujeitos e suas experiências em torno das plantas medicinais contribuiu para que emergissem narrativas que revelam como esses saberes estão entrelaçados às experiências dos praticantes no espaço urbano, evidenciando sua importância não apenas para os indivíduos, mas também para a comunidade local. Afinal, transmitidas pela oralidade, essas narrativas compõem parte do tecido social e fornecem pistas valiosas para a compreensão do fenômeno a partir da subjetividade dos praticantes, que atribuem significados às suas práticas cotidianas. A ênfase nessas oralidades visa, portanto, incentivar o resgate de práticas de troca que, historicamente, construíram e difundiram esses saberes.

Esses encontros e as tramas deles decorrentes serão desenvolvidos e aprofundados ao longo dos capítulos e subcapítulos seguintes.

2.2. Algumas noções sobre a institucionalização desses saberes

José Reginaldo Gonçalves (2009, 2012), propõe uma abordagem do patrimônio cujo foco é deslocado da definição do que “é” para a compreensão de sua função social. Sobre essa perspectiva, o patrimônio deixa de ser entendido como uma “entidade” fixa e pré-definida, e passa a ser compreendido como um conjunto de atividades e formas de ação que o constituem e lhe atribuem significado. Ou seja, o patrimônio é resultado de um processo dinâmico, construído e transformado continuamente pelas práticas e interações sociais. Gonçalves (2012) argumenta que essa visão processual enfatiza a reconstrução permanente, superando a noção de “perda” e reconhecendo a capacidade de adaptação e ressignificação dos bens culturais.

Afinal, os seres humanos usam símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. **O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir.** Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. **O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas.** (Gonçalves, 2009, p. 27, grifo nosso)

Essa concepção dinâmica e relacional do patrimônio cultural foi incorporada à legislação brasileira. A Constituição de 1988 ampliou o conceito de patrimônio, anteriormente restrito aos bens materiais, para abranger também os bens imateriais, reconhecendo-os como “portadores de referência à identidade, à ação, e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 2016, Art. 206). Essa mudança, que incluiu no patrimônio cultural brasileiro as formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, resultou na criação, em 2000, do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), implementado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através do Decreto nº 3551.

O PNPI, conforme a definição do IPHAN (2014), visa viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção do Patrimônio Cultural Brasileiro de natureza imaterial. Este programa implementa políticas de inventário, registro e salvaguarda de bens culturais imateriais, sendo o “Registro dos Bens

Culturais de Natureza Imaterial” o instrumento para preservar saberes, celebrações, formas de expressão e lugares. O “Livro de Registro dos Saberes” foi criado para receber registros que encapsulam conhecimentos e modos de fazer presentes no cotidiano das comunidades, relacionados à cultura, memória e identidade. Como ressalta Gomes (2012), os saberes tradicionais são dinâmicos e se transformam com o tempo, sua transmissão, comum pela oralidade, os torna particularmente vulneráveis.

É preciso ter em conta que nem as concepções da natureza nem as manipulações culturais são estáticas, estas não permanecem no tempo, perdendo-se e transformando-se alguns desses conhecimentos e o facto de este processo de criação e transmissão ser feito através da “oralidade” faz com que não haja uma cristalização dos saberes. Os usos que são feitos de uma planta podem variar consoante os especialistas ou o contexto. (Gomes, 2012, p. 15)

O reconhecimento dos saberes tradicionais como bem cultural imaterial abre espaço para políticas de apoio e fomento, legitimando práticas muitas vezes marginalizadas pela ciência oficial. No campo da medicina, um marco importante foi a aprovação, em 2006, da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Decreto nº 5.813), que estabelece diretrizes para a promoção e o reconhecimento das práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros (Brasil, 2006). Apesar desses avanços, até o momento, não há um registro formal em âmbito federal que trate exclusivamente e de forma abrangente dos saberes medicinais com plantas, como um bem cultural imaterial isolado.

No estado de Goiás, esse movimento de valorização dos saberes tradicionais se expressa, por exemplo, na atuação da Articulação Pacari, rede socioambiental formada por “organizações comunitárias que praticam medicina tradicional através do uso sustentável dos recursos naturais do bioma Cerrado”¹³. A rede, que também é membro do Comitê Nacional de Plantas Medicinais, tem reivindicado, desde 2006, o registro do “Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado” como bem cultural imaterial brasileiro. Este processo, após longa tramitação, entrou em execução, um

¹³ Informação retirada do website da Rede Cerrado. Disponível em: <<https://redecerrado.org.br/entidades/pacari/>>. Acesso em: 25 de março de 2025.

passo significativo para o reconhecimento e a salvaguarda desses saberes. Um fruto importante do trabalho da Articulação Pacari foi a publicação da Farmacopéia Popular do Cerrado¹⁴, resultado de uma pesquisa popular colaborativa, com autoria de 262 agentes sociais incluindo raizeiros, raizeiras e representantes de farmácias caseiras e/ou comunitárias. O objetivo da Farmacopéia é incentivar as práticas da medicina tradicional e a salvaguarda dos saberes relacionados ao uso e manejo sustentável das espécies medicinais do Cerrado (Dias e Laureano, 2009). À época da publicação, o Ministério do Meio Ambiente reconheceu a publicação como uma iniciativa precursora e um modelo de diálogo entre conhecimentos.

Para além das iniciativas voltadas à institucionalização formal, existem outras redes e espaços importantes para a manutenção e difusão desses saberes. O RAÍZES (Grande Encontro de Raizeiras, Parteiras, Benzedeadas e Pajés), realizado anualmente na Chapada dos Veadeiros/GO, é uma importante referência na região Centro-Oeste¹⁵. Organizado de forma colaborativa e independente, o Raízes conta com o trabalho de voluntários, doadores, patrocinadores e diversos colaboradores (biólogos, fotógrafos, produtores culturais, gestores de mídias sociais, cozinheiros, entre outros). A cada edição, o evento reúne em média 100 mestres, entre raizeiras/os, benzedeadas/os, parteiras e pajés de diversas comunidades, povos e nacionalidades e um grande número de aprendizes. Na edição de 2024, por exemplo, estima-se a participação de cerca de 2.000 pessoas em mais de 40 atividades formativas oferecidas. A programação gratuita inclui oficinas de preparo de remédios caseiros, minicursos, rodas de conversa, benzimentos, aulas a céu aberto no Cerrado, exposições de documentários, feiras de produtos artesanais e noites culturais, realizados na Vila de São Jorge e em Alto Paraíso de Goiás. O objetivo central do encontro é a salvaguarda e difusão dos saberes-fazeres

¹⁴ Disponível em: <<https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&rid=2765>>. Acesso em: 25 de março de 2025.

¹⁵ O evento funciona como uma “escola aberta de reconexão com a ancestralidade”, reunindo mestras, mestres e aprendizes em uma rede de pessoas interessadas na valorização desses conhecimentos. O encontro ocorre presencialmente desde 2016, com uma edição virtual em 2020 e interrupções em 2021 e 2022 devido à pandemia do COVID-19.

tradicionais, valorizando as mestras e mestres detentores dos conhecimentos ancestrais de cura do corpo, mente e alma.

A idealização e coordenação geral é de Daniela Ribeiro, através do projeto Três Luas Etnobotânica. Daniela é uma figura importante nesta pesquisa, pois o contato inicial com a rede de saberes se deu através dela, como Maria Ferreira e Wilson Mozena. Na 7^o edição do RAÍZES, que aconteceu de 23 a 26 de maio de 2024, tive a oportunidade de participar como “guardião”¹⁶, acompanhando Seu João (raizeiro e benzedor de Mossâmedes/GO) e Dona Maura e Valdemaria (fiandeiras de Itapirapuã/GO) e Dona Maria Luíza (raizeira e educadora popular da Cidade de Goiás/GO), cuja importância será aprofundada no próximo subcapítulo. Essa participação permitiu a imersão mais profunda nas redes de saberes que ali se articulam e na dinâmica de transmissão e valorização desses conhecimentos em um contexto comunitário. O encontro se revelou um marco significativo para a resistência dos conhecimentos tradicionais das populações do Cerrado, reiterando a importância da conexão entre a saúde humana e a natureza.

¹⁶ O papel principal de um guardião no evento RAÍZES é assegurar o bem-estar e oferecer apoio integral às mestras e mestres durante todo o encontro. Suas responsabilidades abrangem desde questões de logística e o atendimento às necessidades básicas até a gestão da agenda, o transporte, o suporte no planejamento e preparo de oficinas e o acompanhamento para proteção contra possíveis assédios.

2.3. Quintais e jardins medicinais

As origens do quintal tradicional no Brasil remontam à influência portuguesa, que por sua vez assimilou elementos das *domus* romanas, habitações urbanas com características espaciais “ao fundo dos lotes, após os espaços abertos do átrio e do peristilo, aparecia uma área arborizada, com pomares ou jardins, que era usada privativamente pela família” (Tourinho e Silva, 2016, p. 636). Esse modelo introduzido pelos colonizadores contrasta fortemente com as moradias dos povos originários brasileiros, as quais foram construídas em harmonia com a natureza. Nesse contexto, os quintais não eram necessários enquanto “espaços autônomos, ao contrário, eram substituídos pela própria natureza circundante ao espaço da moradia” (Tourinho e Silva, 2016, p. 637). Os primeiros séculos da colonização portuguesa foram determinantes para a consolidação dos quintais domésticos no Brasil, um período marcado por “intensos e profundos intercâmbios culturais, que determinaram as feições típicas das áreas externas da casa colonial” (Dourado, 2004, p. 98).

Dourado (2004, p. 85) argumenta que “se existiram ambientes imprescindíveis no Brasil colonial, foram os quintais”. Considerados uma extensão orgânica da casa, tornaram-se o palco principal das práticas cotidianas, das relações sociais e de trabalho, especialmente entre os séculos XVI e XVIII. Sua função mais crucial, sobretudo “em uma época na qual, de modo geral, havia precárias redes de produção e comércio de alimentos” (Dourado, 2004, p. 85), era garantir a subsistência familiar. Eram espaços multifuncionais que abrigavam hortas, pomares e áreas para a criação de aves e animais domésticos, além de darem suporte a atividades domésticas, como cozinhar, lavar e tingir roupas, e à vida social, como brincadeiras, festas, lazer e celebrações. O cultivo de ervas medicinais para uso cotidiano também era prática comum, reforçando o forte caráter utilitário da vegetação mantida nesses espaços.

A disposição espacial desses quintais variava, no modelo rural, geralmente envolvia a casa, criando uma transição entre a moradia e as áreas de lavoura ou a

paisagem circundante. Nas cidades, o quintal localizava-se caracteristicamente na parte posterior do lote, resguardado do interior das quadras (Dourado, 2004). Independente da posição, o quintal representava, no âmbito doméstico, “uma possibilidade de contato com a natureza” (Tourinho e Silva, 2016, p. 650).

Esse contato com a natureza se materializava em áreas de cultivo específicas, como o jardim inserido no quintal. É precisamente ao observar a dinâmica da relação estabelecida entre quem cuida desses espaços e as plantas cultivadas que a perspectiva de Clément (2024), paisagista e agrônomo francês, se torna particularmente relevante. Ele compreende o jardim longe de ser uma paisagem estática e rigidamente controlada, sendo, em essência, sistemas vivos que evoluem continuamente. A figura de quem cuida desses espaços se assemelha ao papel do jardineiro descrito por Clément (2024), adotando uma postura que valoriza mais a observação do que a intervenção constante e agindo como um mediador que possibilita o encontro entre diversas espécies, afinal, “acima de tudo, lida com o que é vivo” (Clément, 2024, p. 23). Os jardins, assim, tornam-se mais do que simples espaços físicos, possuindo uma paisagem subjetiva, carregada das “lembranças que guardamos na memória” (Clément, 2024, p. 25), moldada pela vivência pessoal e pela bagagem cultural de quem o habita e cultiva.

Assim, reconhece-se o “gênio da natureza”, que Clément (2024) define como a capacidade das espécies de se relacionarem e se regularem. As irrupções da natureza como espécies invasoras ou daninhas não são vistas apenas como um invasor a ser eliminado, mas como parte da dinâmica do ecossistema. A intervenção humana, portanto, tende a ser pontual, baseada no “reconhecimento específico das espécies e de seu comportamento” (Clément, 2024, p. 78). Portanto, o conhecimento aplicado nos quintais e jardins medicinais é construído a partir da prática, da observação atenta, da comparação entre lugares e da troca que se adquire com a experiência. Essa abordagem valoriza a interação e a colaboração com a natureza, em vez da dominação.

No entanto, esses espaços e os saberes a eles associados enfrentam desafios consequentes da modernidade. O aumento da mecanização agrícola e das redes de supermercados alteraram os hábitos de consumo, com isso, o papel de provisão doméstica de alimentos e plantas medicinais, em grande parte, do quintal, passa a ser suprida pelo consumo em larga escala de produtos industrializados (Tourinho e Silva, 2016). Apesar dessas pressões externas e da lógica de mercado que tenta transformar saberes em mercadorias, o quintal persiste como um espaço de resistência cultural e manutenção da biodiversidade. Esses espaços de cultivo e manejo de plantas como quintais e jardins são fundamentais para a manifestação, manutenção e transmissão dos saberes tradicionais com plantas. Esses lugares funcionam como pontos de “reencaixe” (Giddens, 1991) de práticas e conhecimentos ancestrais, representando uma resistência cultural de “ruralidade urbanas” são expressas.

A trajetória de Maria Luíza da Silva Oliveira, 81 anos, raizeira, pedagoga e educadora popular na Cidade de Goiás, ilustra a centralidade do quintal como espaço feminino de saberes, práticas e protagonismo. Maria Geralda de Almeida (2016) destaca que o quintal é frequentemente o local onde, sobretudo as mulheres, praticam e transmitem seus saberes sobre plantas medicinais e alimentícias. Esse conhecimento, construído historicamente e passado intergeracionalmente, floresce nesse espaço “cultural, simbólico e de segurança alimentar” (Almeida, 2016, p. 148). A vida e o trabalho¹⁷ de Dona Maria Luíza estão profundamente ligados a esses espaços.

Atuando desde 1995 como coordenadora da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Rio Vermelho e na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, a mestra raizeira desenvolve um amplo trabalho de articulação com dezenas de comunidades e assentamentos rurais. Visitando cerca de 24 comunidades a cada dois meses e alcançando mais de 400 pessoas com

¹⁷ Em 2022 foi a personalidade homenageada no 23º Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA). Mais recentemente, em 2025, teve dois documentários lançados tratando da sua trajetória e contribuição para o resgate e difusão dos saberes com plantas em comunidades rurais, “Maria Luiza: Entre Raízes e Saberes”, dirigido por Vincent Glen Gielen e “Curandeiras”, dirigido por Verônica Brandão.

encontros, oficinas e palestras sobre plantas medicinais, alimentação natural, cidade e cultura. Essas atividades ocorrem nos quintais das famílias, em sistema de rodízio. Dona Maria Luíza explica que, na zona rural, é costumeiro convidar as visitas para o quintal, um espaço percebido como mais fresco e agradável. Esses quintais funcionam, portanto, como importantes espaços de troca e sociabilidade, onde ocorre a difusão desses conhecimentos tradicionais e são valorizadas as práticas das comunidades rurais a partir de rodas de conversa e trocas de experiências (Lima e Faria, 2020).

Essa conexão com os quintais das comunidades é compartilhada na sua própria vivência e no conhecimento cultivado no quintal de sua casa. Residindo na mesma casa na Cidade de Goiás há aproximadamente seis décadas, desde cerca de 1965, em uma área de entorno do sítio histórico tombado pelo IPHAN, no bairro Vila Romana (Figura 08). Dona Maria Luiza tem no seu quintal o espaço de experimentação e aprendizado contínuo, sua relação com as plantas remonta à infância na fazenda Gongomé, próximo a Itaberai/GO, onde a medicina caseira era o único recurso disponível, conhecimento herdado de sua mãe, avós e bisavó, com raízes africanas e portuguesas (Lima, 2022). “Tudo que a gente realiza é no quintal”, afirma, destacando a centralidade desse espaço onde seu vasto conhecimento sobre o uso medicinal de plantas, adquirido e refinado ao longo dos anos, se materializa em cultivos, experimentações, preparos e na própria vivência cotidiana. Para ela, esse conhecimento não é estático, mas construído “na medida que a gente vai caminhando”, através da relação com outras pessoas, raizeiros, benzedeiros e com as próprias plantas (Lima, 2022, p. 188).

Figura 08: Vista aérea da região da casa de Dona Maria Luíza, em destaque, no bairro Vila Romana na Cidade de Goiás.



Fonte: Google Earth, 2025.

Para aprofundar a compreensão dessa dinâmica e da manifestação desses saberes nesse contexto, foi realizada uma experiência etnográfica no quintal de Dona Maria Luíza em 12 de abril de 2025. Embora uma relação de sete anos já existisse, com diversas interações anteriores, este momento foi dedicado a percorrer sistematicamente o espaço em sua companhia, escutando os nomes, usos e histórias associadas às plantas ali cultivadas. Após uma acolhida afetuosa com café e bolinhos de arroz, o passeio em seu quintal permitiu observar *in loco* a materialização de sua trajetória e conhecimento. Caminhando em seu quintal, Dona Maria Luíza compartilhou parte de seu vasto repertório, para o tratamento da diabetes, por exemplo, ela relata o uso da bougainville, utilizando a flor em sucos e a folha seca em garrafada preparada com folhas de mamão e pata-de-vaca (Figura 09). Outra planta para a mesma condição são os rizomas do cipó-milhomem, preparados em infusões, esse mesmo preparo pode ser combinado com argila para a confecção de emplastos. Diversas outras plantas e receitas compõem seu repertório: a babosa é utilizada tanto *in natura* (o gel da folha) para queimaduras, quanto em pílulas caseiras para tratar hemorroidas e intestino preso. Para dores de cabeça, utiliza da folha de café, que é aquecida e aplicada diretamente sobre a

cabeça. A entrecasca do esporão-de-cachorro é empregada em garrafadas combinadas com outras plantas para o tratamento de candidíase. Ela conta também que para o preparo da multimistura¹⁸, são utilizadas folhas secas da taioba e da moringa, enquanto aponta para a copa da árvore. Dona Maria fala que jabuticaba é boa para o coração, conhecimento que aprendeu com seu avô que dizia que toda fruta roxa é boa para o coração.

Figura 09: À esquerda, desenho a mão de Dona Maria Luíza caminhando em seu quintal apresentando as plantas que usa para fins medicinais. À direita, uma folha de taioba, espécie que cultiva em seu quintal e utiliza para o preparo de multimistura.



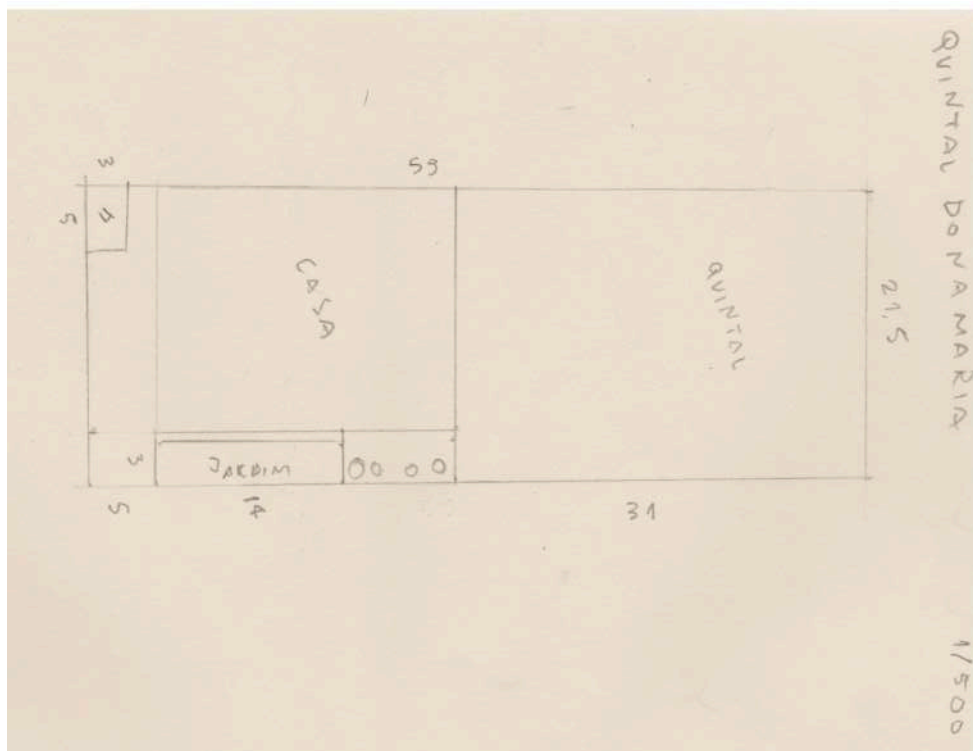
Fonte: Do autor, 2025.

O terreno onde Dona Maria Luíza reside na Cidade de Goiás possui uma área total de aproximadamente 1.268,5 m² (Figura 10). Dentro deste espaço, cerca de 723,5 m² são dedicados a áreas permeáveis de cultivo e convivência. Esses espaços se distribuem entre um jardim frontal de 15 m² (onde não foi observado o cultivo de plantas medicinais durante a visita), um jardim lateral com 42 m² e um

¹⁸ A multimistura é um composto de baixo custo, criado na década de 1980, para melhorar o estado nutricional de grupos como gestantes, nutrizes e crianças de baixo peso. Feita a partir de alimentos como farelos, folhas e sementes secas e trituradas (Conselho Federal de Nutricionistas, 2009).

amplo quintal aos fundos, que representa a área mais expressiva de cultivo, com 666,5 m². Além do cultivo direto no solo, a mestra raizeira também utiliza vasos embora estes contêm majoritariamente plantas ornamentais, dentre os vasos, apenas o alecrim foi identificado com uso medicinal.

Figura 10: Desenho a mão, esquemático, da distribuição dos espaços na casa de Dona Maria Luíza, na Cidade de Goiás.



Fonte: Do autor, 2025.

Considerando o conjunto dessas áreas, jardins, quintal e o vaso de alecrim, foram identificadas 37 espécies distintas empregadas para fins medicinais, organizadas na tabela 02. A forma como essa diversidade é disposta no quintal parece seguir uma lógica interna, não baseada em um rigor estético formal, mas sim na funcionalidade e na relação pessoal da moradora com as espécies. Isso ecoa a observação de Almeida (2016, p. 149) sobre os quintais em geral, cuja organização, embora sem rigor, “norteia-se pela utilidade e facilidade do trato das espécies cultivadas/criadas”, espelhando, assim, o conhecimento e as afinidades de seus cuidadores.

Tabela 02: Plantas medicinais cultivadas no quintal de Dona Maria Luíza na Cidade de Goiás/GO

NOME POPULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO
abóbora	fruto, flor	-	intestino (fruto), menopausa (flor)
acerola	fruto	suco	imunidade
alecrim	folha	chá	memória, anti-inflamatório, calmante
aroeira-vermelha	folha	-	inflamações
babosa	gel	in natura, pílula	queimaduras (tópico), hemorroida, intestino preso (pílula)
baunilha-do-Cerrado	fava	xarope	tosse, pneumonia
boldo-pinguço	folha	chá	fígado, estômago, ressaca
bougainville	flor, folha	suco (flor), garrafada (folha)	diabetes
café	folha	aquecida e aplicada topicamente	dor de cabeça
cajuzinho	fruto	suco	imunidade
cana-de-macaco	folha, caule	chá	diurético, infecções
canela	folha, entrecasca	chá	-
chambá	folha	tintura, xarope	calmante, sedativo, tosse
cipó-do-índio	rizoma	garrafada	articulações, reumatismo
cipó-milhomem	rizoma	chá, emplastro (com argila)	diabetes
colônia	folha, flor, rizoma	chá	calmante, ansiedade, diurético
crajiru	folha	chá	anemia, infecções
esporão-de-cachorro	entrecasca	garrafada	candidíase
graviola	folha	-	câncer
guaco	folha	xarope, chá	tosse
guiné	folha	tintura (inalar/ingerir)	sinusite (inalar), dores de cabeça (ingerir)
hibisco	flor	óleo	ressecamento vaginal, menopausa
jabuticaba	fruto	suco, in natura	coração
jambo-amarelo	folha	suco	-

jenipapo	fruto	doce	anemia
laranja	fruto	suco, in natura	imunidade
limão	fruto	suco, in natura	gripe, imunidade
mamão	fruto, folha	-	intestino, diabetes, pele
manga	folha, entrecasca	-	tosse
maracugina-do-Cerrado	folha	chá	calmante
moringa	folha	multimistura	suplemento alimentar
pariparoba	folha	-	fígado
pitanga	folha, fruta	chá (folha), in natura (fruta)	diurético (folha), imunidade (fruta)
taioba	folha	multimistura	suplemento alimentar
tamarindo	folha, fruto	-	intestino preso
vitex	folha	-	controle hormonal
zedoária	rizoma	chá	anti-inflamatório, afecções na boca

Como de costume, no interior, em que tudo é compartilhado, retorno para Goiânia com uma sacola com laranjas do seu quintal, além do coração feliz por ter reencontrado minha velha amiga. Essa experiência etnográfica permitiu não apenas documentar parte de seu conhecimento botânico, mas também aprofundar a compreensão da importância do quintal em sua história de vida e na manutenção e dinâmica de seus saberes. Portanto, o contato aprofundado com seu quintal e suas práticas, no contexto específico da Cidade de Goiás, oferece um contraponto importante para entender as formas de resistência e adaptação dos saberes tradicionais nos espaços urbanos de Goiânia, foco central desta investigação.

Retornando o foco para a paisagem urbana de Goiânia, a experiência etnográfica realizada em 16 de outubro de 2024 no quintal de Maria Ferreira de Sousa, 72 anos, carinhosamente conhecida como Mariinha na vizinhança onde mora no bairro Vila Itatiaia (Figura 11), nos ajuda a investigar como as práticas de cultivo de ervas com fins medicinais coexistem e se adaptam na metrópole. Conversamos no alpendre de sua casa, enquanto tomamos café e comemos um delicioso bolo de milho que ela havia preparado. Dona Mariinha contou que reside

na mesma casa desde 1974 e lembrou que, quando chegou, o terreno “não tinha nada, só capim”. Ao longo dos anos, cultivou diversas espécies, incluindo mangueira e um abacateiro que já não existem mais. Para ela, “ter quintal é bom, quem planta, colhe”, um espaço que valoriza e dá suporte para a prática de seu conhecimento sobre o uso de plantas, tanto para fins medicinais quanto alimentícios. Portanto, esses espaços que transcendem a mera função utilitária, configuram-se como locais privilegiados de encontro entre o ser humano e a natureza, onde “os sonhos são permitidos” (Clément, 2024, p. 33).

Figura 11: Vista aérea da região da casa de Dona Mariinha, em destaque, no bairro Vila Itatiaia em Goiânia.



Fonte: Google Earth, 2025.

Dona Mariinha relata que o conhecimento sobre plantas medicinais faz parte de sua vida desde a infância. Criada em uma chácara em São Luís dos Montes Belos/GO antes de se mudar para Goiânia aos 7 anos, ela e suas irmãs aprenderam com a mãe, em um contexto onde o acesso a médicos era escasso, “tudo era tratado com remédios caseiros, doenças leves e médias tratava em casa, médico era caso raro”. Seu quintal representa um exemplo de ruralidade urbana onde a memória rural e as práticas tradicionais dialogam com a vida moderna. Nesse sentido, a dificuldade de acesso a medicina científica e oficial, pelas classes mais baixas, estimulou a manutenção dos saberes ancestrais sobre as plantas

medicinais. Giddens (1991) aponta que a tradição é marcada pela repetição, recorrência e continuidade, portanto, é uma atividade cotidiana. Manter essas práticas e saberes representava, além dos aspectos culturais, a sobrevivência dessas comunidades. O quintal das casas dava suporte para a experimentação com os usos e práticas com plantas, logo, sua manutenção. Para Giddens (1991, p. 38):

A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. (grifo nosso)

Percebe, no entanto, pouco interesse das novas gerações em aprender esses saberes, atribuindo isso ao ritmo acelerado da vida urbana e à necessidade de “gostar e ter tempo”. Menciona também a dificuldade em encontrar certas plantas, como poejo, levante e marcelinha, dependendo de trocas com conhecidos ou da compra de remédios naturais industrializados, como cápsulas de melão-de-São-Caetano, em lojas especializadas como a “Natureba”. Para Dona Mariinha, um raizeiro é “a pessoa que sabe muito de planta e faz medicamentos”, embora não se considere uma.

A interlocutora percorreu seus canteiros, identificando as espécies e descrevendo seus usos (Figura 12). Dona Mariinha estabeleceu uma distinção entre plantas de uso medicinal e alimentício, a qual foi mantida nesta descrição em respeito à sua categorização e buscando reproduzir sua experiência, ainda que se reconheça que algumas plantas alimentícias possuem propriedades terapêuticas. Essa diferenciação reforça a ideia de que o conhecimento tradicional sobre plantas é construído a partir da experiência cotidiana, da observação dos efeitos no corpo e da transmissão oral de saberes, e não de uma separação estrita entre categorias formais.

Figura 12: Registro analógico, Dona Mariinha em seu quintal.



Fonte: Do autor, 2024.

O terreno que abriga essa diversidade cultivada por Dona Mariinha possui uma área total de aproximadamente 224 m². As principais áreas permeáveis identificadas, onde ocorre o plantio direto no solo, são o quintal posterior, com 83 m² e um jardim no recuo frontal, com 21 m². Além desses espaços, o cultivo também se estende a vasos dispostos na área de circulação externa lateral da casa, onde se encontram espécies como cavalinha, bálsamo, erva-cidreira, capim-cidreira e hortelã-miúdo. Considerando todos esses locais de cultivo, quintal, jardim frontal e vasos, foram identificadas 37 espécies distintas utilizadas para fins medicinais ou alimentícias. Destas, 19 plantas são de uso medicinal, organizadas na tabela 03. Já de uso alimentício predominante, foram citadas 18 plantas: abacate, abacaxi, acerola, amora, cravo, goiaba, graviola, gueroba, jabuticaba, limão, mamão, mandioca, ora-pro-nóbis, orégano, pimenta-do-reino, pitanga e taioba. Além das espécies listadas, foram observadas plantas ornamentais, que não foram incluídas neste levantamento (Figura 13).

Figura 13: Registros analógicos dos espaços de cultivo na casa de Dona Mariinha, nos vasos distribuídos no corredor lateral e aos fundos, no quintal de terra.



Fonte: Do autor, 2024.

Com as plantas, ela prepara chás, sucos, emplastos, xaropes, garrafadas, que considera os remédios caseiros mais fortes, e até cápsulas (como as de babosa que prepara com farinha de aveia e chia) para uso próprio. A senhora simpática e sorridente conta que combina esses saberes tradicionais com a medicina convencional, utilizando plantas para condições como gripes, problemas de estômago, infecções e dores, mas recorre a medicamentos de farmácia para doenças crônicas como tireoide, coluna, hérnia e pressão alta. Afirma que “o que sabe, ensina” e compartilha algumas de suas receitas ao longo da conversa, como a garrafada de sucupira com jenipapo preparada em vinho branco para a coluna e uma combinação de ginkgo biloba, ginseng, alfazema e parapoliana para labirintite. Também indica o suco de romã com uva para problemas ósseos, ver Tabela 3.

Tabela 03: Plantas medicinais cultivadas no quintal de Dona Mariinha em Goiânia/GO

NOME POPULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO
alecrim	folha	chá	-
alfavaquinha	folha	chá	gripe
algodão	folha	chá	-
avelós	látex	diluído em água	câncer
babosa	folha	cápsulas (farinha de aveia e chia)	pele e intestino
bálsamo	folha	-	estômago
bico-de-papagaio	folha	-	-
boldo-japonês	folha	chá	estômago e dores de cabeça
cana-de-macaco	folha	chá	rins
capim-cidreira	folha	chá	-
cavalinha	folha	chá	coluna e rins
citronela	folha	chá	-
colônia	folha	chá	calmante
crajiru	folha	-	-
erva-cidreira	folha	chá	calmante
funcho	folha	chá	gripe
hortelã-miúdo	folha	chá	estômago e gases
mastruz	folha	-	-
romã	semente	suco com uva	“problemas nos ossos”

A transmissão de seu conhecimento se baseia na oralidade e na memória como a mesma afirma "tudo na memória", por não gostar de ler e escrever. Contudo, utiliza a internet e o YouTube para consultar informações sobre plantas. Dona Mariinha compartilha suas plantas com vizinhos, familiares e amigos que a procuram para “pegar folha”, mas não as vende. A manutenção desses saberes depende intrinsecamente das redes de troca. Como destaca Amaral (2024, p. 30), é fundamental “a importância de as mudas circularem entre as pessoas, uma vez que são matérias-primas dos remédios caseiros, possibilitando trocas e a manutenção

da rede de produção dos remédios”. Essa prática de troca foi observada durante a pesquisa, quando Dona Mariinha me presenteou com uma muda de cavalinha de seu quintal (Figura 14).

Figura 14: À esquerda, desenho a mão da cavalinha cultivada em vaso em meio a outras plantas ornamentais no quintal de Dona Mariinha. À direita, a muda de cavalinha presenteada.



Fonte: Do autor, 2025.

As narrativas das interlocutoras revelam a profundidade da relação estabelecida com os espaços de cultivo. Embora o quintal doméstico seja o espaço predominante para essas práticas no contexto pesquisado, a noção de "jardim medicinal" pode emergir quando há uma intenção mais focada no cultivo terapêutico. Isso pode ocorrer em setores específicos do próprio quintal ou em iniciativas comunitárias e institucionais, a exemplo do trabalho desenvolvido no Espaço ÉDEM (Energia Desenvolvida em Equilíbrio com o Meio) na Escola de Agronomia da UFG, também no bairro Vila Itatiaia (Figura 15).

Figura 15: Vista aérea do Espaço ÉDEM, na Escola de Agronomia da UFG, na Vila Itatiaia em Goiânia.



Fonte: Google Earth, 2025.

O espaço, coordenado pelo Prof. Dr. Wilson Mozena Leandro, agrônomo, funciona como um centro tecnológico universitário que realiza pesquisas e prestações de serviços, com foco em estudos sobre plantas medicinais e energéticas, e na produção orgânica certificada. Atuando como área de desenvolvimento integrado com o Instituto Federal de Goiás (IFG) desde 2002, suas instalações incluem sala de aula, escritório, estufa e telado para cultivo, biodigestores e laboratórios especializados, como o de Segurança Alimentar Nutricional (SAN), Biomassa e Biogás, Biocombustíveis e Fertilizantes Orgânicos. Além disso, possui um centro de capacitação e um espaço de moradia voltado para agricultores familiares e estudantes, como os do Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA) (Figura 16).

Figura 16: Instalações do Espaço ÉDEM.



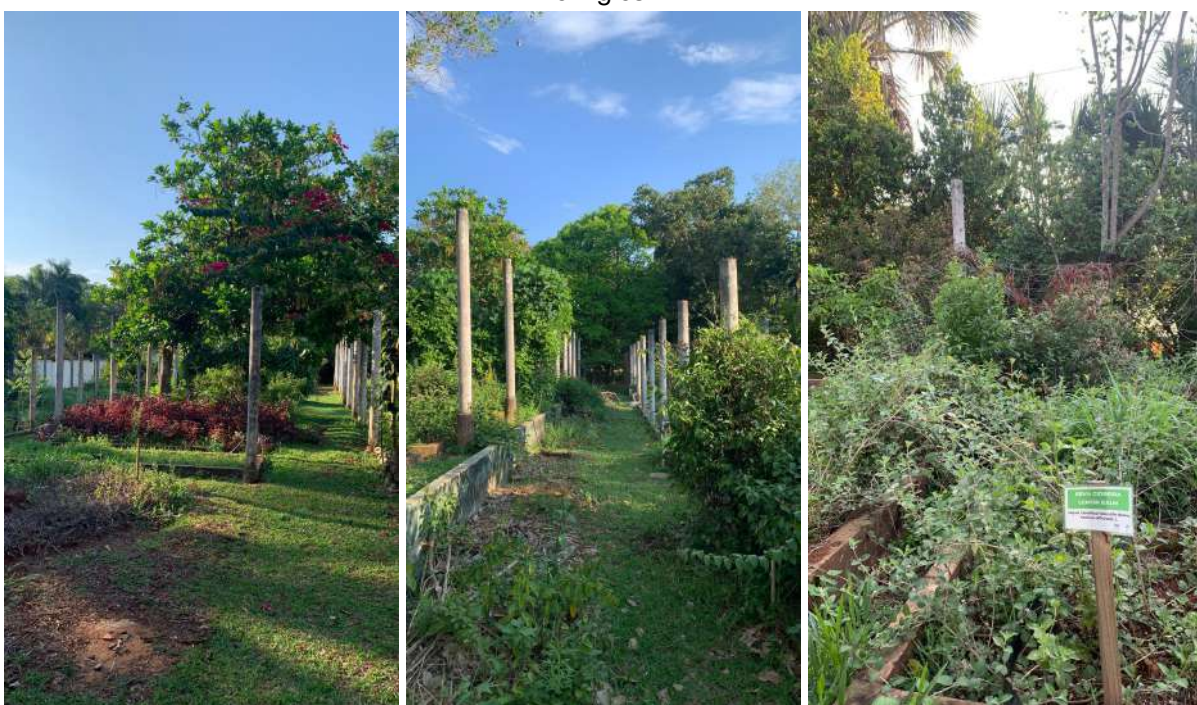
Fonte: Do autor, 2024.

Dentro da estrutura do ÉDEM, os canteiros de plantas medicinais ocupam uma área significativa de aproximadamente 400 m² e abrigam uma coleção diversa com mais de 30 espécies. Cada planta cultivada é identificada por sinalização que informa seu nome popular, em português e inglês e o nome científico da espécie (Figura 17). A coleção inclui plantas como alecrim, alfavaca, alfazema, arruda, artemísia, babosa, boldo, capim-citronela, capim-santo, carqueja, chambá, confrei, elevante, erva-baleeira, erva-cidreira, erva-doce, espinheira-santa, fáfia, fita-de-moça, folha-fortuna, hortelã, hortelã-grosso, lírio-do-brejo, losna, louro, ora-pro-nobis, terramicina, pluma-de-névoa, quebra-demanda, rosa branca e tansagem. É interessante notar que, como o espaço também é utilizado para experimentações com outras espécies, as plantas cultivadas podem variar de acordo com a sazonalidade ou os projetos de pesquisa em andamento.

Esses canteiros possuem um caráter comunitário, sendo sua manutenção realizada principalmente por estudantes voluntários, em grande parte provenientes do PRONERA. A participação desses estudantes, vindo de assentamentos e comunidades rurais com suas próprias tradições de uso de plantas representa uma

via de mão dupla, sendo um espaço de aprendizado técnico-científico para os alunos dentro da universidade e, um espaço para que os conhecimentos dessas comunidades dialoguem e sejam incorporados ao ambiente acadêmico. Assim, esses espaços funcionam como um recurso tanto para o estudo científico dessas plantas, quanto para o uso da comunidade em geral, contribuindo não apenas para a geração de conhecimento acadêmico, mas também para o fomento da manutenção dessas práticas populares de cura.

Figura 17: Canteiros medicinais com identificação do nome popular e nome científico, em português e inglês.



Fonte: Do autor, 2024.

Em espaços como o ÉDEM, funções como a preservação de espécies, educação ambiental e saúde, e o fortalecimento comunitário podem se tornar mais explícitas do que no âmbito estritamente doméstico. Ainda assim, mesmo nesses espaços com maior grau de organização, percebe-se a lógica e a necessidade de colaboração com a natureza dinâmica, como preconiza Clément (2024). O impacto positivo de projetos focados em jardins ou canteiros medicinais comunitários é destacado por Rodrigues, Dainezi e Sauini (2025, p. 33), que apontam como a produção distribuição de mudas garantem “a continuidade do projeto de canteiros medicinais de outras comunidades, expandindo o acesso a novas áreas e

inspirando outras iniciativas de cultivo”. Na ocasião que visitei o espaço para conhecer o projeto, em 18 de outubro de 2024, tive a oportunidade de pegar uma muda de terramicina e algumas rosas brancas que usei posteriormente para preparar banhos de limpeza espiritual.

Essas práticas reforçam a visão do canteiro medicinal como “um espaço de resistência, educação e reapropriação da terra (Rodrigues, Dainezi e Sauini, 2025, p. 33)”, evidenciando o potencial transformador dessas iniciativas para além do cultivo em si. Assim, os quintais e jardins medicinais em Goiânia emergem não apenas como espaços físicos de cultivo, mas como paisagens onde saberes ancestrais resistem e se ressignificam em meio às transformações da vida urbana. São locais de memória, prática, sociabilidade e afeto, fundamentais para a manutenção desses saberes e da cultura na cidade. Apesar das pressões da modernidade, da urbanização e do mercado, eles persistem como manifestações da capacidade humana de interagir com a natureza de forma colaborativa e como espaços que guardam, nas palavras de Clément (2024, p. 95), a promessa de serem “um lugar privilegiado do futuro, um território mental de esperança”.

3. Novas formas: ervas em transformação

3.1. Nas ruas

Como visto no capítulo anterior, a diminuição ou desaparecimento dos quintais e jardins medicinais nas cidades ocasiona mais do que a perda de áreas verdes, significa também a desarticulação de práticas culturais importantes como o cultivo doméstico e as trocas de mudas entre vizinhos. Diante dessa transformação espacial, o comércio em ruas, feiras e mercados passa a concentrar a visibilidade e o acesso a algumas plantas medicinais e remédios delas derivados. O surgimento do comércio remonta às primeiras civilizações e, nesse sentido, a compreensão da sociedade e de seus fenômenos perpassa por essa esfera de troca que, para além das mercadorias, envolve o intercâmbio de saberes, práticas e experiências. O espaço público assume, então, papel central, ainda que ambíguo, na manutenção dessas práticas, as quais, nesse novo contexto, frequentemente se apresentam inseridas na lógica do consumo. Refletindo sobre essa dinâmica urbana, Machado (2008, p. 127) observa que:

[...] na cidade a experiência que tem aproximado raizeiros com as naturezas é a experiência comercial. A natureza é a fornecedora de mercadoria, a mídia parceira no incentivo a adesão das medicinas populares, alternativas e tradicionais. A demanda do uso é cultural. As pessoas têm o hábito, o costume e a necessidade de usos das plantas medicinais [...]. (Machado, 2008, p. 127)

A pesquisa de Machado (2008) identificou 92 pontos de comercialização de ervas e remédios naturais no perímetro urbano de Goiânia entre 2007-2008. Destes, 41 estavam distribuídos em feiras livres diurnas, 02 em feiras especiais, 18 em mercados municipais, 27 em lojas de raízes e 05 ambulantes. Machado (2008) destaca que locais específicos na cidade estavam se constituindo em centralidades do comércio de plantas medicinais, como os bairros Central e Campinas (Ver Anexo A). A autora argumenta que a “história, a estrutura e organização espacial destas centralidades favorecem a presença desse tipo de comercialização, pois são setores antigos, que mantêm a tradição dos mercados e feiras grandes e antigas” (Machado, 2008, p. 94). Nesse sentido, é na paisagem composta de edificações

“tombadas como patrimônio¹⁹ [...] (que) se encontram as concentrações de raizeiros” (Machado, 2008, p. 87).

O bairro Central, desde sua concepção, consolida-se como um importante pólo de serviços e atividades econômicas, abrigando tanto grandes empresas quanto um expressivo comércio informal (Arrais e Medeiros, 2021). Sua paisagem retrata as dinâmicas típicas de centros urbanos no Brasil, incluindo esvaziamento de atividades, desigualdade na ocupação socioespacial e degradação de espaços segregados. A rua é um lugar de sociabilidade, repleto de gestos corporais, interações e performances, assim, a perspectiva estética na interpretação da vida social urbana, enfatiza o componente narrativo dos deslocamentos humanos (Rocha e Eckert, 2013). Palcos para uma variedade de atividades sociais, refletem a diversidade e vitalidade dos usos do espaço público (Figura 18). Nelas, há um fluxo constante de pedestres e ambulantes que oferecem uma ampla gama de produtos, como artesanatos, exames oftalmológicos, panelas, meias, bijuterias, alimentos e remédios naturais.

Figura 18: Registro na esquina da Av. Goiás com a Rua 03.

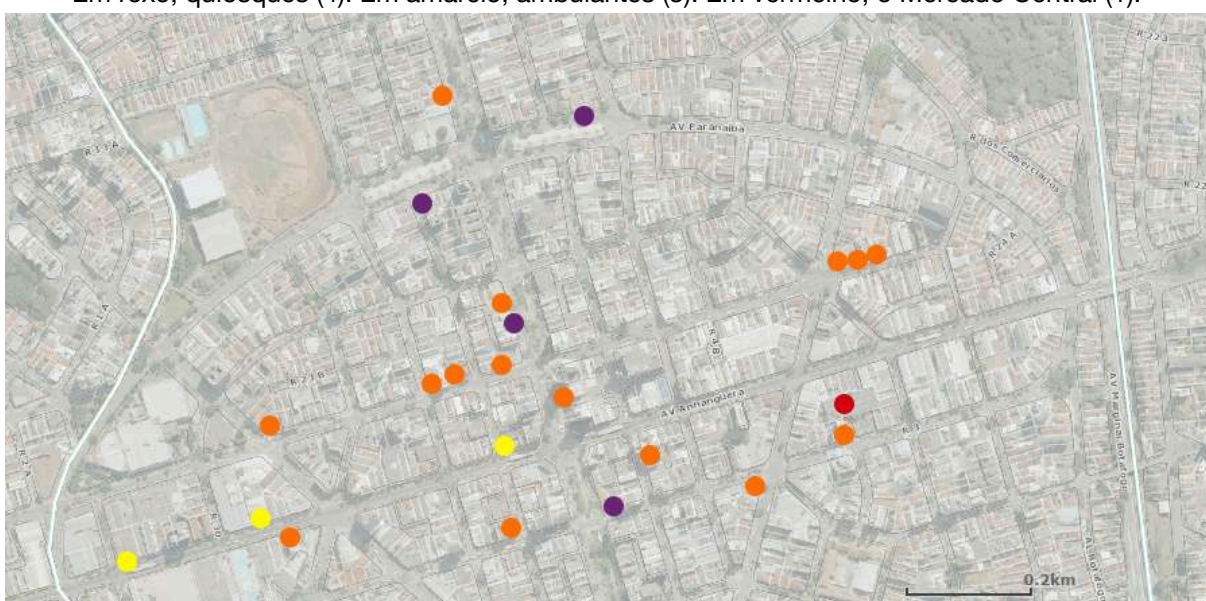


Foto: Marco Túlio R. Cunha, 2023.

¹⁹ Possui o maior conjunto de bens tombados pelo IPHAN em estilo Art Déco.

Como primeira tentativa de sistematização, a organização desses dados começa com a indicação desses locais em um mapa com base em uma imagem de satélite (Figura 19). No entanto, essa sistematização, ao ser traduzida em um mapa, segue uma perspectiva representacional tradicional da cartografia, que concebe o espaço como uma geometria explícita (Girardi e Soares, 2015). Essa abordagem formal, comum à cartografia ocidental, é eficaz para apresentar a localização dos estabelecimentos comerciais, mas limita-se a uma leitura espacial planificada.

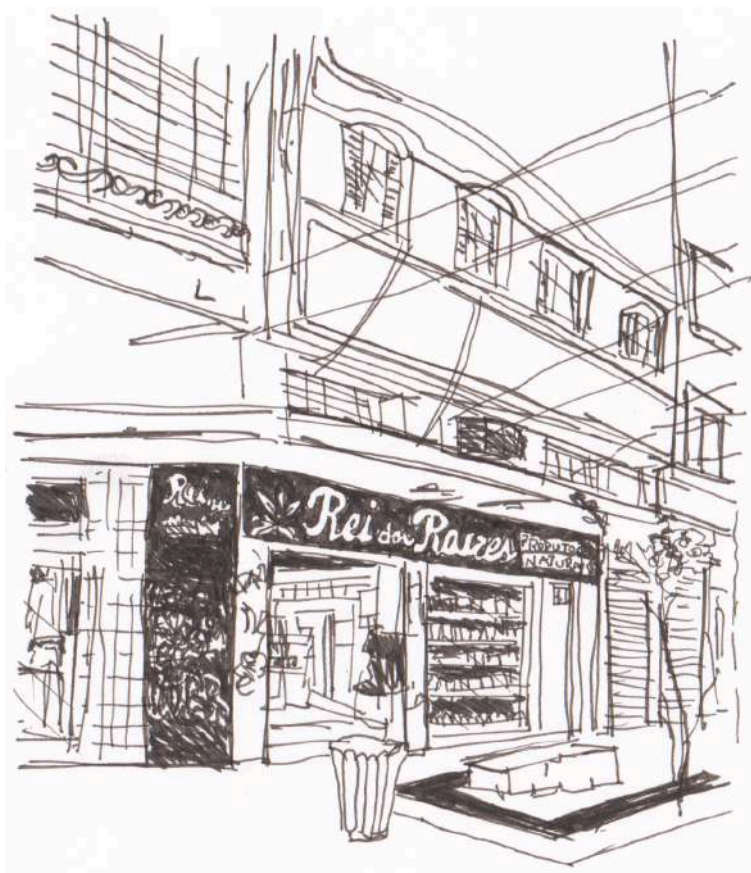
Figura 19: Locais de comercialização de plantas e raízes no Centro de Goiânia. Em laranja, lojas (15). Em roxo, quiosques (4). Em amarelo, ambulantes (3). Em vermelho, o Mercado Central (1).



Fonte: Mapa Digital Fácil (2024) adaptado pelo autor.

A pesquisa de campo permitiu identificar uma significativa presença de locais de comercialização no bairro Central de Goiânia. Observou-se a concentração de sete lojas (Território da Saúde, União das Raízes, Bens da Terra, Empório Natural, Natural Alimentos Loja Empório Produtos Naturais, Abelha Rainha Catálogos Naturais, Naturais em grãos) na Rua 04, três lojas (Rei das Raízes, Empório Natural *Diet Shop* e *Flor do Cerrado*) e um quiosque na Rua 03 e a loja e distribuidora *Amazon Raízes* na Rua 07 (Figura 20).

Figura 20: Desenho à mão, loja de ervas, remédios e produtos naturais “Rei das Raízes”, na esquina da Rua do Lazer com a Rua 03.



Fonte: Do autor, 2025.

Na Rua 03, esquina com a Avenida Goiás e ao lado do Grande Hotel, encontra-se um quiosque fixo, uma banca-armário de ferro na cor verde com dimensões aproximadas de 2,5x1,50m (Figura 21). Ali, iniciei uma conversa com a responsável, Liliane Dias dos Santos, raizeira de 45 anos. Logo no início de nossa interação, ela fez questão de demarcar sua identidade e prática, afirmando, “você vai conhecer a raizeira de verdade, e não o vendedor de raízes”. Seu estabelecimento, a banca “L&E Ervas”, nome que faz referência a ela e seu marido, Edson, já se consolidou como um ponto de referência na região. Liliane conta trabalhar naquele ponto desde 1998, inicialmente vendendo seus produtos com um carrinho ambulante. O quiosque, onde está desde 2021, pertencia anteriormente a um chaveiro. Segundo ela, o proprietário “fez questão de vender para ela” como reconhecimento pela ajuda mútua que existiu ao longo dos anos que trabalharam no mesmo espaço. Essa ligação com o espaço se manifesta também no cuidado com

o entorno, ela conta ter plantado duas árvores de oiti na esquina, próximas de onde ficava com seu carrinho quando era ambulante.

Figura 21: Quiosque de Liliane, ao lado do Grande Hotel, na Avenida Goiás.



Fonte: Do autor, 2025.

A tradição do trabalho com plantas medicinais é um forte legado em sua família que ela carrega com orgulho. Liliane conta ser descendente de indígenas Tapuia, que teriam fugido para a Bahia, e também de negros, com sua família materna sendo de raizeiras e a paterna de benzedeiros. Seus avós já vendiam ervas na feira em Barreiras/BA, sua cidade de origem, aos 14 anos começou a trabalhar revendendo as plantas dos seus avós, onde “forrava uma lona no chão e estendia as plantas”. Esse gesto de expor as plantas em esteiras evoca as descrições de Araújo (2004) das bancas dos raizeiros em 1956, em feiras na comunidade alagoana de Piaçabuçu. Como descreve Araújo (2004, p. 172, grifo nosso):

Banca não existe, mas ali no calçamento estende as esteiras, sobre elas **distribui as raízes, folhas, cascas, lascas de madeira, frutos, sementes, penas de aves, couros, escamas, enfim os remédios mágicos, religiosos e naturais usados quer na medicina mágica, religiosa ou empírica.** Aqueles que se tratam buscando na

medicina empírica os remédios para seus males **têm na banca do raizeiro o pábulo para os chazinhos, mezinhas, garrafadas, lambedouros, cataplasmas, tópicos, purgantes, vomitórios, suadouros, banhos etc.**

O contato desde cedo, observando e participando, compõem seu repertório vasto, o que ela denomina de “dom das plantas”. Sua distinção entre o “raizeiro”, que cultiva uma relação de respeito e preservação com a natureza e o “mateiro” ou o mero “vendedor de raízes”, focado no lucro e na extração predatória, contribui para o entendimento da complexidade de atores dessa cadeia. Os “mateiros”, como são popularmente conhecidos, figuras geralmente masculinas, são os responsáveis pela coleta de ervas diretamente da natureza, seja no “mato”, em chácaras, lotes baldios ou outros locais onde as espécies de interesse ocorrem. O conhecimento que possuem sobre a localização, identificação e sobre os hábitos das espécies é fundamental para a coleta das plantas no momento e da forma adequada. Esse saber tradicional envolve uma profunda atenção aos ritmos da natureza, como descrito por Araújo (2004, p. 172-173):

Certos “aperparos” dependem da estação, por exemplo, algumas flores silvestres, frutos e sementes. **Determinados paus ou cascas precisam ser tirados na lua certa, outros durante a quaresma e há coisas que só terão efeito, “tiro e queda”, quando colhidas ou preparadas na sexta-feira da Paixão.** A posição do sol também deve ser observada, principalmente quando se trata de raiz, algumas requerem ser arrancadas “a pulso”, fazendo força, outras tiradas, isto é, descoberta a terra ao redor e puxada sem gemer, ora antes de o sol nascer, ora antes do meio-dia, ora na boca da noite, outras à noite de determinada lua. (grifo nosso)

Foi mencionado que certas coletas de mateiros não demonstram cuidado com o impacto ecológico, envolvendo a retirada de plantas inteiras de forma indiscriminada, o que pode levar ao esgotamento dos recursos naturais em determinados locais de extração. Essa prática predatória, possivelmente intensificada pela demanda comercial e pela redução das áreas de coleta devido à urbanização, representa um risco tanto para a biodiversidade quanto para a própria continuidade dos saberes tradicionais que dependem desses recursos. A raizeira coleta algumas plantas diretamente da natureza e explica que, “é impossível ter todas plantas no mesmo lugar”. Em decorrência disso, ela coleta plantas medicinais

em diversos locais, incluindo diferentes municípios no estado de Goiás, como Campo Alegre de Goiás, Aruanã e Hidrolândia, e em outros estados como Minas Gerais, Bahia e Tocantins. Paralelamente à coleta na natureza, ela também se dedica ao cultivo em suas próprias chácaras, localizadas em Trindade, onde cultiva arruda, guiné, erva-de-santa-Maria e quebra-pedra, e em Aruanã, ambas no estado de Goiás. Além do uso próprio e do preparo de seus remédios, Liliane também revende parte das plantas que coleta ou cultiva. Seus clientes incluem casas de raízes, lojas especializadas, raizeiros menores e, como ela cita, algumas bancas do Mercado Central de Goiânia.

Seus “segredos”, como ervas específicas para garrafadas ou o momento ideal para a colheita da arnica (Figura 22), são a expressão de um conhecimento empírico, transmitido e refinado ao longo do tempo, que, segundo ela, garante a qualidade e eficácia de seus produtos e preparações. Para além das espécies que ela mesma coleta em suas incursões por diversos estados ou cultiva em suas chácaras, Liliane complementa seu estoque adquirindo outras plantas de fornecedores, assegurando assim a variedade necessária para atender à demanda de sua clientela e à diversidade de seus preparos. O fato de mulheres serem seu principal público, vistas por ela como “mais cuidadosas”, aponta para o papel central feminino na manutenção da saúde familiar e na transmissão desses saberes populares.

A relação de Liliane com sua clientela e com o espaço urbano demonstra uma notável capacidade de adaptação e uma resposta a demandas sociais concretas. Ela recorda o período em que trabalhava com o carrinho ambulante, o que envolvia guardar o carrinho ao final do dia em garagens, como uma que ela utilizou na Rua 07, entre tantas outras. Embora Liliane relate que com o carrinho “vendia mais”, ela também destaca o quão cansativo para o corpo era o esforço de empurrar a estrutura pesada diariamente, uma rotina que lhe causou lesões na coluna, ombro e joelho. A transição posterior para o ponto fixo no quiosque, junto a pandemia do COVID-19, impulsionou a procura por tratamentos naturais, indicam

uma crescente busca por alternativas de cuidado, possivelmente alimentada por uma “descrença na medicina alopática”, como ela mesma sugere.

Figura 22: Desenho a mão, à esquerda, Liliane no quiosque ao lado do Grande Hotel, na Avenida Goiás. À direita, a amica que havia colhido na semana anterior.



Fonte: Do autor, 2025.

Com mais de dois mil clientes e inúmeros relatos de cura, seu quiosque L&E Ervas se consolida como um ponto de referência e confiança (Figura 23). Contudo, a manutenção dessas práticas enfrenta desafios. A dificuldade em encontrar certas plantas, a impaciência dos clientes que buscam “resultados rápidos”, em contraste com o efeito gradual das ervas, e o fato de apenas o filho mais novo demonstrar interesse na tradição familiar, são indicativos da fragilidade desses saberes se não houver um esforço consciente para sua preservação e transmissão. A iniciativa do filho, porém, acende uma esperança e reforça a importância da continuidade intergeracional. A experiência de Edson Júnior, de 16 anos, contrapõe a narrativa frequente sobre o desinteresse das novas gerações pelas tradições.

Figura 23: Desenho a mão, quiosque “L&E”, ao lado do Grande Hotel na Avenida Goiás.



Fonte: Do autor, 2025.

O envolvimento de Júnior com as plantas medicinais foi construído através de uma imersão precoce e contínua no ambiente de trabalho de sua mãe, quando ainda usava o carrinho, “veio com 4 meses, cresceu naquele espaço, em meio ao comércio de ervas”. Para Edson, a transmissão desses saberes se dá fundamentalmente “pela prática e pela curiosidade de aprender”. Esta percepção, vinda de um jovem raizeiro, reforça a natureza eminentemente empírica e dinâmica desse tipo de conhecimento. Desde os 14 anos trabalhando ativamente com as plantas, ele internaliza e reproduz um modelo de aprendizado que valoriza a experiência direta, a observação e a iniciativa pessoal, características centrais da construção dos saberes tradicionais populares. Sua dedicação ao preparo de xaropes, um processo que aprecia por ser “longo, leva dias”, revela que o tempo de trabalho também é tempo de construção de vínculo pelos rituais. Afirma também que a parte que mais gosta em seu trabalho é “na troca com o outro” e que isso o “faz se sentir bem”, e que comercializar é a menor parte desse propósito.

Além do quiosque da Liliane, há ainda três lojas (*Goiânia Magazine*, *Armazém das Raízes* e *Casa das Raízes*) e outro quiosque-armário na mesma Avenida Goiás.

A Avenida Paranaíba, que intersecciona aquela primeira avenida, existem dois quiosques-armários que vendem ervas e remédios naturais (Figura 24). Já na movimentada Avenida Anhanguera, encontram-se uma loja (A Raizeira), três vendedoras ambulantes e o Mercado Central com 15 bancas dedicadas a esses produtos. Esses pontos de comercialização distribuem-se, predominantemente, ao longo de ruas paralelas aos principais eixos verticais e horizontais da área central, formados pelas avenidas Goiás e Anhanguera. A variedade de estabelecimentos demonstra que essas práticas se apresentam de formas diversas e continuam a se integrar à paisagem urbana.

Figura 24: Desenho à mão, à esquerda, quiosque-armário na Av. Goiás. À direita, desenho a mão do quiosque-armário na esquina da Rua 70 com a Av. Paranaíba.



Fonte: Do autor, 2023.

Na esquina da Avenida Anhanguera com a Rua 08, no Centro, encontro a banca ambulante da Vera, nome fictício, com idade entre 50 e 60 anos. A comerciante conta que sua banca vai até onde haja demanda, ou seja, movimentação de pessoas. Me recordo de vê-la naquele ponto em outros momentos, além do dia em que conversamos, certa vez com a frente de sua banca

voltada para a Avenida Anhanguera e outra para a Rua 08 (Figura 25). Sua banca tem média 1,00x2,50m, possui rodas, estrutura metálica e cobertura com lona. Vera geralmente alterna entre ficar sentada em um banquinho e em pé ao lado do carrinho, o que permite interagir com os transeuntes e chamar para conhecer os produtos.

Figura 25: Desenho a mão, carrinho ambulante da Vera, esquina da Av. Anhanguera com a Rua 08, bairro Central, Goiânia.



Fonte: Do autor, 2025.

Na parte da frente ficam expostos suplementos alimentares e remédios naturais em prateleiras, enquanto insumos secos e outros produtos como buchas vegetais ficam pendurados (Figura 26). Já na parte de trás ficam sacos plásticos com garrafas PET e insumos secos para produção de garrafadas, que são aceitas sob encomenda. Pela posição do carrinho, os clientes se aproximam do carrinho por todos os lados. A compra é feita diretamente com ela e o pagamento pode ser feito em dinheiro, pix ou cartão. Vera trabalha comercializando remédios naturais há 20 anos e há 7 anos abandonou a prática de coletar plantas no mato, para posterior produção dos remédios, após o falecimento de seu marido. Quando questiono com quem ou onde adquiriu os conhecimentos com plantas medicinais me responde que por meio de cursos e nega ter aprendido algo com sua família nesse sentido.

Figura 26: Banca ambulante da Vera, esquina da Av. Anhanguera com a Rua 08, bairro Central, Goiânia.

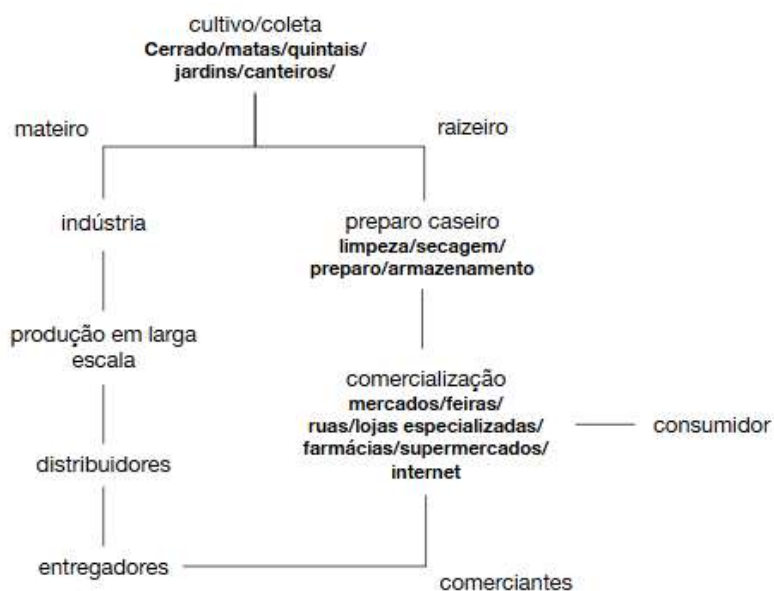


Fonte: Do autor, 2024.

Os rótulos dos produtos indicam que estes advêm de lojas distribuidoras de produtos naturais, o que a comerciante confirma posteriormente. Ela demonstra cautela e desconfiança quando faço perguntas sobre os remédios e a origem das plantas, relatando que seu contato com essas lojas distribuidoras se dá, muitas vezes, apenas por meio de entregadores. Ou seja, é possível identificar uma fragmentação ou segmentação do contato da raizeira com a natureza e com o ciclo completo do saber-fazer. Os produtos que ela comercializa são, em grande parte, fruto de uma cadeia produtiva extremamente industrializada, cujas etapas podem ser esquematizadas, como “cultivo - colheita - limpeza - secagem - preparo do produto - armazenamento - controle de qualidade - embalagem” (Rodrigues, Dainezi e Sauini, 2025, p. 205). Essa cadeia, inerentemente, segmenta o processo produtivo, muitas vezes separando o cultivo, feito por produtores específicos, da colheita, do processamento e da distribuição final. Nesse contexto, os mateiros assumem esse papel.

Na dinâmica atual, muitos mateiros atuam também como os fornecedores de matéria-prima para distribuidores e indústrias que processam esses insumos. Eles se inserem, assim, no início dessa cadeia produtiva que chega até comerciantes como Vera. Essa intermediação da indústria e dos distribuidores, embora possa facilitar o acesso ao produto final no contexto urbano e atender a exigências sanitárias, fragmenta o processo tradicional e o conhecimento a ele associado. É criado um distanciamento com a origem e o manejo inicial da planta, como Vera, que relata ter abandonado a coleta, mas também para o consumidor final. A experiência integral do cultivo, do manejo da terra, da observação da natureza e do contato direto com a planta viva, práticas que historicamente compunham a essência desses conhecimentos de cura, é substituído pela compra de um produto descontextualizado. Esses aspectos culturais podem se tornar opacos ou perdidos nesse processo de mercantilização e distribuição em larga escala. Ao receber o produto já processado e embalado, a comerciante é posicionada no final dessa cadeia fragmentada (Figura 27).

Figura 27: Esquema das dinâmicas socioculturais encontradas na pesquisa de campo no Centro de Goiânia.



Fonte: Do autor, 2025.

Vera conta que as embalagens das franquias passam credibilidade, e que são uma exigência da vigilância sanitária. Alguns dos outros motivos citados pela preferência dos produtos de franquias foram a facilidade de acesso aos produtos

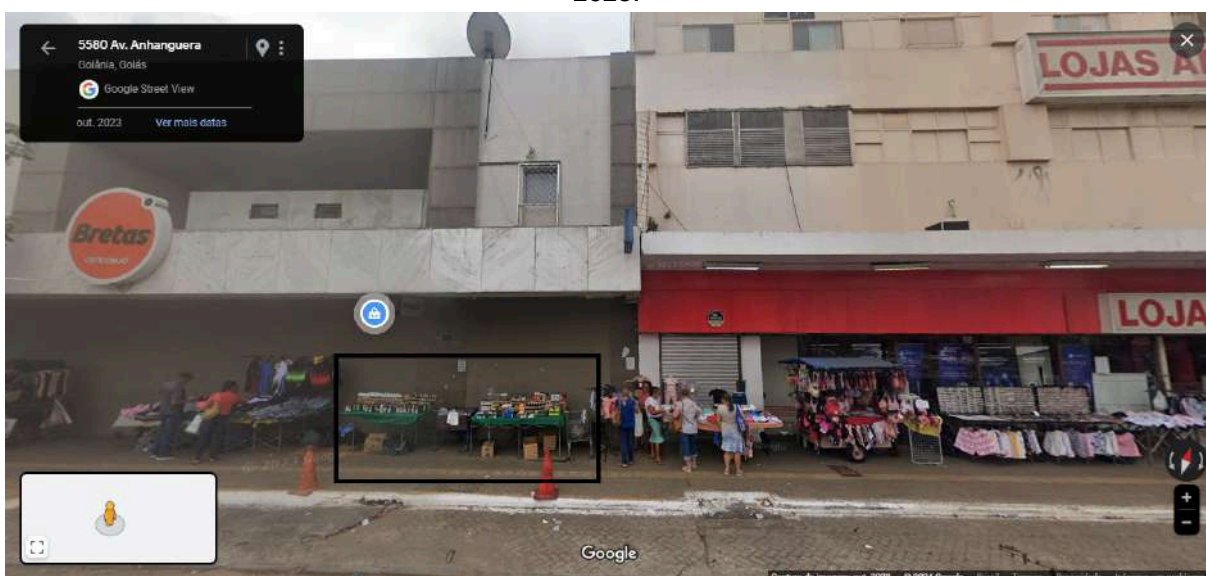
em decorrência dos entregadores, os riscos físicos envolvidos na coleta das plantas e a economia nos gastos que envolvem a coleta como deslocamento, por exemplo. Não consegui estender muito a conversa porque a movimentação e circulação de pessoas e carros é sempre muito intensa naquela área, afetando a conversa e a atenção. Todas as vezes que a vi ela estava acompanhada de um homem, que observava tudo em silêncio na lateral. Agradeço a ela pela conversa e sigo caminhando pela Avenida Anhanguera em busca de outras bancas ambulantes de remédios e produtos naturais.

A segunda banca que encontro é a da Laura, nome fictício, e fica próxima à Lojas Americanas, alguns quarteirões à frente. Laura parece ter idade entre 50 e 60 anos. Sua banca pode ser considerada ambulante por conta do caráter itinerante que possui, embora não possua rodas. A banca de Laura é dividida em duas mesas, uma com em média 1,00x1,50m e outra com 1,00x2,00m, onde expõem os remédios naturais. Encontro somente remédios naturais de franquias, não encontro garrafadas artesanais ou insumos. Relato estar procurando algum remédio natural para dor de cabeça, a raizeira me indica uma garrafada depurativa pronta, me passa a posologia e ao demonstrar interesse e curiosidade, começamos a conversar. Na ocasião, não consegui tirar foto da sua banca. Posteriormente recorri às ferramentas digitais de mapeamento como *Google Street View* para ilustrar como está posicionada (Figura 28).

Logo surge uma figura masculina jovem, que interrompe a conversa. O jovem rapaz se apresenta como representante de uma distribuidora de remédios naturais, Laura pergunta qual a média do valor de seus produtos, e logo após a resposta do rapaz diz que consegue um preço melhor com outra pessoa, escuto o nome Andreia mas não consigo entender direito a conversa entre os dois por conta do barulho e movimentação de pessoas em volta. Sinto como se eu não devesse estar escutando essa conversa, mas Laura é muito tranquila e aberta o tempo todo. O jovem rapaz convence a raizeira a pegar o cartão de visita e se despede. Após sua saída, Laura comenta que o preço estava ruim e que precisa estar atenta a isso para que tenha uma boa margem de lucro com as vendas. Como Vera, Laura diz ter

aprendido os saberes-fazeres em um curso sobre manipulação de plantas medicinais, ademais complementa dizendo que aprendeu tudo o que sabe “na vida”, dando a entender que além do curso, aprendeu com outras pessoas e outros lugares. No instante seguinte, chega um cliente e para não ocupar sua atenção, me despeço e sigo caminhando pela Avenida Anhanguera.

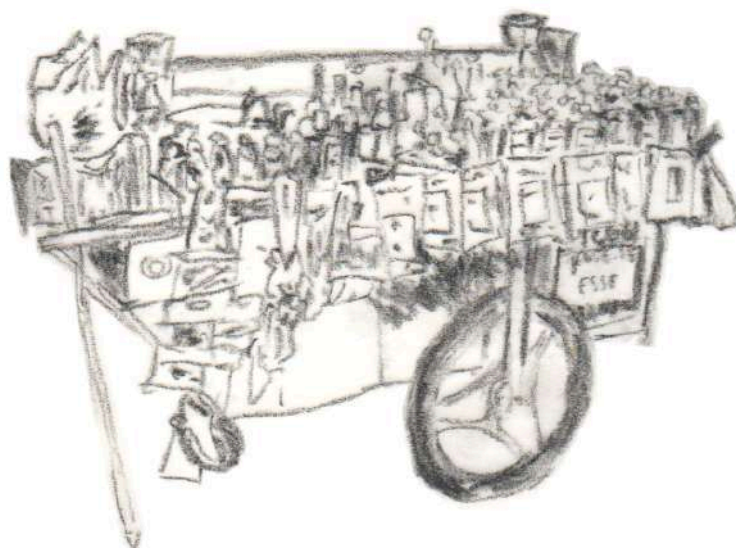
Figura 28: Em destaque, a banca de remédios naturais da Laura, na Av. Anhanguera próximo à Lojas Americanas, no bairro Central, Goiânia. Imagem capturada pelo Google Street View em outubro de 2023.



Fonte: Google Street View (2024) adaptado pelo autor.

Na esquina da Rua 11 com a Avenida Anhanguera avisto mais uma banca ambulante (Ver Figura 29). Por conta do calor e cansaço da caminhada, opto por não conversar com a raizeira e ao invés disso, observo por um tempo. A mulher, com idade entre 40 e 50, permanece sentada, com as costas voltadas para sua banca. A banca é ambulante, possui rodas e estrutura metálica. Nela estão expostos remédios naturais e embalagens com insumos de franquias, facilmente reconhecíveis pela embalagem. Em pequenas garrafas PET de 200ml é possível identificar garrafadas artesanais. A movimentação de pessoas nesse ponto da Avenida também é agitada, embora muitas passem perto da banca, nenhuma para.

Figura 29: Desenho a mão, carrinho ambulante ambulante de produtos naturais, visto na esquina com a Rua 11 e a Av. Anhanguera, no bairro Central, Goiânia.



Fonte: Do autor, 2024.

A organização da rotina diária, como o armazenamento do carrinho e das mercadorias, é um desafio logístico para as comerciantes ambulantes que se deslocam pela cidade. Embora os detalhes específicos sobre as práticas de Vera e Laura não tenham sido aprofundadas na interação, o relato de Liliane sobre sua experiência anterior com o carrinho, que envolvia guardá-lo em garagens com toda a mercadoria para facilitar o retorno no dia seguinte, oferece um ponto de referência sobre os desafios e soluções encontradas por quem trabalha com essa modalidade de venda itinerante. A própria persistência dessas comerciantes itinerantes e suas estratégias para operar no espaço urbano podem ser vistas sob a ótica da apropriação e da disputa por territórios na paisagem urbana contemporânea. Nesse sentido, (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 74, grifo nosso) argumentam que:

Tomamos os espaços públicos como lugares privilegiados para o embate dos diferentes interesses e necessidades em jogo, pois a modernidade urbana maximiza o duelo entre os setores hegemônicos e os amplos segmentos marginalizados: os primeiros formatam e normatizam, ao seu interesse, os espaços da vida pública; os demais, quase sempre, se recusam a (ou são impedidos/incapazes de) participar desta coreografia, e recriam à sua maneira a vida cotidiana, se apropriando inconvenientemente dos espaços públicos, ali instaurando, ainda que muitas vezes precária e brevemente, uma

territorialidade alheia ao projeto dominante. (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 74, grifo nosso)

Como alternativa e/ou resposta para a demanda pelos produtos, foram identificados produtos idênticos, o que aponta para a forte presença de franquias e da industrialização dentro dessa cadeia cultural. A maioria dos produtos comercializados nas bancas advém de lojas distribuidoras de produtos naturais, os raizeiros relatam não colher mais ervas na natureza e alguns dos motivos citados foram a facilidade de acesso aos produtos em decorrência dos distribuidores, a economia nos gastos que envolvem a coleta como deslocamento e as exigências sanitárias com relação a embalagem. A transformação brutal dos ecossistemas que orientam essas práticas resulta na fragmentação da relação humano-natureza e na mercantilização dos recursos naturais. Como consequência, a conexão tangível com a natureza muitas vezes ocorre de forma mediada, por meio de produtos embalados e industrializados, distanciando as pessoas da experiência direta com o ambiente natural. Por fim, a pesquisa de campo realizada entre abril de 2023 e junho de 2025 identificou, apenas no recorte do bairro Central e excluindo o Mercado Central, 22 locais de comercialização, enquanto o Mercado Central abriga outras 15 bancas (Figura 30).

Figura 30: Locais de comercialização de plantas e raízes no Centro de Goiânia.

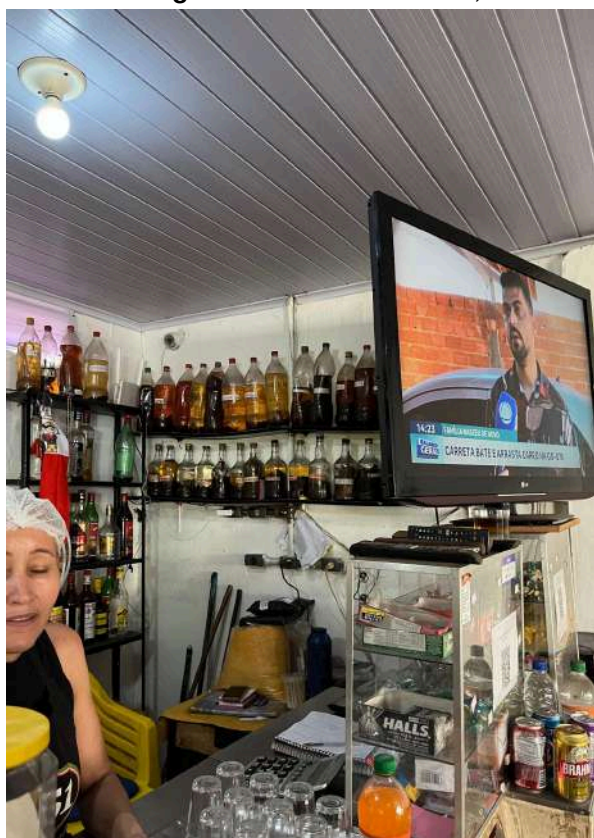


Fonte: Fotos do autor, 2023-2024.

A pesquisa de campo nas ruas concentrou-se inicialmente no bairro Central de Goiânia, dada a diversidade de tipologias de comércio e práticas que este abriga. Contudo, uma experiência etnográfica nas ruas do bairro Leste Vila Nova revelou-se igualmente importante para a compreensão da manifestação desses saberes medicinais em diferentes contextos espaciais da cidade. O bairro Leste Vila Nova possui, de fato, uma história de formação distinta do núcleo central planejado da capital. Como aponta Oliveira e Peixoto (2022, p. 20), ele “nasceu de uma inconformidade no plano urbano da nova capital de Goiás, foi fruto da ocupação informal da população vinda para construí-la”. Embora o planejamento inicial da cidade não contemplasse um local específico para esses trabalhadores, eles se estabeleceram de forma informal, construindo, “inicialmente, alojamento e ranchos simples de palha e madeira” (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 166). Essas ocupações foram posteriormente legalizadas em 1945.

Considerando que a manifestação dos saberes sobre plantas medicinais na cidade ocorre em diversos espaços e formas, uma experiência no Bar do Salomão, na rua 201, nº, 373, quadra 9, lote 12, revelou-se pertinente para compreender outras expressões da medicina empírica. Neste estabelecimento, a prática se dá por meio de cachaças infundidas com plantas medicinais, uma forma de “pingaterapia”, que faz uso de técnicas como curtimento e mistura, descritas por Araújo (2004) em seus estudos sobre a medicina rústica. A observação deste local, portanto, contribuiu para ampliar o entendimento de como esses saberes são praticados e ressignificados no cotidiano urbano. O contato com o Bar do Salomão iniciou-se de forma casual, ao passar pelo bairro em diferentes ocasiões. Em uma Sexta-Feira Santa, quando a maioria dos comércios estava fechada, o bar permanecia aberto, servindo almoço. Foi nessa ocasião que percebi, expostas, diversas garrafas de cachaças artesanais com plantas medicinais e outros preparos alcoólicos com ervas, como a famosa “Paratudo” (Figura 31). Em uma breve interação, a proprietária, uma senhora simpática e sorridente, confirmou que os preparados eram artesanais, feitos por seu marido, sendo a dose comercializada a 3 reais. Agradei e manifestei a intenção de retornar em outro momento.

Figura 31: Bar do Salomão, no bairro Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2025.

Posteriormente, em 31 de maio de 2025, acompanhado de amigos, com o objetivo de experimentar as cachaças e conhecer mais sobre a história de quem a produziu. A proprietária do estabelecimento conta que há 15 anos é a responsável, embora o bar já existisse antes. As cachaças, servidas no clássico copo americano, apresentavam uma variedade impressionante, incluindo infusões de catuaba, batata-milhomem, quina, jatobá, erva-cidreira, carqueja, três-marias, milome, nó-de-cachorro, marapuama, amburana, mama-cadela, sucupira e douradinha. Segundo a proprietária, o marido utiliza a cachaça “Caninha Sertaneja” como base e adquire as ervas em lojas. Curiosamente, ela relatou que os clientes não vão atrás da cachaça pela propriedade medicinal, mas sim pelo gosto, por isso, quando pergunto a indicação de cada cachaça, ela não sabe responder. Contou que a cachaça de sucupira “sai bastante”. Ao experimentá-la, percebi um amargor residual semelhante ao da infusão da semente. Em seguida, provei as de três-marias e milome, por não conhecer as plantas originais, a referência sensorial se limitou a um gosto e cheiro fortes, com notas amadeiradas e de folhagem.

Percebe-se que a manifestação dos saberes medicinais com plantas nas ruas de Goiânia é um campo dinâmico de práticas culturais em constante transformação. O conhecimento observado em campo é um exemplo de saber-fazer (*savoir-faire*), definido por Certeau (2014) como “um saber não dissociado do fazer, um saber em constante transformação, pois apropria-se de elementos externos, os transforma e absorve” (Menezes e Almeida, 2022, p. 88). Assim, as ações cotidianas dos raizeiros e comerciantes, desde a escolha de um ponto na calçada para montar uma banca, a disposição dos produtos, a forma de interagir com a clientela, as negociações de preço, a combinação de plantas em uma garrafada específica para uma necessidade relatada, ou mesmo a decisão de vender um produto industrializado ao lado de uma erva fresca, podem ser vistas como táticas. São “artes de fazer” (Certeau, 2014) que permitem a esses sujeitos se apropriarem de fragmentos do espaço urbano, espacializam seus saberes na paisagem urbana e mantêm suas práticas vivas. Essas táticas demonstram a capacidade de adaptação desses conhecimentos frente às estratégias dominantes do planejamento urbano, da medicina científica e do mercado formal, sendo as ruas palcos de contínua negociação e apropriação.

3.2. Feiras livres

A comercialização de produtos em locais abertos foi intensificada na Baixa Idade Média com o renascimento urbano e a necessidade de comercializar esses excedentes (Santos *et al.*, 2014). Historicamente, no Brasil é uma tradição ibérica, “também de raiz mourisca, posteriormente mesclada com práticas africanas” (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 75). Estes espaços são um espelho dos costumes, hábitos, crenças e tradições de uma sociedade, aglomerando “saberes dimensionais que muitas vezes estão implícitos e invisíveis para as pessoas” (Andrade, Silva e Silva, 2013, p. 880). As feiras configuram-se como berçários de relações materiais e imateriais, onde tradições e costumes se materializam e o “modo de vida camponês perpassa o seu espaço de acontecimento e se materializa na cidade [...] sem perder sua identidade cultural, política e socioespacial” (Santos *et al.*, 2014, p. 61).

A feira é, portanto, um espaço onde a cultura é produzida e reproduzida, um local onde, “em cada barraca, barracão ou banca nos deparamos com pessoas que expressam na linguagem, em sua própria mercadoria ou na educação suas origens e raízes” (Andrade, Silva e Silva, 2013, p. 882). Existe, como argumentam Andrade, Silva e Silva (2013), uma relação de cumplicidade entre a feira e a cidade que fomenta essa vitalidade. Essa vivacidade cultural, sustentada pelos saberes e práticas de seus feirantes e frequentadores, confere à feira um papel importante na paisagem urbana, para além de sua função econômica. De acordo com Garcia e Fagundes (2023, p. 172-173, grifo nosso), essa materialização é fruto das influências dos migrantes, que se fizeram presentes:

[...] na culinária, nas festas, celebrações religiosas, **nos espaços coletivos frequentados por essas pessoas, o que inclui os lugares em que o comércio e trocas aconteciam**, as feiras e mercados públicos, formados para atender as necessidades básicas, principalmente de alimentação.

Essa dinâmica é interessante em cidades como Goiânia, que, embora “idealizada para ser modelo de progresso e prosperidade teve que acolher arquiteturas provincianas e práticas socioculturais que não condiziam com a

modernidade almejada; ou seja, foi tecida na incongruência da norma e da vida” (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 161). Nesse sentido, a feira pode ser vista como uma manifestação desses outros modos de vida que buscam, “ao ocupar um novo território, materializar a sua territorialidade” (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 162). Esses “outros modos de vida”, ao se estabelecerem na nova capital, trouxeram consigo não apenas suas práticas culturais, mas também a necessidade urgente de suprir demandas básicas, como a alimentação, que o planejamento inicial da cidade moderna não conseguia atender.

Assim como a falta de moradia, **a escassez no abastecimento de alimentos foi outro grave problema.** Borges (2013, p. 33) mostra a partir de relato do então prefeito de Goiânia, Orivaldo Borges Leão, publicado no Jornal O Popular de 28 de fevereiro de 1946, que **a solução viria com a criação de feiras livres instaladas primeiramente em Campinas, no Bairro Popular e no bairro Vila Nova.** (Mello e Mahler, 2020, p. 14)

Nos primeiros anos de Goiânia, o comércio de produtos para sustento familiar na feira era feito com animais como jegues, cavalos ou carros de boi (Figura 32), evidenciando “práticas vivenciadas no campo e com hábitos do passado com formas primitivas de transporte presentes na cotidianidade de um espaço urbano planejado e moderno” (Garcia e Fagundes, 2023, p. 182). Na paisagem urbana, como apontam Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 73), multiplicam-se formas de produção e apropriação dos espaços que coexistem, muitas vezes em tensão, com os usos hegemônicos do capital.

Figura 32: Primeira feira de Goiânia, em 1935.



Fonte: Sabino Junior, 1980.

Dentro dessa dinâmica, a feira emerge não apenas como um local de comércio popular, mas como um “espaço banal, locus da reprodução da vida cotidiana, animada por uma infinidade de pequenos agentes anônimos” (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 73). Esses espaços públicos se tornam “lugares privilegiados para o embate dos diferentes interesses e necessidades em jogo”, onde a modernidade urbana acentua essas disputas (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 74). Essa tensão é alimentada pela construção de um imaginário que frequentemente associa as feiras a “territórios do desconforto, do informal, do transtorno, do atraso, do barulho e sujeira”, em contraste com a imagem de modernidade e conforto dos supermercados, uma narrativa intensificada pela imprensa em determinados períodos (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 79).

Na feira, o sujeito moderno é “obrigado a interagir animadamente com estranhos e a se confrontar a um misto de formas, cores e cheiros que seus olhos não são capazes de discernir ou classificar rapidamente” (Mascarenhas e Dolzani, 2008, p. 84). É um locus de resistência cultural e de manutenção da “tradicionalidade no sentido da permanência e perpetuação de práticas e costumes” (Santos et al., 2014, p. 70). A característica da feira como espaço de

apropriação subalterna, de sociabilidade intensa é fundamental para a manutenção de práticas tradicionais, incluindo o uso de plantas medicinais. É nessa paisagem que surge a figura do “doutor das raízes” ou raizeiro, que se instala semanalmente com seu consultório improvisado.

Nestes espaços a tradição arquitetônica favorece estruturas mais simples e abertas, com barracas dispostas em ruas e praças, criando um ambiente propício para interações sociais informais e trocas comerciais diretas entre vendedores e compradores. Embora a feira contemporânea possa apresentar hoje maior estrutura e atenção a questões como a higiene, ela mantém seu caráter distintivo em relação ao comércio formal. Em Goiânia, existe uma distinção funcional entre os diferentes tipos de feiras, que podem ser classificadas como livres ou especiais²⁰. Considerando o objetivo de investigar a circulação dos saberes e práticas com plantas medicinais, esta pesquisa direciona seu foco para as feiras livres. Tal escolha decorre da observação de que o comércio de ervas e remédios naturais se espacializa e se manifesta de forma significativa nesses espaços.

A tradicional feira livre do bairro Leste Vila Nova acontece aos domingos pela manhã, em 29 de outubro de 2023 faço um passeio para conhecer o lugar. Saio de casa às 09h30, com alguma apreensão sobre encontrar a feira em pleno funcionamento. Por não ter conhecimento prévio do local, chego por volta de 09h50. Ao iniciar o percurso, a primeira característica que percebo é a diversidade comum em uma feira livre goianiense, na calçada uma banca de mudas de plantas como cactos, suculentas e rosas-do-deserto. Em seguida, roupas, queijos, mangas, goiabas, abacaxis e produtos regionais como o pequi, cujo aroma anunciava sua presença em grandes tachos de ferro. A feira se estende pela 9ª Avenida, entre a 5ª Avenida e Rua 207, e tem aproximadamente 347 metros lineares (Figura 33). É organizada em três fileiras de bancas que formam dois corredores principais de

²⁰ As feiras livres caracterizam-se pela comercialização de produtos hortifrutigranjeiros frescos, como verduras, frutas, grãos e outros itens minimamente processados, geralmente provenientes da agricultura familiar e de pequenas criações, ocorrendo usualmente no período matutino e distribuídas por diversos bairros da cidade. Já as feiras especiais se distinguem por apresentarem maior variedade de produtos, como roupas, comidas prontas, artesanato, decoração, calçados, artes, entre outros, e por seu funcionamento predominantemente noturno ou em ocasiões específicas.

circulação, algumas bancas maiores ocupavam espaços tanto na fileira central quanto nas laterais, criando pontos de encontro.

Figura 33: Em destaque, a feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Google Earth, 2024.

O cheiro de pastel misturava-se aos itens frescos, enquanto conversas e a movimentação dos feirantes e clientes compunham a atmosfera agitada. Após percorrer alguns metros do início da feira próximo à rotatória, identifiquei a primeira banca de raízes, ao lado da banca de mel. Antônio, nome fictício, um feirante idoso que trabalha em outras feiras como a do Dom Bosco e do CEPAL, exemplifica a forma como os raizeiros feirantes “constroem circuitos como estes por vários pontos da cidade. Eles vão estar presentes em mais de uma feira com o objetivo de expor seu produto para outros públicos em locais diferentes” (Machado, 2008, p. 96). Sua banca tem forma simples mas chama atenção pela quantidade de partes de plantas expostas, onde pude identificar folhas e entrecascas, como angico, baru e jatobá (Figura 34). As ervas eram dispostas em sacos plásticos transparentes, garrafas PET reutilizadas ou, em alguns casos, em embalagens com rótulos que indicavam sua procedência de distribuidores de insumos. Ao perguntar sobre a possibilidade de encomendar uma garrafada e relatar a procura por plantas para um problema estomacal, Antônio prontamente começa a buscar pelos ingredientes.

Com agilidade, vasculhou caixas de papelão onde armazena e transporta suas ervas, retirando aquelas que não estavam visíveis na parte superior.

Figura 34: A banca de raízes e folhas do Antônio, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2023.

Ele separou algodãozinho, mama-cadela, barbatimão, suma roxa, carobinha e pé-de-perdiz (Figura 35). Após a escolha das plantas, Antônio explica as instruções para o preparo da garrafada: “Mistura tudo no vinho ‘Moscatel’, deixa curtir 4 dias e toma uma vez por dia”. Esse primeiro contato evidencia a dinâmica do saber-fazer do raizeiro na feira, a escuta da necessidade do cliente, o conhecimento prático sobre a combinação de plantas e a transmissão oral do modo de preparo. Ele conta que o valor normalmente era de 15 reais por “maço” ou “punhado” de planta, mas, como eu levaria seis, ajustou o preço para 10 reais cada, totalizando 50 reais. Curiosamente, evidenciando as redes de colaboração no contexto da feira, o pagamento foi realizado via Pix para a conta do feirante vizinho, dono da banca de mel. Questionado sobre a origem das plantas, o raizeiro conta que algumas são

compradas de terceiros, enquanto outras ele mesmo “encontra pelo caminho”, sugerindo uma combinação de aquisição no mercado e coleta direta da natureza. Quando questionado sobre malefícios ou precauções da ingestão das plantas indicadas, o raizeiro assegurou não haver nenhum. Diante da minha visível relutância, ele mencionou seus 35 anos de experiência no trabalho com plantas medicinais, um argumento possivelmente utilizado para conferir credibilidade e autoridade à sua prática e conhecimento. Adquiri as plantas com a intenção de documentar o preparo da garrafada, mas a interação suscitou reflexões sobre o consumo, a confiança e a complexidade de avaliar a segurança das plantas.

Figura 35: Desenho a mão, algodãozinho, mama-cadela, barbatimão, suma roxa, carobinha e pé-de-perdiz compradas na banca do Antônio, nome fictício, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2025.

Encontro outra banca com mel, mais uma banca com pequi indicando a fartura sazonal e uma banca com vasilhas plásticas que chama atenção pela forma como estão organizadas: empilhadas e coloridas. Gritos de promoções, o som da música sertaneja e o burburinho das conversas preenchem o ambiente. Em meio a imersão, encontro pinhas em uma banca, o que evoca memórias com a minha avó materna, uma memória atravessando uma experiência. Caminhando pelos corredores estreitos, entre a multidão que interagia com as bancas, mãos escolhendo frutas, outras se buscando para não se perderem. Percebo certa beleza

nesses gestos dentro dessas práticas cotidianas. Avisto, então, uma segunda banca com remédios, próximo a uma banca grande com panelas, buchas e utensílios de metal.

Diferentemente da primeira banca de raízes encontrada com partes de plantas *in natura*, esta segunda, do Ademir, nome fictício, apresenta produtos industrializados semelhantes aos encontrados em outras lojas de remédios naturais. Na sua banca tem mel, óleo de coco, arnica, farinhas, óleos e remédios como Cura-tosse, Xarope da Vovó e Aguardente-alemã (Figura 36). Questionado sobre a disponibilidade de garrafadas artesanais, o comerciante aponta para uma garrafada industrializada, indicada para problemas como ovário policístico. Sua banca oferecia poucas variações de remédios e os rótulos remetem a produtos de franquias, similares aos observados anteriormente no trabalho de campo em outros bairros de Goiânia.

Figura 36: A banca de remédios naturais do Ademir, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2023.

“Vamos levar dois aí?”, “Quantas você quer?”, escuto negócios e barganhas. A proximidade entre as pessoas e a quantidade de bancas dificultam a identificação de nomes ou letreiros na maioria delas, embora algumas se destaquem. O percurso revela mais produtos típicos, mais pequi, sucos, caldo de cana, café, além de utensílios domésticos como coadores e panelas. Em uma das bancas de pequi, observo o vendedor que, enquanto conversa e negocia com os clientes, corta a fruta com um facão separando o fruto da casca. Escuto “6 por 10” repetidas vezes. “Banana prata 7 reais a dúzia, banana nanica 8 a dúzia, banana prata 5 a dúzia”.

Após mais uma banca de milho, encontro o terceiro ponto de comercialização de remédios naturais, a barraca do Leandro, nome fictício. Ele fica sentado ao lado da estrutura de aproximadamente 1,00x0,50m, posicionada na fileira do meio da feira, notavelmente menor que as de outros comerciantes de ervas observados. Leandro é um homem simpático por volta dos 50 anos, chama a atenção pelos letreiros de sua banca e pela grande quantidade de açafão em pó, tanto engarrafado quanto encapsulado (Figura 37). Ele oferece o produto puro ou em misturas com outras ervas, como gengibre, alho, pimenta ou ora-pro-nóbis, esta última, é a mais cara. Também estão à venda pedaços de açafão *in natura*. Com orgulho, o comerciante comenta que cuida de todo o processo artesanal, do plantio, encapsulamento até a venda ao consumidor final. Um detalhe que ele ressalta é o uso de rolhas de buriti, mencionando sua participação na confecção. Ao final da breve conversa, me convida para retornar e oferece como referência de sua localização na feira o seu vizinho, o feirante “quebrador de coco”.

Figura 37: A banca de temperos e remédios naturais do Leandro, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2023.

O percurso pela feira continuava a descortinar uma variedade de produtos e interações. Avistei uma banca de semijoias e bijuterias, a primeira do gênero observada no dia e, em seguida, mais ofertas de abacaxi, açougue, queijos, roscas e bolsas de capim-dourado. Após passar por mais uma banca de pequi, identifico um quarto ponto de venda que incluía remédios naturais. A banca do Dirceu, nome fictício, vende majoritariamente temperos, com pimentas de diversos tipos, alho e outros condimentos. No entanto, ele reserva um pequeno espaço para remédios naturais, cujos rótulos indicavam claramente a origem em franquias e redes de distribuição (Figura 38). As bancas de temperos a granel, como esta, com cebola, tomilho, alecrim, erva-doce e cravo, revelaram-se potenciais fontes de insumos para o preparo de remédios caseiros, evidenciando que o conhecimento sobre plantas medicinais permite identificar recursos terapêuticos mesmo em bancas não especializadas. Ao explicar ao comerciante que buscava garrafadas artesanais, Dirceu, embora não as produzisse ou vendesse, prontamente indicou Celso, outro comerciante na feira do Leste Vila Nova que, segundo ele, também é pastor, para encomendas de garrafadas específicas, e lembrou a banca do Antônio, o primeiro

raizeiro encontrado, como um local para adquirir folhas e raízes secas. Após agradecer pelas indicações, prossegui a investigação da feira.

Figura 38: A banca de temperos e remédios naturais do Seu Dirceu, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2023.

Continuando o percurso pela feira, a diversidade de produtos se mantinha. Uma grande banca de mudas de plantas ornamentais chamou a atenção. Em seguida, bancas de frutas como abacaxi e laranja, milho, pães, utensílios domésticos como vassouras, rodos, panelas e tapetes, sacos de farinha e até caixas de som. A feira é mais extensa do que inicialmente imaginei. Do meio para o final a feira é mais calma, com menor fluxo de pessoas, consigo prestar atenção melhor à minha volta. Ao meu lado escuto uma senhora falar “Ê Goiânia”, mas não entendo o contexto. Encontro uma banca de roupas, aparentemente de pequena produção ou de um brechó. A organização da feira com três fileiras de bancas e dois corredores se mantém até o final. Identifico a quinta banca do dia que comercializa remédios naturais, localizada após uma banca de milho.

Nesta banca, Celso, nome fictício, atendia enquanto comia um pedaço de melancia, os produtos comercializados são de distribuidores, reconhecidos pela embalagem (Figura 39). Menciona aceitar encomendas de garrafadas artesanais, embora não tenha nenhuma a pronta-entrega. Chamavam a atenção potes com raízes em pó e plantas inteiras, como a batata-do-carim e o baru, sendo a primeira indicada pelo raizeiro para o preparo de “chás” para diabetes. A linguagem corporal de Celso demonstrava agitação e pouca abertura inicial para a conversa, embora tenha respondido a todas as perguntas, ainda que com aparente desconfiança. Ao solicitar um cartão para o contato posterior para encomenda da garrafada, ele informou que estava na feira todos os domingos, no mesmo local. A resposta sugeriu que a própria feira funcionava como o principal mediador de contato com ele.

Figura 39: Desenho a mão, banca de remédios naturais e raízes do Seu Celso, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2025.

Prosseguindo na feira, o movimento era visivelmente menor e parecia mais vazio, talvez pelo horário. O calor avançava à medida que o tempo passava. Nesse trecho consigo avistar o final da feira. Nesse contexto, encontro Vicente, nome

fictício, que conta trabalhar com plantas medicinais há 12 anos, cinco deles dedicados a esta feira do Leste Vila Nova. Sua banca é composta exclusivamente por medicamentos de distribuidores de fitoterápicos, não haviam insumos como folhas e entrecascas (Figura 40). Ao ser questionado sobre a produção desses remédios, Vicente afirma não os preparar, justificando com a sua falta de “conhecimento sobre as plantas, não saber identificar e a dificuldade da coleta no mato”.

Figura 40: A banca de remédios naturais e raízes do Seu Vicente, na feira do Leste Vila Nova.



Fonte: Do autor, 2023.

Apesar de comentar que “o pessoal não gosta de indicar distribuidor”, ele gentilmente indicou a loja “A Paladar” e o Mercado Central como locais para a compra de plantas secas, observando que no Mercado, devido à maior concorrência, a diversidade de produtos seria maior. Para o comerciante, que trabalha em outras seis feiras, a opção por produtos de distribuidores e redes se deve também à facilidade de transporte e armazenamento, um aspecto importante para quem tem uma rotina itinerante. Sua prática e justificativas ilustram a transformação no comércio de produtos medicinais na feira, onde o papel do

feirante se desloca da produção e conhecimento direto da planta para a revenda especializada de itens processados, priorizando a logística e o acesso facilitado em detrimento da coleta e do preparo artesanal.

Assim, as feiras podem ser entendidas como “estratégias de resistência socioespaciais” (Santos et al., 2014, p. 74) frente aos processos de homogeneização sociocultural e à lógica impessoal do mercado globalizado. A feira emerge como uma rica “teia de saberes populares que merecem ser valorizados e resgatados” (Andrade, Silva e Silva, 2013, p. 878). Elas oferecem um contraponto vital onde o conhecimento sobre plantas medicinais, transmitido oralmente e validado pela experiência comunitária, não apenas sobrevive, mas continua a ser praticado e adaptado. Entre as bancas florescem “relações de comunidade, isto é, o sentimento de cooperação, amizade, sociabilidade que permeiam as relações comerciais entre os feirantes-vendedores e os feirantes-consumidores”, conforme constatamos em Santos *et al.* (2014, p. 66).

Ao me aproximar do que parecia ser o final da feira, a quantidade de bancas de frutas continuava, e o cheiro de pastel ainda impregnava o ar. O limite físico do final da feira era demarcado por carros que bloqueavam a rua, impedindo o acesso de outros automóveis, e a concentração de bancas, antes densa, aqui diminuía gradualmente. Nesse trecho, já com o movimento de pessoas reduzido, após as 10h30, observei um boteco com frequentadores já consumindo cerveja. A cena, emoldurada por uma música sertaneja tocando na rádio com o verso “*É por isso que agora preciso ir embora*” na voz de Marília Mendonça, evocava uma atmosfera característica goiana.

3.3. Mercados públicos

Dentre as diversas manifestações na cidade, os mercados públicos representam importantes espaços de manutenção de tradições (Mahler e Mello, 2020) e de expressão de ruralidades urbanas. Associados à dimensão imaterial, estão atrelados a valores coletivos, práticas e processos culturais enraizados na vida cotidiana, configurando-se também como “lugares de memória” (Nora, 1993). No Brasil, os mercados superam a mera função comercial, desempenhando um papel importante na vitalidade urbana, atuando como centros de política, cultura e sociabilidade e, representam ainda, uma forma de conexão do rural ao urbano. Esses espaços carregam consigo representações e, como um palimpsesto, acumulam a história, a política e a cultura da cidade, enraizados nas memórias coletivas da população.

Em uma cidade como Goiânia, assim como em outras pelo mundo, esses mercados exemplificam espaços influenciados pela tradição cultural local. Contextualizando historicamente, a partir da década de 1950 os mercados públicos começaram a se estabelecer como um componente da vida cotidiana em Goiânia. Atualmente, a cidade conta com sete Mercados Municipais, estabelecidos em diferentes contextos urbanos, cada um com suas dinâmicas, apropriações e resistências culturais heterogêneas. São eles: Mercado Central (fundado em 1950, no edifício atual desde 1987), Mercado de Campinas (1955), Mercado Popular da 74 (1952), Mercado do bairro Vila Nova (1957), Mercado Centro-Oeste (1958), Mercado do bairro Pedro Ludovico (1963) e o Mercado Centro Comercial Popular (1986) (Prefeitura de Goiânia, 2023). A maioria desses mercados foi situada “nas regiões originalmente ocupadas pelos pioneiros da construção da cidade” (Mello e Mahler, 2020, p. 15), o que reforça seu vínculo com a história e o desenvolvimento da capital.

O primeiro Mercado público de Goiânia, inicialmente denominado Mercado Livre dos Consumidores, começou suas atividades em 1941 na Rua 04, no bairro Central. O local original, onde hoje se encontra o Edifício Parthenon Center, teve sua

edificação demolida entre as décadas de 1960 e 1970 para dar lugar ao novo projeto de construção (Garcia e Fagundes, 2023). Conforme a cidade se expandia, surgiu a necessidade de novos mercados para a distribuição de mercadorias, o Mercado foi, em 1973, realocado para uma instalação provisória que funcionou por treze anos em uma área entre a Avenida Anhanguera e Rua 04. Essa mudança, contudo, não agradou a permissionários e frequentadores (Machado e Oliveira, 2022). Finalmente, em 1987, foi inaugurado um novo edifício na Rua 03, no bairro Central, onde o mercado continua em funcionamento até hoje e é popularmente conhecido como Mercado Central (Figura 41).

Figura 41: O Mercado Central de Goiânia quando funcionava em sua primeira construção, na Rua 4, Setor Central, no mesmo local onde, atualmente, está o Parthenon Center.



Fonte: Garcia e Fagundes, 2023, p. 184.

Tais espaços não apenas refletem a cultura de comércio local, mas também promovem uma sensação de comunidade e convívio, onde os habitantes podem compartilhar experiências, saberes e tradições. Desse modo, os mercados populares tornam-se parte integrante da identidade da cidade, moldando tanto sua paisagem urbana quanto suas dinâmicas culturais e socioespaciais. Assim, o mercado possui relevância histórica e cultural que vai além do simples abastecimento, está costurado nas vivências e memórias da população, com sua

função se expandindo e se transformando ao longo do tempo. Nele, se entrelaçam diversas tradições e saberes populares (Machado e Oliveira, 2022), tornando-se um símbolo da vida urbana onde são construídas sociabilidade, identidade e estabelecimento de vínculos afetivos. Para esta pesquisa, o mercado público desempenha, ainda, um papel fundamental na preservação e transmissão das práticas e usos de ervas e remédios naturais, atuando como um espaço onde o patrimônio cultural imaterial acompanha a sociedade e é transformado por ela, preservando memórias culturais e, simultaneamente, criando novas.

A pesquisa de campo iniciada nas ruas do bairro Central indicou o Mercado Central como um espaço de destaque no comércio que se busca investigar, para isso, é feita uma pesquisa etnográfica com os comerciantes de ervas e remédios naturais. Nos dias 21, 23 e 28 de agosto de 2024, no período da tarde, o deslocamento até o Mercado Central deu-se por meio de transporte público, chegando pela Avenida Araguaia, próximo ao cruzamento com a Avenida Anhanguera e continuando o percurso a pé, por cerca de 3 minutos até o acesso pela entrada voltada para a Avenida Anhanguera (Figura 42). Diariamente, antes de iniciar a conversar com os comerciantes de ervas, almoçava na praça de alimentação, observando as interações dali, seja no Self-service à vontade, no pastel frito na hora ou na tradicional empada do senhor Alberto. Essas tardes foram marcadas por uma atmosfera em constante movimento, caminho por todos os corredores e “becos”, redescobrimo o espaço.

Figura 42: Registros analógicos, à esquerda, acesso ao Mercado Central pela Avenida Anhanguera. À direita, corredores do Mercado Central.



Fonte: Do autor, 2024.

A arquitetura do Mercado Central apresenta uma organização espacial marcada por uma rampa interna central que facilita a circulação vertical entre os três pavimentos. As bancas de produtos alimentícios, naturais e artesanais estão distribuídas principalmente nas áreas periféricas, com maior concentração no primeiro pavimento, que é o mais movimentado. Desde a sua inauguração, o mercado tem se destacado por seus itens culinários e artesanais, que continuam sendo os principais atrativos para os frequentadores (Machado e Oliveira, 2022). Como observam Garcia e Fagundes (2023, p. 191), embora a “arquitetura para a edificação do prédio não atrai nenhum interesse do ponto de vista de excepcionalidade, como os edifícios em Art Déco” que marcam a paisagem de Goiânia, é pela sua dimensão imaterial que o mercado resiste e se afirma como patrimônio cultural. Essa resistência se manifesta na densidade das “recordações com laços familiares e amizades, [...] cuja riqueza e conhecimentos passam de

geração para geração, como as sobrevivências de muitos por décadas de trabalho no mercado [...]” (Garcia e Fagundes, 2023, p. 191).

Inicialmente, o trabalho de campo permitiu a identificação de 15 bancas de comercialização de remédios naturais e ervas, sendo elas: Armazém das Ervas, Central Ervas, Raízes, Cedro Artesanato, Produtos da Terra, Vita Center, Indiana Raízes e Alimentos Similares, Cerrado Produtos a granel, Frutos do Sítio, Geraldo Produtos Naturais, Kadosh Produtos Naturais, A granel, Natu Center, Nutri Natura e Naturalista (Figura 43).

Figura 43: Planta baixa esquemática do Mercado Central de Goiânia com a indicação das bancas de ervas e remédios naturais.

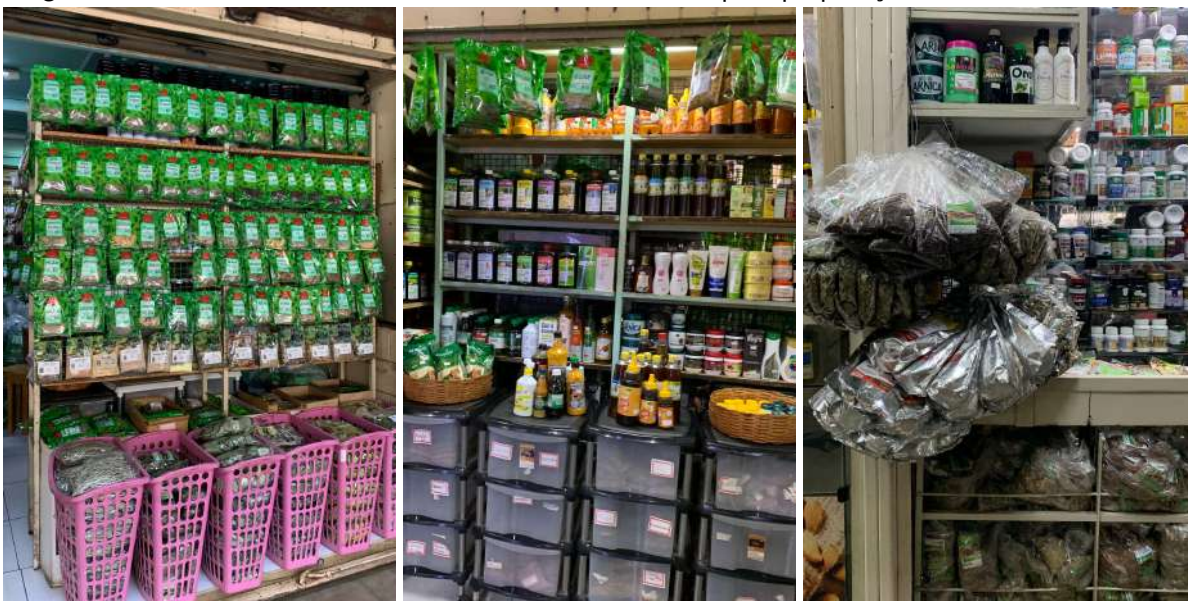


Fonte: Machado e Oliveira (2022) adaptado pelo autor.

A maioria dessas bancas não se especializa exclusivamente na venda de remédios naturais e ervas medicinais. Frequentemente, esses produtos estão misturados com outros itens, como artesanatos, alimentos e artigos de uso diário.

Quando convidados a participar da pesquisa²¹, muitos comerciantes demonstraram resistência, alegando que sua relação com as plantas medicinais se restringia apenas à venda. Essa falta de envolvimento pessoal ou familiar com a tradição do uso das ervas, comum entre muitos vendedores, indica que, para eles, os remédios naturais são tratados como mercadorias, sem o vínculo cultural ou ancestral que caracteriza outros comerciantes. Os suplementos alimentares encapsulados e as ervas desidratadas, por exemplo, estão presentes em quase todas as lojas de produtos naturais, refletindo a alta demanda. No entanto, essa grande oferta não necessariamente se traduz em um conhecimento aprofundado dessas práticas. Pela facilidade de preparo e manuseio e difusão de seus usos e propriedades, os produtos com maior comercialização são os insumos para produção de infusões de partes da planta, popularmente conhecidos como “chás”, representando grande parte do estoque das lojas (Figura 44). Os produtos encontrados que foram feitos pelos comerciantes foram as garrafadas, feitas sob encomenda de clientes.

Figura 44: Raízes, entrecascas, folhas, flores, frutos secas para preparação de remédios naturais.



Fonte: Do autor, 2023.

Nessa perspectiva, as plantas medicinais não são mais vistas apenas como agentes curativos provenientes de tradições ancestrais, mas também como

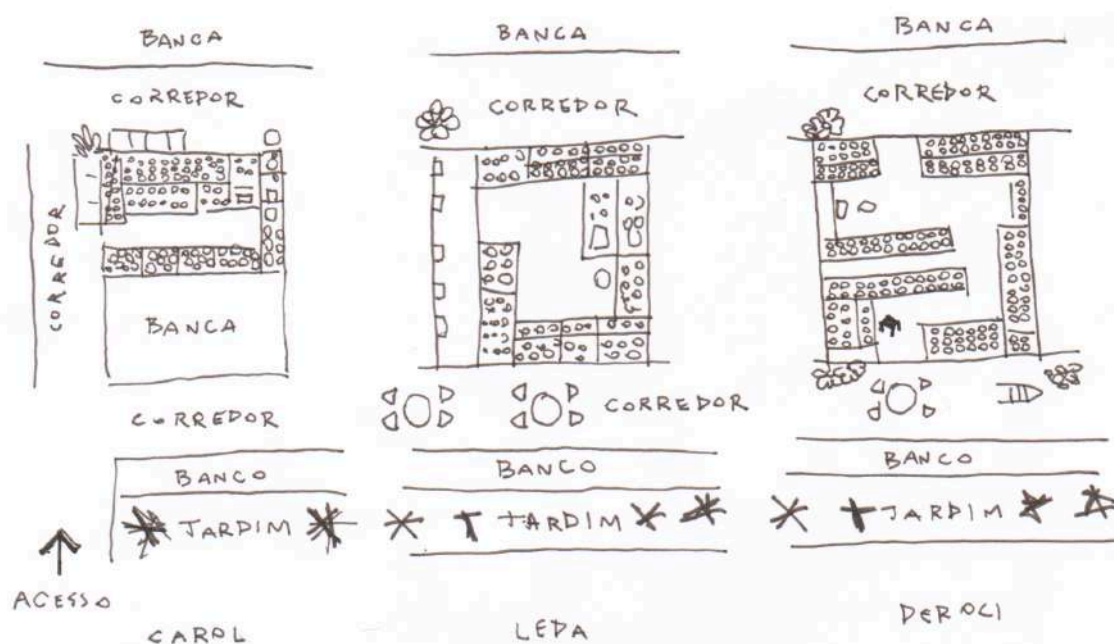
²¹ Foi esclarecido aos comerciantes o cunho acadêmico da pesquisa e que não era necessário possuir formação profissional ou ser o proprietário da loja para participar, assegurando que suas informações seriam utilizadas apenas em publicações científicas com objetivo de captar as percepções de quem estivesse em contato com esses saberes em seu cotidiano.

commodities a serem colhidas, transformadas e vendidas. Tais alterações são perceptíveis no imaginário daqueles que habitam o lugar. Se considerarmos que o imaginário é construído pela representação da subjetividade, as cidades potencializam este universo de compreensão, possuindo cumulações de imagens, associações e distinções próprias. Essa distinção entre os comerciantes é importante para entender como esse comércio se dá no Mercado Central. A urbanização e a transformação no estilo de vida urbana altera os hábitos de saúde das pessoas, aumentando a demanda por produtos específicos ou criando novos mercados consumidores.

Enquanto alguns perpetuam tradições familiares e possuem um conhecimento enraizado na cultura popular, outros tratam esses produtos apenas como itens comerciais. Assim, embora o mercado ofereça uma vasta gama de produtos naturais, o acesso a conhecimentos mais profundos sobre os remédios e ervas permanece restrito a poucas bancas especializadas. Dentre as bancas focadas na pesquisa, destacam-se 07: Central Ervas, Vita Center, Produtos da Terra, Raízes, Cedro Artesanato, Armazém das Ervas e Indiana Raízes e Alimentos Similares. No entanto, apenas três aceitaram participar²², sendo os interlocutores da experiência etnográfica no Mercado, são eles: Ana Carolina da Central Ervas, Leda da Vita Center e Deroci da Produtos da Terra. O diálogo com os interlocutores (Figura 45) demonstra que esses comerciantes não apenas vendem produtos, mas também preservam e transmitem conhecimentos antigos que têm se adaptado às transformações urbanas e econômicas, mantendo viva a conexão com suas raízes culturais. As narrativas compõem parte do tecido social. Assim, transmitidas pela oralidade, dão pistas para compreensão do fenômeno a partir da subjetividade da memória dos praticantes, que atribuem significados às suas práticas cotidianas.

²² Uma funcionária da banca Raízes recusou a participação, alegando não ser a proprietária, mesmo após ser esclarecido que esse não era um critério para a pesquisa. Os responsáveis pela Cedro Artesanato demonstraram interesse inicial, mas não houve disponibilidade para uma conversa durante os dias de campo ou após contatos telefônicos subsequentes. No Armazém das Ervas, não houve interesse em participar. Já na Indiana Raízes e Alimentos Similares, a funcionária justificou sua recusa afirmando não possuir conhecimentos aprofundados sobre plantas medicinais, e indicou que seu pai, proprietário da banca, é quem detém esse saber.

Figura 45: Desenho a mão da espacialização das bancas dos interlocutores da pesquisa.



Fonte: Do autor, 2024.

Deroci, 74 anos, é dono da banca “Produtos da Terra” (Figura 46) há mais de três décadas e um dos pioneiros na comercialização de plantas medicinais no Mercado Central de Goiânia, mantendo uma das primeiras bancas dedicadas a esses saberes no local. Ele conta que seu conhecimento sobre as plantas foi adquirido com sua mãe e avó, na roça, e enfatiza que essa sabedoria se perpetua tradicionalmente “de boca a boca, de pessoa em pessoa”. Atualmente, não cultiva as plantas que comercializa, devido à falta de espaço, nem as coleta diretamente da natureza, prática que abandonou com o tempo. Apesar disso, ele defende veementemente que as plantas medicinais são os “remédios verdadeiros” e que o interesse por esses produtos se mantém forte devido à sua comprovada eficácia. Sua prática comercial, contudo, é regulada pela vigilância sanitária, que o impede de comercializar garrafadas artesanais em sua banca, embora ele continue a produzi-las para consumo pessoal, preservando assim parte do modo de fazer tradicional para seu próprio uso.

Figura 46: Desenho a mão, Deroci, da banca Produtos da Terra no Mercado Central de Goiânia.



Fonte: Do autor, 2024.

Ana Carolina, 31 anos, neta da fundadora de uma das mais antigas bancas do Mercado, representa a continuidade de uma tradição familiar que remonta ao antigo Mercado Livre dos Consumidores e que ela mantém com orgulho (Figura 47). Conta que aprendeu o ofício com sua avó e com vizinhos de banca, complementando seus conhecimentos com cursos. O diálogo aponta para uma história em comum: por trás das lojas havia uma família com uma história com os saberes medicinais com plantas, foram citadas, bisavós, avós, mães e tias que detinham o conhecimento de transformar a natureza em cura por meio de remédios naturais. Ela relata que grande parte dos fundadores das lojas mais antigas já faleceu, e os estabelecimentos continuaram aos cuidados de familiares. No entanto, observa que os parentes que assumiram o comando nem sempre produzem os mesmos remédios que seus antepassados faziam, um dos motivos citados sendo a perda de alguns saberes com a morte dos mais velhos.

Ainda assim, ela se dedica a manter viva a prática de preparar garrafadas tradicionais, seguindo os ensinamentos de sua avó, especialmente para tratar

problemas ginecológicos, uma demanda recorrente entre suas clientes. Sua crença no poder curativo das plantas está intimamente ligada à fé de quem as utiliza, afirmando que “se o cliente chega e diz que não acredita, digo para voltar quando tiver fé nas plantas que Deus nos deixou”. O aumento na demanda por suplementos alimentares encapsulados nos últimos anos é atribuído por ela à praticidade e ao fato de os clientes “não quererem sentir o gosto das plantas”.

Figura 47: Desenho a mão, a banca Central Ervas no Mercado Central.



Fonte: Do autor, 2024.

Leda, 46 anos, que trabalha na banca Vita Center (Figura 48) há sete anos, compartilha uma visão semelhante. Embora os encapsulados ganhem popularidade, Leda acredita que “cada um tem seu lugar” e que as práticas tradicionais continuam coexistindo com as modernizações do mercado. Para ela, o maior atrativo das garrafadas e remédios tradicionais é justamente a conexão com a tradição, o que explica a contínua procura por esses produtos. Ainda que tenha aprendido o ofício por necessidade de emprego, seus conhecimentos se aprofundaram por meio de cursos sobre ervas e pela troca de saberes com clientes e colegas. Ela afirma que a

procura por plantas medicinais se mantém forte devido à eficácia dos remédios naturais. Aponta ainda que a influência da mídia afeta a demanda.

Figura 48: Registros analógicos da banca Vita Center, no Mercado Central.



Fonte: Do autor, 2024.

O Mercado do Leste Vila Nova, inaugurado em 1958 na 5ª Avenida em frente à Praça Boaventura, ocupa um espaço onde historicamente funcionava uma feira de frutas e verduras (Oliveira e Peixoto, 2022, p. 15). No contexto desta pesquisa, o interesse por este mercado surgiu como um desdobramento da visita à feira livre do Leste Vila Nova, após adquirir plantas medicinais na feira, a necessidade de encontrar vinho branco para o preparo de uma garrafada motivou a primeira incursão a este estabelecimento. Desconhecendo o local, o primeiro contato com o espaço aconteceu em 9 de dezembro de 2023, por volta do meio-dia, após consulta de sua localização em ferramentas de mapeamento digital e utilizando transporte por aplicativo para o deslocamento.

A entrada do mercado é discreta, sinalizada com uma placa simples. Antes de entrar, vejo a placa indicando a loja “Empório das Raízes Goiano” (Figura 49). Ao adentrar, encontro um espaço com pouca movimentação, com várias bancas

fechadas e poucos clientes circulando, uma atmosfera tranquila que contrastava com a agitação externa da rua. Ainda assim, alguns idosos, provavelmente moradores do bairro com forte apreço pelo local e pelas amizades ali consolidadas ao longo do tempo, conversam descontraidamente com os comerciantes e donos das lojas. Sua organização espacial apresenta uma planta com uma praça central com mesas, onde algumas pessoas almoçavam, e corredores que levam a diferentes saídas, uma delas para a Praça Boaventura. Durante a caminhada observou-se uma variedade de estabelecimentos comerciais, como lojas de calçados, utilidades domésticas, bancas de ervas, produtos naturais a granel, produtos eletrônicos, açougue, lanchonete, pastelaria, restaurantes, antiquário, entre outras.

Figura 49: Desenho a mão, entrada do Mercado Municipal do bairro Leste Vila Nova pela 8ª Avenida.

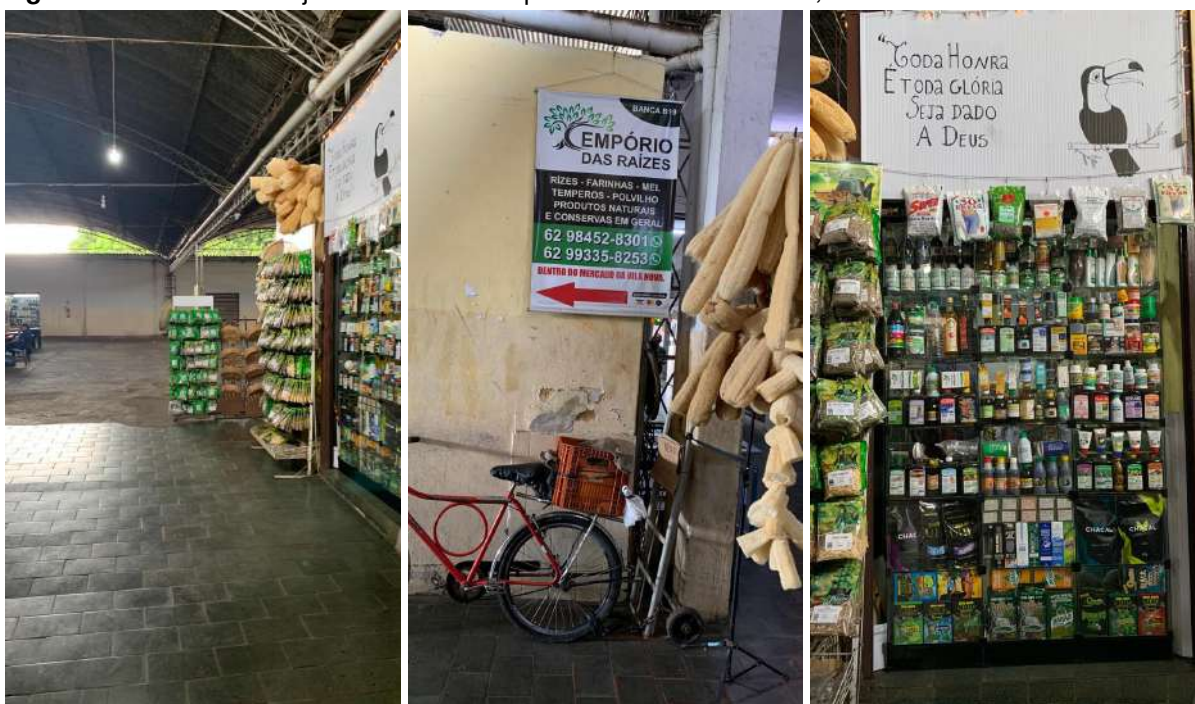


Fonte: Do autor, 2025.

Encontro a loja de raízes cuja placa havia visto na entrada do Mercado. Na lateral da banca, buchas vegetais, uma bicicleta, cabaças, ervas desidratadas expostas na parede, vassouras e uma máquina de moer café chamam a atenção

(Figura 50). Luciano, o proprietário do Empório das Raízes Goiano, compartilha o modo de utilizar o vinho branco que fora comprar, instruindo a “colocar os dois vinhos Jundiaí e deixar curtir por 15 dias, tomar todo dia três copinho de café que tem 50mL e esperar 10 dias e deixar curtir novamente” para aproveitar o máximo as propriedades medicinais das plantas. Em uma visita posterior, em 22 de março de 2025, retorno à banca de Luciano. Nesta ocasião, adquirei uma garrafada depurativa como presente, composta por mama-cadela, algodãozinho, casca de aroeira, casca de romã, castanha-da-Índia, jatobá, nó de cachorro e ginkgo biloba. Luciano detalhou a posologia: “tomar 1 colher de sopa de manhã, à tarde e à noite, 3 vezes ao dia”. Indicou também que, ao chegar “na metade da garrafada, repor o líquido com vinho branco”, um processo que poderia ser repetido três vezes, deixando o preparado curtir por “15, 20 e 25 dias” respectivamente a cada nova adição.

Figura 50: Produtos e objetos na banca Empório das Raízes Goiano, no Mercado do Leste Vila Nova.



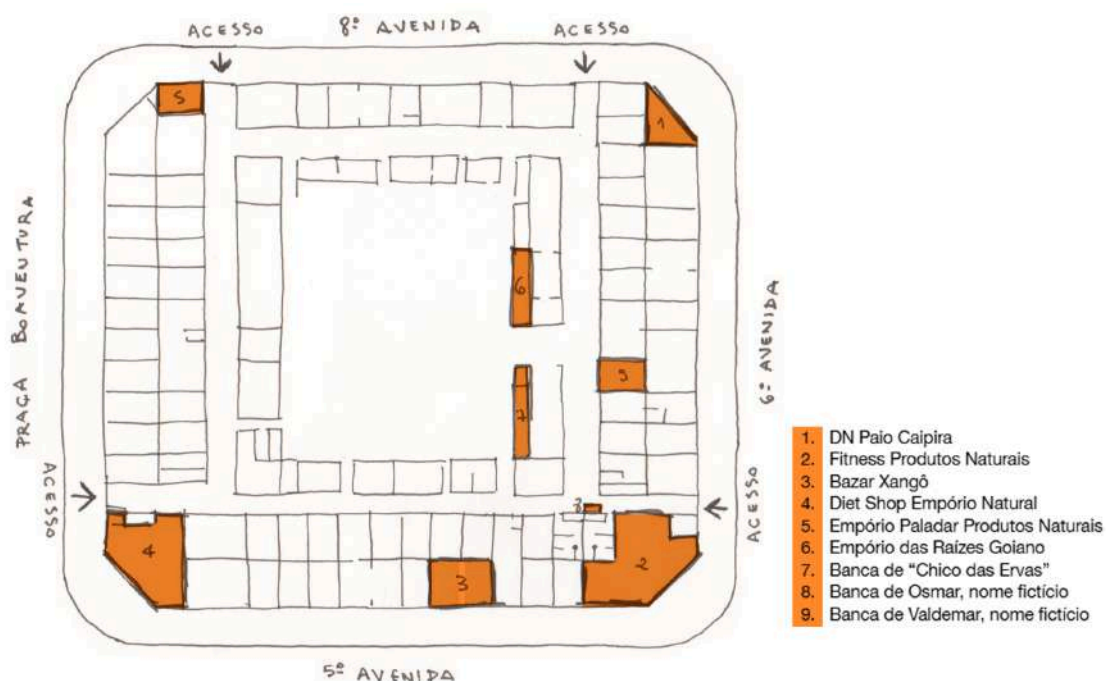
Fonte: Do autor, 2023.

A experiência inicial no local, anterior à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), ocorreu sob a perspectiva de consumidor. Após a aprovação, visitas posteriores em 28 e 29 de maio de 2025, tiveram como objetivo aplicar os questionários e aprofundar o conhecimento sobre o trabalho que os comerciantes de ervas realizam, formalmente, para a pesquisa. Primeiramente,

realizei um reconhecimento no entorno do mercado com o objetivo de identificar estabelecimentos que comercializassem produtos como ervas secas e remédios naturais. Nessa prospecção inicial, foram encontradas quatro lojas principais com esse perfil, posicionadas em diferentes extremidades da área circundante ao mercado: DN Paio Caipira, Fitness Produtos Naturais, Empório Paladar Produtos Naturais e Diet Shop Empório Natural. Embora esses estabelecimentos comercializassem produtos relacionados a ervas e saúde natural, optou-se por não os incluir como foco principal de pesquisa etnográfica. A decisão baseou-se na percepção inicial de que o perfil comercial desses locais, com ênfase em produtos embalados, suplementos e uma abordagem que parecia mais alinhada ao mercado de bem-estar contemporâneo do que à prática tradicional dos raizeiros, não se alinhava diretamente com os objetivos de investigar a profundidade dos saberes tradicionais, suas formas de transmissão intergeracional e as práticas de cultivo e preparo artesanal. A busca por essas dimensões direcionou o olhar etnográfico para outros espaços e atores.

Ademais, fora do segmento estritamente focado em produtos naturais, mas também comercializando ervas secas, foi identificado o Bazar Xangô. Este estabelecimento é especializado em artigos místicos e religiosos, e em seu interior encontrei itens como cabaças, diversas ervas secas e outros elementos naturais relacionados à medicina religiosa. Um detalhe relevante observado no Bazar Xangô foi que as plantas desidratadas eram apresentadas em embalagens semelhantes às encontradas em outras lojas do ramo, sugerindo que sua origem também poderia ser de distribuidores e não de coleta ou processamento próprio do estabelecimento, indicando que a presença de cadeia de fornecimento mais ampla e industrializada, mesmo para itens com conotação religiosa ou mística.

Figura 51: Planta baixa esquemática do Mercado do Leste Vila Nova com a indicação das bancas de ervas e remédios naturais.



Fonte: Do autor, 2025.

Ao entrar no mercado, vou primeiro à banca de Luciano André Rocha, 45 anos, com quem já havia tido contato anterior. Sua história com as plantas medicinais começou cedo, desde os 11 anos já “pegava planta para vender na feira do Vila Nova e do Garavelo”. Após um período de dois anos vendendo nas ruas como ambulante quando adulto, a maior parte de sua vida profissional foi dedicada ao trabalho no mercado, e ele estabeleceu seu ponto no Mercado da Vila Nova em 1996. Para ele, ter uma banca fixa no mercado confere “maior credibilidade para o cliente”, uma busca por legitimidade reflete-se também na modernização da apresentação dos produtos, agora com embalagens “mais limpas, higiênicas, tem rótulo, nome”. Contudo, sua prática comercial é significativamente impactada pela fiscalização da Vigilância Sanitária, que o levou a diminuir a produção de garrafadas, agora majoritariamente para amigos próximos, e a restringir o compartilhamento de modos de uso.

Essa adaptação às demandas contemporâneas fica evidente quando o comerciante conta que “70% [dos clientes] busca encapsulados, preferem comprar

pronto do que fazer o chá”, uma inclinação pela conveniência que, embora facilite o acesso, pode distanciar o consumidor do contato direto com a planta e do processo artesanal de preparo, aspectos intrínsecos à tradição. Apesar dessas modernizações, a base de seu trabalho ainda reside na crença popular e nos resultados observados. Relatos como o da cliente de 93 anos que controla a Doença de Chagas com congonha-de-bugre, os casos de cura de infertilidade, a melhora de um paciente com COVID-19 com o uso de sucupira, assa-peixe e casca de romã. Durante nossa conversa, ao pedir indicação de remédio para sinusite, ele indica o preparo de uma infusão com duas folhas de eucalipto, um dente de alho e uma pitada de açafrão, e adquiri um pacote de eucalipto seco para o preparo posterior. Questionado sobre como registra seus conhecimentos, responde que está “tudo na mente”, mas admite que a pergunta o fez perceber a necessidade de começar a registrar, pois “a memória já não é a mesma”.

O conhecimento de Luciano remonta à infância e à tradição familiar. Ele recorda da época em que seu avô era vivo, quando coletava diversas plantas como arruda, alecrim, canela, cana-de-macaco, quebra-pedra, poejo e mentrasto diretamente na chácara da família. Descreve uma divisão de papéis comum na história dos saberes com plantas, o avô plantava e a avó preparava os “chás”, e acrescenta que essa mesma avó também benzia quando mais nova. Atualmente, não mais coleta plantas, dependendo de distribuidores e mateiros (cinco no momento da pesquisa), com mais de 70% de suas ervas provenientes da Bahia. Ele lamenta que a tradição de “pegar planta no mato”, que considera “50% da tradição”, tenha se perdido, citando a fiscalização e a dificuldade de acesso a propriedades como principais obstáculos. Luciano retrata, assim, a adaptação de conhecimentos ancestrais, herdados principalmente de sua família baiana e adquiridos ao longo da vida, às exigências de um mercado em constante transformação. Agradeço Luciano e sigo a pesquisa.

Bem próximo dali, encontrei uma segunda banca, sem identificação de nome ou placa. Ao abordar o comerciante, explico o caráter da pesquisa e menciono a conversa anterior com Luciano e pergunto se tem interesse em participar também.

Ele aceita participar, mas pede para que seu nome não seja divulgado, para isso, usaremos o nome fictício Valdemar. Valdemar, 65 anos, conta que sua entrada no ramo de ervas medicinais foi relativamente tarde, em 2021, após anos vendendo frutas ali naquela mesma banca, onde seu pai já atuava desde a década de 1970. Essa transição sugere uma adaptação impulsionada tanto pela tradição familiar de presença no mercado quanto pela necessidade de novas frentes de trabalho (Figura 52).

Figura 52: Variedade de produtos na prateleira, garrafadas e xaropes naturais industrializados junto com insumos naturais, como resina de jatobá.



Fonte: Do autor, 2025.

Seu aprendizado no novo ramo, descrito como “na tora”, ou seja, de forma prática e diária e “com os outros”, através da interação com clientes, além das memórias dos chás da mãe e do contato com plantas ao auxiliar o pai agricultor, sugerindo uma aquisição de conhecimento funcional e direcionado, focado nas demandas imediatas do balcão, em vez de uma transmissão intergeracional de saberes. Atualmente, Valdemar opta por vender e revender plantas e remédios naturais, adquirindo seus produtos de distribuidores, fornecedores e mateiros, sem se dedicar ao cultivo, alegando falta de espaço, mas também indicando um foco na

comercialização. Ele conta não produzir garrafadas, pois "sozinho eu não arrisco", uma postura cautelosa que demonstra reconhecimento dos limites de sua expertise em preparações mais elaboradas e potencialmente arriscadas sem o domínio completo das técnicas. Durante nossa conversa, ele me deu um folheto do “Goiás Raiz” (Figura 53), uma distribuidora de insumos por atacado e varejo, que continha indicações de plantas por doença, como chapéu-de-couro, bugre, cavalinha, douradinha e ipê-roxo para ácido úrico. O uso e circulação desses materiais impressos corroboram com a observação de Machado (2008, p. 115), de que “os livros, revistas e panfletos exercem importante papel na divulgação dos conhecimentos das plantas medicinais”.

Figura 53: Panfleto da distribuidora de insumos “Goiás Raiz”.

46 PRESSÃO ALTA
Congoonha de Bugre; Sete Sangria; Valeriana; Camomila; Flor de São João; Mulungu; Maracujá.

47 PRÓSTATA
Chapéu de Couro; Cavalinha; Dente de Leão; Tansagem; Jatobá; Panacéia; Feno Grego; Velame; Algodãozinho; Carobinha; Mamacadeira.

48 PSORÍASE
Carobinha; Açoita; Flor de São João; Mamacadeira; Melissa.

49 REUMATISMO / ARTRITE / ARTRÓSE / COLUNA
Pacova; Taiúá; Salsaparrilha; Jucá; Manacá; Gainca; Sassafrás; Impossível; Garra D; Uinha de Gate; Dolomita; Canela de Velho.

50 RINS / INFECÇÕES / CISTITE / CÁLCULOS
Cavalinha; Quebra Pedra; Douradinha; Chapéu de Couro; Sere dos Rins Quem Quiser; Ciana do Brejo; Algodãozinho; Tansagem; Conto de Lajinha.

51 SINUSITE / RINITE ALÉRGICA
Buchinha Paulista; Eucalipto; Sálvia; Girassol; Emburana; Casca de Romã; Própolis; Carapá.

52 STRESS / DEPRESSÃO / INSÔNIA
Flor de São João; Valeriana; Sálvia; Mulungu; Melissa.

53 TÔNICOS FORTIFICANTES
Eucalipto; Junceba; Guarani; Cajuíba; Marapuama; Ginseng; Emburana; Sucupira; Jatobá.

54 T.P.M.
Mulungu; Flor de São João; Valeriana; Carapá; Artemisia.

55 ÚLCERAS
Espíndrea Santa; Ipê Roxo; Barbatimão; Polvinho de Lobeira; Algodãozinho; Zedoária.

56 VERMES
Erva de Santa Maria; Batata de Purga; Hortelã; Aruda; Erva-de-Bicho; Semente de Abóbora.

57 VITILIGO
Flor de São João; Mulungu; Mamacadeira; Valeriana; Passiflora; Camomila; Alecrim.

MAIORES INFORMAÇÕES
Consulte-nos através dos nossos telefones:
LOJA 01: (62) 3223-3375
LOJA 02: (62) 3212-3957

Sabemos que os orientais fazem o tratamento preventivo, logo no seu nascimento. Por isso sua faixa-etária é a maior do mundo.

...

Algumas doenças podem ser prevenidas através das Ervas Mediciniais tais como:

ANEMIA;
ÁCIDO ÚRICO;
COLESTEROL;
DIABETES;
GASTRITE;
ÚLCERAS;
GOTA;
INFECÇÃO DE ÚTERO E OVÁRIO;
CORRIMENTO;
OSTEOPOROZE;
PRÓSTATA;
HEMORRÓIDAS;
ETC.

MAIORES INFORMAÇÕES
Consulte-nos através dos nossos telefones:
LOJA 01: (62) 3223-3375
LOJA 02: (62) 3212-3957

GOIÁS RAIZ
Plantas Mediciniais

ATACADO E VAREJO
ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO
COMPRA ACIMA DE R\$ 50,00
ENTREGA GRÁTIS NO CENTRO
ENTREGAMOS EM OUTROS SETORES
COM TAXA A COMBINAR

(62) 98593-0300
(62) 98524-7373

LOJA 01: (62) 3223-3375
AVENIDA GOIÁS Nº 1.718 - ST. CENTRAL
GOIÂNIA - GO
(ENFRENTA A IGREJA MUNDIAL)

LOJA 02: (62) 3212-3957
AV. GOIÁS QD. 110 LT. 126 - ST. CENTRAL
GOIÂNIA - GO
(AO LADO DO RESTAURANTE CIDADÃO)

Fonte: Do autor, 2025.

Em outra interação, Francisco Nogueira Neto, 73 anos, conhecido como “Chico das Ervas”, tem uma história semelhante de adaptação. Trabalha no mercado desde a década de 1980, fez a transição do comércio de verduras para o de ervas medicinais há cerca de uma década, uma resposta pragmática às

transformações do mercado, com a perda de espaço da venda de hortifrutigranjeiros para supermercados e feiras. Diferentemente de muitos praticantes da fitoterapia popular que herdaram o conhecimento predominantemente por via familiar, o aprendizado de Chico das Ervas trilhou um caminho distinto, ao afirmar que “fez cursos e aprendeu o que sabe pela curiosidade”. Ele admite nunca ter cultivado por falta de “lugar apropriado”. Seu foco reside, portanto, no conhecimento adquirido para a comercialização e a indicação das ervas e produtos prontos. Ele enfatiza que o processo de atendimento envolve conversar para que o cliente explique “porque tá com tal doença, aí sim, vai poder indicar algo”.

Por fim, a pesquisa incluiu uma conversa com Osmar, nome fictício, um comerciante que trabalha no Mercado da Vila Nova há 31 anos, na área da tabacaria. Ele conta que, para complementar a venda dos seus produtos de fumo tradicionais (como fumo de corda e charutos), passou a oferecer também produtos naturais ao seu negócio. Entre estes, destacam-se xaropes industrializados como Natu Bronc, Cura Tosse e Xarope da Vovó, xarope de sucupira, pomadas, óleos e garrafadas prontas, a exemplo da popular “Taradão”. Osmar expõe suas mercadorias em uma pequena cristaleira (aproximadamente 1x0,45m) e em um armário, em seu ponto localizado no corredor, ao lado do banheiro masculino, onde costuma ficar sentado, observando o movimento (Figura 54). Além dos itens de tabacaria e dos remédios naturais mencionados, sua banca oferece outros produtos como isqueiros, canivetes, seda, erva mate e cachimbos.

Figura 54: Cristaleira onde ficam expostos os produtos de Osmar.



Fonte: Do autor, 2025.

As experiências etnográficas nos mercados dos bairros Central e Leste Vila Nova de Goiânia revelam que o comércio de plantas medicinais e saberes tradicionais é um campo heterogêneo e dinâmico. A narrativa de cada comerciante ilustra diferentes estratégias de adaptação às dinâmicas contemporâneas, alguns como Deroci, Ana Carolina e Luciano que carregam uma herança familiar e um conhecimento mais profundamente enraizado nas práticas tradicionais, embora também se adaptem às demandas contemporâneas, outros, como Leda, Valdemar e Chico, ingressaram no ramo mais tardiamente, muitas vezes por necessidade ou oportunidade comercial, desenvolvendo um conhecimento mais funcional e pragmático, focado na revenda e na adaptação às preferências dos consumidores urbanos, como a busca por encapsulados e produtos de fácil uso. Mesmo comerciantes com foco em outros segmentos, como Osmar na tabacaria, reconhecem a demanda e incorporam produtos naturais industrializados.

Em todos os casos, o mercado emerge como um espaço de acesso a esses produtos e, em graus variados, de circulação de saberes (Figura 55). Contudo, é

evidente que a forma como esse conhecimento é praticado, transmitido e consumido está em contínua transformação. A influência da lógica de mercado, as exigências da Vigilância Sanitária, a dependência de distribuidores e a preferência dos consumidores por conveniência moldam significativamente as práticas. Observa-se uma tensão constante entre a manutenção de um saber-fazer artesanal e as pressões comerciais e regulatórias, levando a adaptações como a diminuição da produção de garrafadas caseiras e a ênfase em produtos embalados e rotulados.

Figura 55: Materialidades encontradas no percurso da pesquisa nos mercados.





Fotos: Do autor, 2024.

Apesar dessas transformações e da fragmentação da cadeia de conhecimento, onde o contato direto com a coleta e o preparo original das plantas muitas vezes se perde, a persistência desse comércio e a contínua procura por essas materialidades indicam a resistência dessas práticas culturais. Assim, os mercados públicos de Goiânia, com sua diversidade de atores e práticas, exemplificam essa metamorfose, demonstrando que, embora distintos dos saberes mais profundos de cura tradicionalmente cultivados em outros âmbitos, desempenham um papel fundamental na manutenção da disponibilidade desses recursos e na contínua adaptação da cultura popular à vida urbana contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação investigou as dinâmicas socioculturais dos saberes medicinais associados às plantas na paisagem urbana de Goiânia, a partir de suas espacializações. O panorama teórico sobre os apagamentos, resistências e transformações, articulado ao longo da pesquisa, permitiu aprofundar a compreensão da dimensão espacial desses saberes, elucidando o papel dos locais de cultivo doméstico (quintais e jardins) e de comercialização (mercados, feiras, lojas) como “pontos de acesso” (Giddens, 1991), onde diferentes sistemas de conhecimento tradicional, popular e científico se encontram, interagem e se tensionam. Constatou-se que, embora sujeitas a intensas transformações e pressões, essas práticas demonstram a capacidade de adaptação, manifestando-se de formas diversas no tecido urbano. Ao revisitar o cenário pesquisado por Machado (2008) há 17 anos, observou-se um aumento nos locais de comercialização, indicando demanda pelas materialidades e pelos conhecimentos associados às plantas.

A pesquisa de campo identificou que as transformações urbanas e a pressão exercida pelo capitalismo tiveram um impacto significativo na relação dos raizeiros e outros praticantes com a natureza que orienta esses saberes de cura. Na prática cotidiana, observou-se que muitos sujeitos perderam o contato com a cadeia integral que envolve esses usos. Compreende-se que uma parte importante para a manutenção dessas práticas reside nos rituais que a envolve, como a coleta, manuseio e preparo das ervas, a perda dessa tradição implica, para muitos, na perda da dimensão simbólica com a natureza. Em decorrência disso, nas cidades, a conexão tangível com a natureza frequentemente se manifesta de forma mediada e controlada, através de produtos industrializados, reflexo da mercantilização e fragmentação da natureza. A experiência etnográfica nesses espaços de comércio confirmou os expressivos impactos da industrialização na transformação da forma como as plantas são encontradas e utilizadas. Contudo, a pesquisa também revelou que essas transformações influenciadas pela indústria, são as que, paradoxalmente, podem possibilitar sua manutenção em novos formatos.

O estudo, ao percorrer a memória dos interlocutores, contribuiu para a compreensão dos impactos dessas transformações econômicas e culturais em suas identidades. A articulação entre as práticas observadas e os conceitos teóricos permitiu compreender não apenas as dinâmicas dessas práticas, mas também as complexidades urbanas contemporâneas que permeiam essa manifestação na cidade. O trabalho contribui para produção de conhecimento ao aproximar uma prática cotidiana na vida brasileira, como o “chá” caseiro, a garrafada, o uso de fitoterápicos e a memória afetiva do quintal, para os estudos da História e Teoria da Arquitetura e da Cidade. Esses saberes, enquanto fenômeno cultural enraizado nas tradições populares, transcendem a função de cuidado e cura, servindo como mecanismos de preservação da memória coletiva, fortalecimento de laços comunitários e afirmação da identidade cultural local. Através da continuidade e do uso cotidiano desses saberes, os sujeitos reafirmam suas identidades e suas relações com a paisagem urbana.

Ao percorrer a paisagem urbana de Goiânia em busca desses espaços, a experiência revelou não apenas a comercialização de ervas e remédios naturais, mas a circulação, a manutenção e a ressignificação desses conhecimentos de cura. A interação entre comerciantes e consumidores, as narrativas que emergem, as formas de apresentação dos produtos e as próprias plantas comercializadas são manifestações dessa cultura viva. Ademais, a abordagem etnográfica, complementada pelo uso de desenhos na elaboração do pensamento etnográfico, mostrou-se uma ferramenta valiosa para a visualização das narrativas e dinâmicas urbanas. O uso de diversas técnicas visuais contribuiu para a compreensão que supera mapas oficiais e narrativas puramente textuais, buscando trazer à tona elementos do cotidiano presentes no universo da pesquisa.

Os saberes medicinais com plantas representam apenas um exemplo dos conflitos e das disputas presentes na paisagem urbana, diante disso, é necessário pensar estratégias para conter a descaracterização cultural em meio à crescente apropriação capitalista. Algumas questões ainda demandam aprofundamento futuro, como o impacto do uso predatório de alguns “mateiros”, a dificuldade de

rastreabilidade da origem geográfica dos insumos das lojas e as disputas territoriais entre comerciantes e órgãos de fiscalização, como a Vigilância Sanitária.

Ao final, diante do exposto, a pesquisa destaca a urgência de se reconsiderar o papel da natureza na paisagem urbana sob múltiplas óticas e escalas, do planejamento da cidade, da arquitetura e da vivência da rua. É preciso refletir sobre como naturalizamos a ausência de árvores e vegetação nativa e o empobrecimento causado pelo uso de um paisagismo global, práticas de construção da paisagem diretamente ligadas aos apagamentos históricos que os saberes tradicionais sofrem. Cidade e natureza devem ser interpretadas de forma simétrica, procurando alternativas ao paradigma ocidental que historicamente separou cultura e natureza. A capacidade dos saberes tradicionais com plantas de articular e mover pessoas, observada ao longo da pesquisa, demonstra que esse esforço precisa ser coletivo. Com a mesma epígrafe que abriu este trabalho, encerra-se esta reflexão, para lembrar que “sem folha não tem vida, sem folha não tem nada”.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 216p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES. *Revista da ANPEGE*, [S. l.], v. 2, n. 02, p. 103–114, 2017. DOI: 10.5418/RA2005.0202.0009. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Mulheres rurais: a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, ano XXVII, n. 2, p. 138-161, jul./dez. 2016. ISSN: 2318-2695.

AMARAL, Marília. *Oralidade e memória social no ofício de raizeira e raizeiro do Cerrado*. Revista Eletrônica Trilhas da História, Três Lagoas, v. 13, n. 26, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.55028/th.v13i26.20446>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

ARRAIS, J.; MEDEIROS, V. O CENTRO ANTIGO DE GOIÂNIA: configuração e vitalidade nos espaços públicos centrais. *Revista Jatobá*, Goiânia, v. 3, 2021. DOI: 10.54686/revjat.v3i.67143. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/67143>>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.11-66, 2014.

BISPO, A. dos S. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. *RURIS (Campinas, Online)*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.53000/rr.v1i1.643. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16758>>. Acesso em: 2 set. 2024.

BRASIL (Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006). *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518231>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. *A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos*. Brasília, 2006. 147 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). *Suplementos alimentares*. Brasília, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/alimentos/suplementos-alimentares>>. Acesso em: 1 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plantas medicinais e Fitoterápicos*. Brasília, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/plantas-medicinais-e-fitoterapicos>>. Acesso em: 1 maio 2025.

BRITTO, Pedro Dutra. *Biopolíticas e processos de subjetivação: episódios de natureza celibatária, ruína e utopia na cidade*. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2013.

BRITTO, Pedro Dutra; FONSECA, Carolina Ferreira. *Maquinações de natureza em episódios urbanos*. Urbana, Campinas, v. 8, n. 2, p. 210–232, maio/ago. 2016.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas. *Revista Nures*. A magia das plantas, n. 26, 2014.

CARDIM, Ricardo. *Paisagismo Sustentável para o Brasil: Integrando natureza e humanidade no século XXI*. São Paulo. Olhares, 2022.

CASTELLS, Manuel. *A Crise da Legitimidade Política: Não nos Representam* (C. 1). In: *Ruptura: A Crise da Democracia Liberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2018. p. 8-21.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P. 35-198.

CHAVEIRO, E. F. A urbanização do cerrado: espaços indomáveis, espaços deprimidos. *Revista UFG*, [S. l.], v. 12, n. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48318>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

CLÉMENT, Gilles. *Jardins, paisagem e gênio da natureza*. Salvador: EDUFBA, 2024.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens: EdUFRJ, 2016. 388 p.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS (CFN). *Multimistura: A Posição do CFN*. 2009. Disponível em: <<https://www.cfn.org.br/index.php/noticias/legacy-505/>>. Acesso em: 01 de maio de 2025.

DAHER, T. *Goiânia, Uma Utopia Européia no Brasil*. Volume 1: Coleção Brasil Central. Goiânia, 2003.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. (coord.). *Farmacopéia popular do Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari, 2010. Disponível em: <<https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&rid=2765>>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

DI STASI, Luiz Claudio. *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. 1ª reimpr. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1995. ISBN 85-7139-117-3.

DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 83–101, 2004. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i19p83-101. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/paam/article/view/40221>>. Acesso em: 1 maio. 2025.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. [S. l.]: Elefante, 2017

FERRARA, Lucrecia d'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

GARCIA, Azenaide Lopes Pereira; FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. O Mercado Central de Goiânia na trajetória histórico-cultural goianiense. *Cultura, Identidade e Região*, v. 13, n. 1, p.171-196, 2023.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GOMES, S. I. M. S. *Etnobotânica no Jardim Botânico Tropical: o seu interesse para o público*. 150p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 59-76.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os patrimônios e o tempo. *Ciência Hoje. Revista de Divulgação Científica da SBPC*. Suplemento Trimestral. Rio de Janeiro, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016, p.17-55.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

IPHAN. *Patrimônio Imaterial*, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Clêidna Aparecida de. *Objetos biográficos e narradores de Hidrolândia-GO: Ressonâncias patrimoniais*. 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

LIMA, Gabriel Aires Peixoto de. *O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás*. 2022. 208 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2022.

LIMA, Gabriel Aires Peixoto de; FARIA, Bárbara Luiza Xavier. O saber popular sobre plantas medicinais: a resistência cultural da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Rio Vermelho. *Anais do IX Congresso de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura*, Goiás, 2020.

LIMA, Luana Nunes Martins de. *Lugar e memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência*. 2017. 394 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2ª ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2008.

LOTIERZO, T.; HIRANO, L. F. K. Jogos de barbante, linhas, amarrações e outras figuras na composição de etnografias escritas e sensoriais. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 24, n. 64, 2023. DOI: 10.22456/1984-1191.132416. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/132416>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MACHADO, José Henrique Rodrigues. *Cultura, festas, rezas e benzeções nas performances populares*. 1ª ed. Goiânia: Editora Alta Performance, 2023.

MACHADO, L. H. B. *Raizeiros de Goiânia: as representações entremeadas nos usos e nas redes de distribuição e comercialização das plantas medicinais em Goiânia - GO*. Orientadora: Maria Geralda de Almeida. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, out. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia urbana. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 101-114.

MAHLER, C. R.; MELLO, F. A. O. *De Mercado Municipal Vila Operária a Mercado Municipal Centro-Oeste: tempo, história e arquitetura*. Revista Jatobá, Goiânia, v. 2, 2020. DOI: 10.54686/revjat.v2i.65709. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/65709>>. Acesso em: 7 jan. 2024.

MALARD, Maria Lúcia. *As aparências em arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/4710>>. Acesso em: 3 jun. 2025.

MELLO, M. M. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOYSÉS, A.; SILVA, E. R. Ocupação e urbanização dos cerrados: desafios para a sustentabilidade. *Cadernos Metrópole*. 2008, v. 20, p. 197-220. ISSN: 1517-2422. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402837801011>>. Acesso em: 7 jan. 2024.

NASCIMENTO, Evando. Floresta é o mundo: o pensamento vegetal. In: VIANNA, Hermano et al. (Org.). *Ensaio Flip: plantas e literatura*. Paraty: Ministério do Turismo / Associação Casa Azul, 2021.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 3, nº 2, p. 57-67, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, A. M. V. de; PEIXOTO, E. R. Memórias e Cotidiano de um Bairro em Goiânia. *Revista Jatobá*, Goiânia, v. 4, 2022. DOI: 10.5216/revjat.v4.74657. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/74657>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Sujeitos não desejados no espaço planejado: disputa de territorialidades na construção de Goiânia*. Territorialidades na América Latina / Maria Geralda de Almeida. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE, 2009.

PEREIRA, Néli. *Da botica ao boteco: Plantas, garrafadas e a coquetelaria brasileira*. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Mesa, 2022

PESAVENTO, Sandra Jatohy. *Cultura e Representações, uma trajetória*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan/dez. 2006.

POTIGUARA, Eliane. *O pássaro encantado*. 1ª ed. São Paulo: Jujuba, 2014.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. *Mercados Municipais*, 2023. Disponível em: <<https://www.goiania.go.gov.br/sobre-goiania/mercados-municipais/>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

QUEIROZ, Evandro de; VILELA, Maria Esther de A.; CARNEIRO, Livia Martins; LAUREANO, Lurdes Cardoso; DIAS, Heleno Ferreira. Cartilha. In : DIOCESE DE GOIÁS (Goiás). *Nossas plantas, nossa saúde*. [S. l. : s. n.], 1998. p. 1-136.

QUEIROZ, M. de S.; CANESQUI, A. M. Contribuições da antropologia à medicina: uma revisão de estudos no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 141-151, 1986. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101986000200005>>. Acesso em: 22 de março de 2025.

RIBEIRO, R. F. A medicina no sertão: uma "garrafada" de ervas e tradições. In: IORIS, E. (Coord.). *Plantas medicinais do cerrado: perspectivas comunitárias para a saúde, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável*. Mineiros: FIMES, 1999. p. 174-175.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Orgs.). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013, p. 21-46.

RODRIGUES, Eliana; DAINEZI, Gabrielle; SAUINI, Thamara (org). *Canteiros medicinais periféricos: O comunitarismo das plantas*. São Paulo: GLAC edições, 2025.

SABINO JUNIOR, Oscar. *Goiânia global*. Goiânia: Oriente, 1980.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, p. 3-46. 2007.

SANTOS, J. E. dos; SILVA, A. F. da; SOARES, M. M.; BANDEIRA, S. Érika A. de C. Feira Livre: Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Socioculturais Populares – a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN). *Sociedade e Território*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 58–75, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3523>>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SOUZA E. A.; SANTOS R. J. *Paisagens culturais no Cerrado em transformação*. Observatório Geográfico de América Latina, 2014. 15p. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/125.pdf>> Acesso em: 15 de jun. 2024.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de et. Al. (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

TOURINHO, Helena Lucia Zagury; SILVA, Maria Goreti Costa Arapiraca da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 3, p. 633-651, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981.81222016000300006>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TUAN, Y.-F. *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

VIU, Alessandra F. M.; VIU, Marco Antônio de Oliveira; CAMPOS, Letícia Zenóbia de Oliveira. Etnobotânica: uma questão de gênero?. *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 138–147, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/49060>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

APÊNDICE A

Glossário medicinal da planta ao remédio

Os usos medicinais das plantas variam de acordo com as tradições locais, os saberes transmitidos oralmente e as práticas cotidianas. Este glossário busca apresentar uma visão geral das principais formas de preparo e aplicação, servindo como um guia para o leitor ao longo da pesquisa. Os remédios podem variar desde preparos caseiros, enraizados no conhecimento popular, até processos industrializados, que adaptam esses saberes ao contexto contemporâneo. Cada método possui características específicas, que variam conforme a parte da planta utilizada (folhas, raízes, flores, cascas, entrecascas, resinas, etc), o solvente empregado (água, álcool, óleo) e as formas de utilização (ingestão, aplicação tópica, banhos). A compreensão dessas práticas é fundamental para a valorização e a preservação desses conhecimentos tradicionais, bem como para o registro de seus usos contemporâneos. As informações aqui apresentadas foram baseadas em práticas tradicionais e usos comumente relatados na experiência de campo e em estudos etnobotânicos.

Inicialmente, é fundamental apresentar informações gerais que orientem o uso adequado dos preparos medicinais. De acordo com Queiroz *et al.* (1998, p. 19), os remédios devem ser administrados nos horários corretos para que tenham o efeito desejado. Para isso, há recomendações específicas quanto ao horário de uso dos remédios caseiros, conforme suas finalidades terapêuticas. Sugere-se que depurativos, diuréticos e vermífugos sejam consumidos meia hora antes do café da manhã, já os fortificantes e indicados para acidez estomacal, meia hora antes do almoço e do jantar. Os digestivos e indicados para gases são comumente utilizados depois do almoço e do jantar, enquanto os remédios indicados para o mau funcionamento do fígado e com efeito laxante, são, preferencialmente, administrados antes de dormir.

Ademais, é importante ressaltar que, quando utilizadas de maneira indevida, as plantas podem apresentar toxicidade ou provocar efeitos colaterais. Além disso, seu uso associado com medicamentos pode resultar em interações indesejadas

entre os compostos vegetais e os princípios ativos dos fármacos. Nesse sentido, tradicionalmente os saberes tradicionais incorporam o respeito no manejo das ervas, como os compartilhados pela raizeira Maria Luiza, coordenadora da Pastoral da Saúde Regional Rio Vermelho. Segundo ela, a diferença “entre o remédio e o veneno está na dosagem”, reforçando a necessidade da atenção às quantidades empregadas²³. Além do rigor com a dosagem, ela recomenda, antes do preparo do remédio, realizar uma oração pedindo bênçãos para que o preparado possa levar a cura a quem necessita (Figura 56).

Figura 56: Oração à Nossa Senhora dos Remédios, escrita a mão por Maria Luiza.

Nossa Sra dos Remédios

O Virgem Maria mãe de Jesus, nós nos pedimos uma bênção especial para estes remédios que vamos preparar. Pedimos mãe que todas as pessoas que deles tomarem sejam curados das enfermidades do corpo e da alma.

Nossa Senhora dai nos força e sabedoria para continuar nossa missão de curar através das plantas medicinais que seu Filho nos deixou como legado.

Amém

João, 18/9/21

Fonte: Lima, 2022.

²³ Medidas comuns utilizadas nos preparos: Colher (sopa) = 15 mL / 3 g. Colher (sobremesa) = 10 mL / 2 g. Colher (chá) = 5 mL / 1 g. Colher (café) = 2 mL / 0,5 g. Xícara (chá) ou copo = 150 mL / 150 g. Xícara (café) = 70 mL / 70 g.

BANHO

Definição De acordo com Araújo (2004, p. 146), trata-se de um remédio preparado com água fervida junto a plantas aromáticas ou de propriedades curativas. Além do uso medicinal, também é utilizado para atrair boas energias e está fortemente ligado à espiritualidade e a religiões de matriz afro-brasileira.

Modo de uso É preciso banhar o local do corpo afetado por cerca de 10 minutos, para fins terapêuticos (Queiroz *et al.*, 1998, p. 14). Já para fins energéticos e relaxantes, o líquido é derramado no corpo após o banho, junto de orações e intenções.

Uso comum Para atrair sorte são usadas a alfavaca, capim-santo, hortelã ou cidreira, enquanto arruda, alecrim, guiné, santa-Bárbara ou juremeira são usadas em banhos para proteção contra energias negativas (Araújo, 2004, p. 146). Já um exemplo comum de banho medicinal, são os banhos de assento, feitos para aliviar sintomas que acometem as regiões íntimas, principalmente das mulheres, geralmente é usado camomila, barbatimão, calêndula, malva, alecrim ou hortelã, dependendo do objetivo terapêutico.

Modo de preparo Segundo Queiroz *et al.* (1998, p. 14), para esse preparo é preciso cozinhar de 30 a 60g de planta para cada litro de água por 20 a 40 minutos, o tempo e a quantidade variam de acordo com a planta utilizada. Após esse tempo, o líquido é coado e reservado para o uso.

COMPRESSAS

Definição Consiste em utilizar um pano ou gaze embebido em chá morno ou frio, dependendo da condição a ser tratada.

Modo de uso Aplicar a compressa sobre o local afetado, cobrindo com outro pano grosso para conservar o calor, caso a compressa seja morna (Queiroz *et al.*, 1998, p. 17).

Uso comum Compressa morna de erva-doce, hortelã ou camomila aplicadas na região do abdômen para alívio de cólicas menstruais ou abdominais.

Modo de preparo Faça o preparo de um chá bem forte, uma proporção menor de água para a de planta, mergulhe um pano limpo ou gaze nesse preparo, torça bem o pano e está pronto para o uso (Queiroz *et al.*, 1998, p. 17).

EMPLASTRO OU CATAPLASMA

Definição	Massa pastosa feita com partes frescas ou secas da planta, misturadas com água.
Modo de uso	A mistura é aplicada diretamente na pele ferida ou envolta em um pano fino e aplicado no local, permanecendo por tempo indeterminado.
Uso comum	É usado por seu efeito calmante em inchaços, pancadas, abscessos, gota, reumatismo, nevralgias, entre outros (Queiroz <i>et al.</i> , 1998, p. 16-17).
Modo de preparo	Deve-se socar partes da planta fresca ou adicionar água fervente na mistura caso sejam ervas secas, até que se forme uma pasta. (Queiroz <i>et al.</i> , 1998, p. 16-17).

ENCAPSULADO OU PÍLULA

Definição	São pílulas de ervas em pó.
Modo de uso	É administrado por via oral, assim como os remédios em cápsula convencionais, a frequência depende do fim terapêutico.
Modo de preparo	Assim como erva em pó, a planta passa pelo processo de desidratação e moagem, depois é encapsulada. Ou são preparadas de forma industrializada.

GARRAFADA

Definição	A garrafada é uma mistura de ervas em uma solução alcoólica, comumente utilizado vinho branco.
Modo de uso	Ingerida em pequenas doses e por um período determinado de tempo, após o período recomendado, pausar o uso e retomar em seguida para a melhor efetividade do tratamento.
Uso comum	Os usos dependem da combinação de ervas utilizadas, sendo que seus usos mais comuns são para tratar problemas de digestão, fortalecimento do sistema imunológico e alívio de dores reumáticas.

Modo de preparo	Mistura de várias plantas medicinais maceradas em álcool (de cereais, por exemplo) ou vinho branco, armazenadas em garrafas (daí o nome) por um período de fermentação, geralmente de sete a quinze dias.
------------------------	---

INFUSÕES OU “CHÁS”

Definição	Extrato de ervas obtido por meio de qualquer parte da planta colocada em água quente (Lorenzi; Matos, 2008). Além disso é a forma de preparo mais conhecida e utilizada popularmente de remédios feitos a partir de plantas medicinais.
------------------	---

Modo de uso	É um preparo usado por pessoas de todas as idades, para inúmeros fins terapêuticos. Quase sempre se adiciona açúcar, às vezes é adicionado sal ou não é adoçado. Pode ser tomado em qualquer temperatura, mas para tomar muito quente deve-se tomar cuidado.
--------------------	--

Uso comum	Abrange muitos usos comumente conhecidos, como boldo para o mal estar estomacal, camomila para dormir melhor, gengibre para reduzir inflamações, entre outros.
------------------	--

Modo de preparo	A forma de preparo depende da parte da planta utilizada. Caso sejam usadas as partes aéreas ou macias, como folhas e flores, é indicado que seja preparado por infusão. Nesse modo de preparo, deve-se utilizar água quente, antes do ponto de fervura (quando começar a borbulhar), adicioná-la às folhas ou flores, tampar o recipiente e esperar de 3 a 5 minutos, em seguida coar e utilizar o preparo conforme desejado. Já para as partes mais “duras” da planta, como caules, cascas, rizomas e raízes, o modo de preparo recomendado é a decocção. Ao contrário da infusão, a decocção deve-se ferver a parte da planta em água de 3 a 5 minutos, após esse tempo é só coar e usar como preferir (Queiroz et al., 1998, p. 13). Segundo Araújo (2004, p. 137), a proporção usada normalmente para o preparo de chás é de 20g de ervas frescas para 1 L de água (4 colheres de sopa de erva para 1 L de água). Já no caso de ervas secas, usam-se 10g de erva para 1 L de água (5 colheres de sopa de erva para 1 L de água).
------------------------	--

LAMBEDOR OU XAROPE

Definição	Lambedor, termo popular para “xarope”, é uma mistura de plantas medicinais com uma base adocicada, geralmente mel, melaço e açúcar mascavo, às vezes
------------------	--

acompanhada de álcool e limão. Muito semelhante ao xarope convencional, se diferenciando principalmente pela espessura mais densa, sabor mais forte e sua feitura sendo mais caseira.

Modo de uso De acordo com Araújo (2004, p. 137), o lambedor era, tradicionalmente, consumido lambendo o melado (geralmente feito de açúcar e água) direto da folha ou casca medicinal, após essa combinação passar três noites seguidas exposta ao sereno. No entanto, sua forma de consumo mais popular, nos dias de hoje, é usar uma colher para aparar a mistura e tomar, geralmente se toma de 2 a 3 vezes, variando de acordo com a idade da pessoa, a finalidade terapêutica e a composição do remédio.

Uso comum Principalmente para melhora do sistema imunológico e problemas respiratórios, como gripe, asma e tosse.

Modo de preparo Segundo Queiroz et al. (1998, p.17), uma das formas tradicionais de se fazer o lambedor consiste em inicialmente se fazer um chá concentrado das plantas medicinais. Depois de frio, deve-se coar, adicionar o açúcar e voltar ao fogo até ferver e dissolvê-lo. Para que o remédio atinja um ponto ideal é recomendada a proporção de duas partes de açúcar para uma de água (para cada litro de chá, 1800g de açúcar). Após esfriar, a mistura é colocada em vidros previamente fervidos, para que estejam devidamente higienizados.

ÓLEO

Definição Extração dos princípios ativos da planta em óleo vegetal, por meio de maceração ou infusão.

Modo de uso Muito usados em massagens terapêuticas, compressas, direto no local afetado e aromaterapia.

Uso comum Principalmente para alívio de dores musculares, ação anti-inflamatória, hidratação da pele e massagens terapêuticas.

Modo de preparo Colocar a erva e o óleo (de girassol, por exemplo) em um vidro de boca larga, enrolar em um pano, colocar em banho maria por 30 minutos, a partir da fervura.

Deixar esfriar na panela. Filtre a mistura com o coador de papel e envase nos frascos (Lima, 2022, p. 195).

PÓ

Definição Partes da planta secas e moídas até virar pó, geralmente utilizado para que as ervas durem mais e por sua infinidade de uso.

Modo de uso Pode ser administrada via oral (puro, diluído em algum líquido ou mel, tomada em cápsula), para feitura de chás (quando não se tem acesso a planta fresca), direto na pele (em emplastro) ou em cosméticos (sabonetes, esfoliantes, outros).

Uso comum Um dos mais conhecidos, popularmente, são as ervas desidratadas, que é a forma mais comum de se fazer chá, quando não se tem acesso às plantas frescas. Outro também, muito popular, é o açafão, que geralmente é misturado com mel, e tomado para melhora da inflamação da garganta, com ação anti-inflamatória.

Modo de preparo Primeiro é feita a secagem da planta, a forma de secar depende da parte da planta. As folhas devem se secar à sombra, já as flores, cascas, frutos e raízes devem se secar ao sol, pois correm o risco de mofar caso esse processo demore muito. Após o processo de secagem as plantas que não serão utilizadas logo podem ser trituradas de forma grosseira e guardadas em lugar seco, longe de poeira e mofo, já as que serão utilizadas em seguida, passam pela moagem até chegar a um pó bem fino (Queiroz *et al.*, 1998, p. 18).

SOLUÇÃO

Definição Dissolução de extratos vegetais, como tintura, com algum solvente, como água, álcool, vinagre ou glicerina.

Modo de uso Pode ser usado via oral, em banho, gargarejo, tópico ou em compressa.

Modo de preparo Misture a tintura e a glicerina no recipiente de vidro grande. Enrole o vidro em um pano e coloque o recipiente em banho maria, depois que abrir a fervura, contar 5 minutos aproximadamente. Se ocorrer precipitação, coar enquanto quente, após isso deixe esfriar e envase nos frascos (Lima, 2022, p. 196).

TINTURA

Definição Solução concentrada feita pela maceração de uma só planta em álcool, a fim de extrair seus princípios ativos em forma líquida (Pereira, 2022, p. 41; Lorenzi; Matos, 2008).

Modo de uso Ingestão em gotas diluídas em água ou aplicação tópica, dependendo da planta e do problema a ser tratado.

Modo de preparo Em um recipiente de vidro, coloque a erva e o álcool. Deixar curtindo de 10 a 21 dias, mantendo o recipiente longe da exposição solar, enrolado em um pano escuro. Durante esse tempo, é necessário agitar o frasco diariamente por 10 minutos. Após esse período, filtre o preparo com o coador de papel e envase nos frascos (Lima, 2022, p. 196). Geralmente, quando são usadas folhas frescas, a proporção é de 20g de planta para 100ml de álcool, sendo chamada de uma tintura a 20%. Caso sejam usadas folhas secas, a proporção é de 10g de planta para 100ml de álcool, sendo denominada uma tintura a 10% (Queiroz *et al.*, 1998, p. 15-16).

ANEXO A

Quadro de referência dos raizeiros entrevistados na pesquisa de campo de Machado (2008)

NOME	LOCALIZAÇÃO
João Queiroz Magalhães (irmão)	Casa das Raízes - Centro
Otávio Queiroz Magalhães (irmão)	Banca da Goiás com Paranaíba
Jonas Queiroz Magalhães (irmão)	Mercado Aberto
José Queiroz Magalhães (irmão)	Rua 70 com Paranaíba, abaixo da Goiás
Sr. R (sem identificação completa)	Rei das Raízes I - Campinas
Diva Aparecida	Mercado e feira Centro-Oeste
Cleone	Mercado Campinas
Ivone	Feira ao lado da Igreja Matriz de Campinas
Reni (herdou a loja do pai)	Camelódromo - Centro
Sr. C (sem identificação completa)	Clorofila - Centro
Nilo (Pai de Nilo abriu a loja para os 4 filhos)	Nativa
	Feira Centro-Oeste
Lourival (func.) Ronaldo (dono)	A raizeira
Hugo	Raízes 10
Alderícia Maria da Rocha Silva	Mercado Central
Emília (func.) Alderina Lima Brito	Mercado Central
Dionísio Machado Silva	Mercado SPL
Adalgiza Maria da Conceição	Loja - SPL
Márcio (herdou a banca do avô e resolveu vender ervas)	Mercado Central
Venceslau	Mercado Central
Maria de Oliveira Leite	Mercado Central
Deoraci Guimarães (ex-marido de Maria de Oliveira Leite)	Mercado Central
Márcia Pereira (trabalha com 2 filhos)	Mercado Central
Almir	Ambulante - Goiás atrás do BRB
João Divino (outro raizeiro da feira é seu cunhado)	Ambulante - Feira Hippie e Mercado Aberto
Liliane Dias (o ex-marido trabalhava com plantas)	Banca Feira Hippie
Eulália	Mercado Central
Filha de João Queiroz e esposa do Sr. R	Rei das Raízes II - Campinas

Anderson (sobrinho de Maria de Oliveira Leite)	Mercado Central
Primo de João Divino	Feira Hippie
José Lopes	Erva-fé, Rua 83
Família Queiroz Magalhães (Jonas, José, Otávio e João)	Goiás com Paranaíba

Fonte: Machado (2008). Adaptado pelo autor.

ANEXO B**ROTEIRO DE ENTREVISTA ELABORADO POR MACHADO (2008), ADAPTADO PELO AUTOR.****I - Saberes**

1. Desde quando trabalha com plantas medicinais?

2. () Vende () Coleta () Prepara () Revende () Faz todo o processo

3. Faz uso comumente em casa? () Sim () Não

4. A família faz uso? () Sim () Não. Por quê?

5. Amigos fazem uso? () Sim () Não

6. Com quem aprendeu esses saberes sobre plantas medicinais?

7. Sua relação com as plantas medicinais está associada a alguma doutrina, religião ou prática religiosa?

8. Fez cursos? () Sim () Não. Qual?

9. Há pessoas mais novas interessadas ou aprendendo esses saberes? () Sim () Não. Qual?

10. Como esses saberes são transmitidos?

11. Você faz algum tipo de registro das formas de uso ou histórias de cura? () Sim () Não. Qual? Por quê?

12. Passa receitas ou formas de usos? () Sim () Não. Por quê?

13. Trocas informações sobre as plantas medicinais com clientes? () Sim () Não. Por quê?

14. Faz benzimento?

15. Conhece pessoas que benzem?

16. Utiliza as plantas medicinais para preparo de banhos?

II - Representações

1. Por que as pessoas utilizam plantas medicinais?

2. Como elas descobrem os locais de venda?

3. Algum cliente chega com prescrição ou indicação médica? () Sim () Não. Que tipo? ()
Receita () Oral

4. Já ocorreu de algum cliente voltar para reclamar de resultados negativos? () Sim () Não

5. Já ocorreu de algum cliente voltar para dizer que foi curado? () Sim () Não

6. Relatos de casos de cura através do uso de remédios naturais (plantas
medicinais/garrafas).

7. Você cultiva as plantas que comercializa? () Sim () Não () Todas () Em parte () Nenhuma.
Por quê?

8. A pandemia do COVID-19 afetou seu comércio de alguma forma? Qual?

III - Usos

1. Qual o remédio mais procurado (planta/garrafada)?

2. Qual a doença que os clientes mais se queixam?

3. Quais as plantas mais difíceis de encontrar? Por quê?

4. Qual o grupo mais procura remédios naturais (plantas/garrafadas)? () Mulheres () Homens

5. Tem alguma explicação para essa procura?

6. O que as mulheres mais procuram?

7. E os homens?

8. Qual a média de idade dos clientes? () Jovens () Adultos () Idosos

9. Existem plantas que não podem ser utilizadas em conjunto? () Sim () Não. Quais? Por quê?

IV - Redes

1. Além desse local vende em outro? () Sim () Não. Quais?

2. Faz parte de algum grupo, associação ou cooperativa? () Sim () Não. Qual?

3. Vende para terceiros revenderem? () Sim () Não. Onde?

4. Produz garrafadas? () Sim () Não. Por quê?

5. Como adquire as plantas?

6. E demais produtos industrializados?

7. Possui apenas um fornecedor ou vários?

8. Esses fornecedores são pessoas que trabalham sozinhas, associação ou empresas?

9. Como conheceu o(s) fornecedor(es)?
